



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**OS DESAFIOS DE TRADUÇÃO NA LITERATURA INFANTO-  
-JUVENIL: *ARE YOU THERE, GOD? IT'S ME, MARGARET*  
DE JUDY BLUME**

Projeto apresentado à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do  
grau de Mestre em Tradução

Por  
Cristina Vicente Mondim

Faculdade de Ciências Humanas  
Setembro 2013



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**OS DESAFIOS DE TRADUÇÃO NA LITERATURA INFANTO-  
-JUVENIL: *ARE YOU THERE, GOD? IT'S ME, MARGARET*  
DE JUDY BLUME**

Projeto apresentado à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do  
grau de Mestre em Tradução

Por

Cristina Vicente Mondim

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Alexandra Lopes

Setembro 2013

## Resumo

Nas sociedades contemporâneas, nas quais os jovens têm à sua disposição tecnologia avançada que é educativa e lhes serve para ocupar os tempos livres (telemóveis, computadores portáteis, internet, *Playstation*, *X-box* e *Wii*), procura-se incentivá-los para a leitura, não só porque esta contribui para o seu desenvolvimento, ao nível da aquisição de conhecimentos linguísticos e cognitivos mas também ao nível do desenvolvimento pessoal e social. Embora tenhamos autores portugueses de literatura infanto-juvenil, existe no mercado muita literatura traduzida que, por sua vez, também assume um papel decisivo na formação desta faixa etária e também contribui para promover a interculturalidade porque através da leitura o jovem poderá conhecer uma cultura diferente da sua.

Por este motivo, o presente projeto centrou-se na temática de tradução de literatura infanto-juvenil, nomeadamente com o objetivo de descobrir quais os fatores que poderão influenciar as escolhas do tradutor e que poderão estar na origem da seleção de um texto para ser traduzido. Refleti sobre as especificidades que distinguem este tipo de texto da literatura geral, especificamente as características do público-alvo, a comunicação assimétrica, os intermediários no processo e finalmente as funções que a literatura infanto-juvenil poderá desempenhar.

Pretendi investigar a posição que a tradução e a literatura para os mais jovens ocupam nos sistemas cultural e literário e como estes poderão determinar as estratégias de tradução adotadas pelo tradutor. Como a tradução de uma obra surge num contexto sociocultural diferente do da cultura de partida, tentei compreender as exigências da cultura de chegada que poderão ter influência no processo tradutório. Por fim, tentei saber qual é o leitor da tradução e refletir brevemente sobre as vozes no texto narrativo traduzido.

Apresentei um excerto da tradução da obra *Are You There, God? It's Me, Margaret*, da escritora Judy Blume, argumentando a sua importância e mais-valia para o mercado português da literatura infanto-juvenil, nomeadamente como proposta de leitura extensiva no âmbito do ensino da educação sexual nas escolas, justificando as opções tradutórias e as estratégias adotadas na tradução.

**Palavras-chave:** tradução literária, literatura infanto-juvenil, comunicação assimétrica, interculturalidade, cultura de chegada, voz do tradutor, Judy Blume.

## Abstract

In modern societies, where youth have advanced technology at their disposal for educational purposes and also to occupy their leisure time (mobile phones, laptops, the Internet, PlayStation, X-box and Wii), we wish to motivate them to read. Reading not only contributes to their linguistic and cognitive development but it also contributes to their personal and social growth. Although there are Portuguese children's book authors, there is also much translated literature, which in turn also plays a decisive role in educating this age group, as well as contributing to the promotion of interculturalism because through reading young people can get to know different cultures other than their own.

For these reasons, this project focuses on the translation of children's literature, mainly with the aim of unveiling which factors influence the translator's choices and can be at the heart of the selection of a text to be translated. I reflected about the characteristics that make this type of literature different from the rest, specifically the characteristics of the target audience, the asymmetrical communication, the intermediaries in the process and finally the functions of children's books.

Another aim was to investigate which position translation and children's literature occupy in the cultural and literary systems and how they can determine the translation practices adopted by the translator. Since a translation of a book emerges in a different sociocultural context than that of the source culture, I endeavoured to understand the demands of the target culture that can influence the translation process. Finally, I tried to find out who the reader of the translation is and reflect briefly about the voices heard in the translated narrative text.

I presented an excerpt of the translation of Judy Blume's *Are You There, God? It's Me, Margaret* and argued that this book could be of value in the Portuguese market of children's literature, mainly as a recommendation for extensive reading in the scope of sex education in schools. I also presented an analysis and justification of the translation choices and global strategies.

**Key Words:** literary translation, children's literature, asymmetrical communication, interculturalism, target culture, the translator's voice, Judy Blume.

## Índice

Introdução .....	1
------------------	---

### PARTE I

1. A Literatura Infanto-juvenil .....	8
1.1. Problematização do conceito LITERATURA INFANTO-JUVENIL .....	8
1.2. Especificidades .....	9
1.2.1. Características do Público-Alvo .....	10
1.2.2. Comunicação Assimétrica .....	11
1.2.3. Intermediários no Processo .....	13
1.2.4. Funções .....	14
2. Tradução e Literatura Infanto-juvenil .....	18
2.1. Problematização do Conceito de TRADUÇÃO .....	18
2.2. Tradução e Literatura Infanto-juvenil .....	19
2.2.1. Exigências da Cultura de Acolhimento .....	19
2.2.1.1. Literatura Traduzida como uma Atividade Cultural.....	19
2.2.1.2. Normas da Cultura de Chegada e Estratégias de Tradução .....	23
2.2.1.3. Normas e Literatura Traduzida para Leitores Jovens.....	28
2.2.2. Público-Leitor .....	30
2.2.3. Vozes do Texto Narrativo Traduzido .....	32

### PARTE II

3. Características da Obra .....	36
4. Judy Blume e <i>Are You There, God? It's Me, Margaret?</i> .....	38
5. Excerto da Tradução de <i>Are You There, God? It's Me, Margaret?</i> de Judy Blume .....	42
6. Dificuldades Tradutórias na Obra .....	90
6.1. Dificuldades Textuais .....	91
6.1.1. Estruturação .....	91

6.1.2. Superestrutura .....	91
6.1.3. Macroestrutura .....	91
6.1.4. Microestrutura .....	94
6.2. Dificuldades Culturais .....	101
Conclusão .....	103
Bibliografia .....	107
Anexos .....	110
Anexo A – <i>Are You There, God? It's Me, Margaret</i> de Judy Blume (Excerto do Texto de Partida para a Tradução) .....	110

## Introdução

Vivemos numa era em que as novas tecnologias de informação e comunicação e os *gadgets* dominam a nossa vida profissional e pessoal. Tudo mudou: a forma como desempenhamos as nossas funções e tarefas no trabalho, como adquirimos informação e conhecimento, como comunicamos e nos relacionamos com outros, como nos ocupamos nos momentos de lazer e inclusivamente a forma como lemos, com o advento de *Kindles*, *Nexus*, *Surface* e *Ipad Mini*.

Nas sociedades contemporâneas onde as crianças e os jovens têm tecnologia avançada ao seu dispor com uma função educativa mas também para se entreter e ocupar os tempos livres (telemóveis, computadores portáteis, internet, *Playstation*, *X-box* e *Wii*), procura-se incentivá-los à leitura, não só porque esta contribui para o seu desenvolvimento, tanto ao nível da aquisição de conhecimentos (linguísticos e cognitivos), como para a sua formação pessoal e social. Assim, os livros constituem um importante instrumento de aprendizagem e a literatura traduzida também assume um papel decisivo na formação desta faixa etária. Por este motivo considero importante elaborar um projeto centrado na tradução de uma obra infanto-juvenil. Para a escolha deste tipo de literatura também contribuíram razões profissionais. A formação e educação dos jovens é uma área de interesse, pois o meu trabalho enquanto professora é ajudá-los a adquirir conhecimentos e desenvolver competências para que sejam dotados de tudo quanto precisam para serem adultos bem formados e sucedidos.

Este trabalho tem, pois, como objetivo refletir sobre os desafios de tradução que a literatura infanto-juvenil coloca ao tradutor e pretende apresentar uma proposta da tradução para língua portuguesa de um excerto de uma obra de Judy Blume, *Are You There, God? It's Me, Margaret*. O presente projeto está estruturado em duas partes: primeiro, enquadramento teórico sobre literatura infanto-juvenil e a tradução; e, segundo, a apresentação do excerto da tradução da obra e análise das dificuldades tradutórias.

O capítulo 1 centra-se em literatura infanto-juvenil onde abordarei as características que a distinguem da demais literatura. Primeiramente, é pertinente definir o conceito, porém, desde logo, deparei-me com uma dificuldade porque a definição de LITERATURA INFANTO-JUVENIL depende da cultura, do momento histórico e dos conceitos de CRIANÇA e JOVEM que cada comunidade em determinada época histórica tem e, por conseguinte, não é

transversal, nem universal e está sujeita a redefinições. Este termo designa uma tipologia de texto que engloba todos os modos, géneros, movimentos e períodos literários. É uma área de publicação que se pretende distinguir de literatura geral ou para adultos. Se tentarmos definir este conceito da perspectiva do mercado, torna-se complexo, uma vez que há livros publicados para uma faixa etária jovem que são lidos por adultos e inclusivamente há jovens que leem obras que não lhes foram destinadas. Do ponto de vista da caracterização do leitor, ou seja, do público-alvo pretendido, esta questão também não se torna menos complicada porque a primeira dúvida que se levanta é a de saber até que idade se é jovem? A resposta dependerá de cada comunidade num determinado momento histórico.

Embora a definição deste tipo de texto seja problemática, o presente projeto não tem como objetivo ocupar-se dela. Para os efeitos deste trabalho e, tendo em conta o objeto de estudo escolhido, por LITERATURA INFANTO-JUVENIL entende-se um texto narrativo, porque os modos lírico e dramático colocarão outras dificuldades ao tradutor, destinado ao público-leitor de idades compreendidas entre os dez aos doze anos e que tem alguma autonomia na leitura, como sucede no texto de partida.

Relativamente às especificidades deste tipo de texto, discutirei as características que fazem com que a literatura infanto-juvenil se distinga de outras áreas de publicação literária. Se se pretende produzir um texto para crianças ou jovens, deve-se ter conhecimento do estágio de desenvolvimento do leitor, quer ao nível de vocabulário, de leitura e compreensão de textos escritos, das capacidades cognitivas, quer ao nível de conhecimento da sua cultura e de outras para poder adequar-lhe o discurso. Deve-se tornar o discurso apelativo no que respeita à linguagem utilizada e aos interesses das crianças e dos jovens, levando os leitores a identificarem-se com a história, as personagens e os assuntos abordados na obra.

Outra especificidade desta tipologia textual é o facto de existir uma desigualdade acentuada entre o jovem leitor e o adulto produtor do texto, resultando esta diferença numa assimetria na comunicação, como sugere Emer O'Sullivan (2009). O escritor ou tradutor pensa, age e fala de forma diferente do jovem e tem as competências linguística e cognitiva mais desenvolvidas e, para além disso, também tem mais experiência, conhecimento enciclopédico e mundividência. Se ao produzir um texto se deve adequar o discurso de forma a estar em consonância com os interesses e capacidades do público-leitor, isso só será possível através de suposições que o tradutor ou escritor faz, baseando-se na observação e no contacto direto com a faixa etária a que se destina a obra. A visão que cada cultura e cada

indivíduo tem de criança ou jovem também constitui um fator decisivo na maneira como se escreve (cf. Oittinen, 2000) e, no que respeita a textos traduzidos, há uma dificuldade acrescida: a cultura de partida e de chegada poderão não partilhar a mesma conceção do que é jovem, e o tradutor poderá também ter uma perspectiva diferente da de o escritor.

São diversos os intermediários, em geral adultos, que desempenham um papel decisivo na literatura infanto-juvenil. Dependendo da idade do público a que se destina uma dada obra literária, poderá haver um leitor adulto a considerar porque, em muitos casos, é este que compra e/ou aconselha o livro. Consequentemente poderá ser necessário ter em conta o leitor adulto porque este tem expectativas em relação àquilo que é considerado leitura adequada para os mais jovens, sobretudo ao nível da linguagem utilizada e dos temas abordados. Para além deste leitor adulto, que pode ser pai, mãe, educador, professor, etc., há outros que intervêm neste processo, como o editor e o revisor, por exemplo. Cada intermediário tem expectativas e interesses, o que significa que o tradutor deverá negociar expectativas antes de a obra chegar ao público infanto-juvenil.

As funções desempenhadas pela literatura para os mais jovens são outra especificidade que o tradutor não pode ignorar. As estratégias de tradução que adota poderão ser escolhidas tendo em conta como o tradutor vê este tipo de texto, ou seja, a tradução poderá ter uma função meramente pedagógico-lúdica, ou será importante tornar visível as suas outras funções sociais, de modo a contribuir para a formação geral do leitor enquanto indivíduo inserido numa determinada sociedade e cultura, enquanto cidadão nacional e/ou enquanto cidadão num mundo globalizado? Nesta perspectiva, a literatura infanto-juvenil traduzida poderá ser promotora de interculturalidade, levando as crianças e os jovens a reconhecer que, apesar das diferenças culturais existentes entre sociedades, há semelhanças, pontos de contacto e possibilidades de diálogo, levando-os a conhecer o mundo.

O capítulo 2 centrar-se-á na articulação entre tradução e literatura infanto-juvenil. Argumentarei que traduzir não é apenas verter um texto escrito numa língua para outra. Através da língua comunica-se a forma como se pensa, a cultura e o contexto sociocultural em que o indivíduo produtor da mensagem está inserido. Portanto, não se traduzem apenas palavras, traduz-se o contexto, quer o da enunciação, quer o sociocultural. Em meu entender, o tradutor deve centrar-se na cultura de chegada e no seu leitor para poder construir um texto legível nessa nova língua, auxiliando assim a transmissão da mensagem, de modo a esta ser uma ato comunicativo bem sucedido. Esta posição não deve confundir-se com o impulso

para ser fiel à cultura de chegada e ignorar o texto de partida. Trata-se antes de privilegiar o leitor e a mensagem da obra, pois não é possível transmitir as suas ideias sem as tornar compreensíveis no contexto da cultura de chegada, preservando algumas marcas culturais e alterando outras. Nesta perspectiva defenderei que há exigências da cultura de acolhimento que influenciam o processo de tradução.

Este posicionamento tradutório e tradutológico alicerça-se num suporte teórico muito influenciado pelo contributo da “Escola de Telavive”. A Teoria dos Polissistemas desenvolvida por Itamar Even-Zohar nos anos 70 foi importante para se entender a literatura traduzida como uma atividade cultural. Para o investigador israelita, o sistema literário não pode ser estudado isoladamente de outros sistemas, porque se integra num polissistema que é dinâmico e está sujeito a transformações. A Teoria dos Polissistemas assenta na ideia de que, para se estudar literatura, temos de estudá-la tendo em conta os sistemas cultural, linguístico, social entre outros, porque fazem parte do polissistema e interagem com o sistema literário e influenciam-no. O polissistema tem vários centros e várias periferias, permitindo assim a transferência de um elemento de um sistema para outro ou ainda transferências dentro do próprio sistema. Relativamente à literatura traduzida, esta também ocupa um lugar no sistema literário na Teoria dos Polissistemas e a sua posição é bastante ativa no sistema literário de determinada cultura porque poderá ter influência no processo tradutório, pois, se ocupa a posição central, o tradutor poderá tomar decisões no ato de traduzir, de forma a produzir um texto inovador e que não esteja enquadrado naquilo que já existe, optando por estratégias de adequação. Porém, se a literatura traduzida ocupar a periferia do sistema literário, então as opções de tradução poderão ir ao encontro de uma estratégia não adequada porque o texto reafirmará os modelos já existentes no repertório.

Considerando que as exigências da cultura de chegada têm influência nas escolhas feitas no texto traduzido, deve estudar-se a literatura traduzida da perspectiva dessa cultura e das suas normas. Gideon Toury deu um forte contributo para esta questão quando desenvolveu a abordagem Estudos Descritivos de Tradução. A finalidade desta teorização é analisar e estudar os constrangimentos socioculturais aos quais a tradução está sujeita, de modo a detetar como as normas culturais interferiram e influenciaram as estratégias adotadas pelo tradutor. Segundo Toury, essas estratégias podem ser de adequação (aproximando a tradução ao texto de partida, mesmo que isso implique a utilização de elementos estranhos à cultura de chegada) ou de aceitabilidade (quando o tradutor adapta elementos de modo a

privilegiar a cultura de chegada, seguindo as normas e os preceitos textuais dessa cultura). Esta é a norma inicial proposta por Toury, que argumenta que uma tradução não tem de ser exclusivamente orientada para uma ou para outra, mas que geralmente se faz uma combinação das duas num mesmo texto. Esta norma inicial divide-se depois em normas preliminares e operacionais. Nas primeiras consideram-se os fatores que estão na origem da seleção da obra a traduzir quanto à tipologia textual, modo e género literários e a sua receção na cultura de chegada, se é traduzida diretamente da língua do texto de partida ou não. As normas operacionais são todos os fatores que estão diretamente ligados às escolhas do tradutor: os modelos literários, as normas linguístico-textuais, a filosofia de tradução adotada e o tipo e modo de tradução.

Se o tradutor faz a gestão de normas inerentes à cultura de chegada, uma das questões que se levanta é a de saber se se traduz para o mesmo leitor que está implícito na narrativa do texto de partida? Para responder a esta dúvida, recorrerei ao modelo de Comunicação da Narrativa do Texto Traduzido proposto por Emer O'Sullivan (2003). Um texto literário é um ato comunicativo que pressupõe um agente fora da narrativa que produz o texto, o autor real, que comunica a mensagem ao leitor real, que também não está presente no texto. A comunicação não é feita de forma direta entre o autor e o leitor, mas através de outras instâncias, nomeadamente o autor e leitor implícitos. O'Sullivan propõe que, no caso de literatura traduzida, o tradutor começa por ser um leitor real e depois assume o papel de tradutor implícito que vai reproduzir a mensagem do autor até chegar ao leitor implícito da tradução.

Se os leitores implícito e real são diferentes dos do texto de partida, como sugere O'Sullivan, outras questões que se colocam são as de saber se há uma presença discursiva do tradutor e se a sua voz é visível no texto traduzido. Theo Hermans (1996) argumenta que a presença discursiva do tradutor implícito está sempre presente numa narrativa e que pode ser mais visível através de elementos paratextuais ou, mais subtil, estando camuflada por trás da voz do narrador. As decisões tomadas pelo tradutor poderão ter implicações na alteração da voz do texto de partida. No caso de se tratar de literatura infanto-juvenil, essas vozes poderão ser ainda mais visíveis porque as noções de criança ou de jovem estão subjacentes à forma como se traduz e podem, por vezes, sobrepor-se às do texto de partida. Para além disso, Emer O'Sullivan argumenta que a presença discursiva do tradutor implícito é audível na própria narrativa como a voz do narrador da tradução, sendo que o tradutor

poderá optar por estratégias que resultarão na imitação da voz do narrador do texto de partida ou por outras que implicarão uma voz distinta, dependendo das técnicas de narração envolvidas no ato tradutório.

A segunda parte deste projeto centra-se no livro *Are You There, God? It's Me, Margaret* de Judy Blume que escolhi como objeto de tradução e, no capítulo 3, analisarei as suas características. Esta obra literária é um romance juvenil centrado nas inquietações da personagem Margaret, uma menina de onze anos. A história é narrada de forma autodiegético e centra-se em duas temáticas: a puberdade feminina e a religião. O maior desejo da protagonista é ser como as outras meninas e, por isso, as suas preocupações concentram-se no corpo que ainda não está a desenvolver-se e no facto de não ter religião, embora tenha uma relação próxima com Deus porque conversa com Ele. No texto abundam o discurso direto, a gíria juvenil, a linguagem simples e as marcas de oralidade. Está permeado de referências geográficas locais (E.U.A.), marcas temporais (1970) e culturais (cultura norte-americana).

No capítulo 4 justificarei a escolha desta autora e da respetiva obra como objeto de estudo deste projeto. Esta escritora americana tem vinte e sete livros publicados (tendo também obras traduzidas em trinta e quatro países diferentes) e, embora tenha três livros para adultos, tem escrito maioritariamente literatura infanto-juvenil, abrangendo públicos diferentes, desde a primeira infância até à adolescência (um dos quais é *Are You There, God? It's Me, Margaret*). Atualmente, é uma escritora reconhecida e influente de literatura para crianças e jovens, porém, as suas obras literárias nem sempre foram facilmente aceites quando iniciou a sua carreira em 1969. A escrita de Judy Blume rompeu, de certa forma, com ideias conservadoras acerca do que constituía literatura infanto-juvenil na altura, pois os temas que ela aborda nos seus livros destinados a pré-adolescentes e adolescentes (puberdade, menstruação, sexo, sexualidade, etc.) são polémicos.

O que distingue Judy Blume enquanto escritora é que escreve sobre as inquietações reais dos jovens. *Are You There, God? It's Me, Margaret* ilustra bem esta particularidade, pois é uma história sobre uma jovem de onze anos e fala sobre todos seus medos e preocupações relacionados com a puberdade (a ansiedade com o crescimento, o seu primeiro sutiã, os rapazes de quem começa a gostar, o primeiro beijo, a primeira festa e a menstruação). Este é um romance juvenil considerado emblemático porque foi o seu primeiro livro de grande sucesso, tendo marcado gerações de leitoras americanas,

canadianas, inglesas e de outros países de língua inglesa desde 1970, ano em que foi escrito. A tradução deu à personagem Margaret um passaporte, e ela viajou e internacionalizou-se, desde o Japão até à Espanha, pois existem catorze traduções em línguas diferentes desta obra.

Argumentarei que esta obra poderá vir a ter um contributo nas escolas, no âmbito da educação sexual, como proposta de leitura extensiva e poderá servir como ponto de partida para proporcionar o diálogo entre pais e jovens sobre a sexualidade.

No capítulo 5 deste projeto apresentarei um excerto da tradução de *Are You There, God? It's Me, Margaret* em língua portuguesa. O excerto selecionado porá em evidência a temática da puberdade, uma vez que é sobretudo nesse sentido que justifico a tradução da obra, podendo ser um contributo no ensino da educação sexual, e menos na religião, por haver significativas diferenças culturais e temporais nos textos de partida e de chegada.

As dificuldades tradutórias nesta obra serão abordadas no capítulo 6, que consiste no levantamento desses desafios e na reflexão sobre as estratégias e soluções adotadas. A estratégia global da tradução procurará o equilíbrio entre a norma de adequação e de aceitabilidade, de forma a ajustar o discurso à língua, à cultura e aos leitores da cultura de chegada, preservando marcas culturais do texto de partida e adaptando marcas temporais de forma a que os leitores possam identificar-se com a obra literária.

## PARTE I

### 1. A Literatura Infanto-juvenil

Para poder fazer investigação em literatura infanto-juvenil de forma a discutir as variáveis extratextuais que influenciam a sua tradução, primeiro procurarei definir o conceito LITERATURA INFANTO-JUVENIL e descobrir as características que a distingam.

#### 1.1. Problematização do conceito LITERATURA INFANTO-JUVENIL

O conceito LITERATURA INFANTO-JUVENIL é bastante controverso por não haver consenso quanto à sua definição. Em primeiro lugar é um termo muito abrangente, podendo referir-se a textos literários e não literários: «children's literature encompasses all genres, formats, and media; all periods, movements, and kinds of writing from any part of the world, and often related ephemera and merchandise too» (Reynolds, 2011: 2). Claro que, se tentarmos definir os conceitos literatura geral ou literatura para adultos, deparamos com o mesmo dilema, mas a diferença está no facto de não ser costume estudar essa tipologia como um todo; estudam-se géneros ou períodos e movimentos literários. Já no caso da literatura infanto-juvenil, estuda-se apenas esta grande tipologia de texto, como se todos os géneros, movimentos e períodos literários não precisassem de ser estudados e analisados separadamente, considerando as características de cada um.

Se entendermos LITERATURA INFANTO-JUVENIL da perspetiva do mercado como uma produção literária que é lida pelos mais jovens, encontramos desde logo dificuldades, pois atualmente há obras literárias que são destinadas a esse público, porém há adultos que as leem, refiro-me aos *crossovers*. Vide por exemplo, os livros de *Harry Potter* de J.K. Rowling e os romances da saga *Twilight* de Stephenie Meyer que foram publicados para a camada mais jovem, porém, também são lidos por adultos. O inverso também acontece, havendo livros que inicialmente foram escritos para adultos e que são lidos por jovens, mas a diferença é que estes têm de ser adaptados ou reescritos para o público mais jovem, como, por exemplo, *Peter Pan* e *Gulliver's Travels*. Surge assim o dilema de não se conseguir definir este conceito do ponto de vista do mercado, sendo insuficiente limitarmo-nos a classificar literatura infanto-juvenil como toda e qualquer obra publicada para a faixa etária jovem porque «[t]here is no single, coherent, fixed body of work that makes up children's

literature, but instead many children's literatures produced at different times in different ways for different purposes by different kinds of people using different formats and media» (*ibidem*, 2011: 3).

Se considerarmos este tipo de literatura da perspectiva do público-alvo, surge-nos outra dificuldade: até que idade é uma pessoa considerada jovem? Segundo Kimberley Reynolds na obra *Children's Literature A Very Short Introduction*, no Reino Unido e nos Estados Unidos da América, LITERATURA INFANTO-JUVENIL é entendida como qualquer obra dirigida à faixa etária dos zero aos dezasseis anos. No entanto, é de salientar, e é aqui que a dificuldade se torna mais evidente, que a idade de um não-adulto varia consoante a cultura e não é constante ao longo da história. Mesmo se conseguirmos restringir a idade, por exemplo, desde a primeira infância até aos dezasseis anos, a literatura infanto-juvenil continua a ser uma área de publicação demasiado vaga. O estágio de desenvolvimento de uma criança ou um jovem varia consoante a idade específica, no que respeita às capacidades cognitiva, linguística, comunicativa, de leitura e compreensão do texto. Veja-se que não se publica o mesmo tipo de obra, nem se escreve de maneira igual para um leitor de cinco, dez ou quinze anos. Posso então concluir que «[g]iven the range of material classified as children's literature in histories of the subject, it is not surprising that it has proved impossible to come up with a coherent way of describing and delimiting it» (*ibidem*, 2011: 28).

A definição do conceito de LITERATURA INFANTO-JUVENIL é, como vimos, problemática, porém, o propósito do presente trabalho não é propor uma solução, na medida em que se centra nos desafios que este tipo literário coloca ao tradutor.

Como objeto de trabalho e de reflexão escolhi a obra *Are You There, God? It's Me, Margaret* de Judy Blume e, como se trata de um texto narrativo que, segundo a autora, foi escrito para os mais jovens entre os dez aos doze anos, este projeto centrar-se-á na tradução do texto narrativo para um público-alvo que tenha alguma autonomia na leitura.

## **1.2. Especificidades**

A literatura infanto-juvenil tem características que determinam e influenciam as estratégias que são escolhidas e adotadas quando se pretende traduzir uma obra literária. Nesta parte do trabalho serão abordadas as especificidades deste tipo de texto que influenciam diretamente o processo de tradução numa tentativa de responder às perguntas:

quais são as características do público-alvo?, como se estabelece a comunicação neste tipo de texto?, quem são os intervenientes no processo? E quais as funções que a literatura infanto-juvenil poderá desempenhar?

### **1.2.1. Características do Público-Alvo**

A primeira característica que distingue a literatura infanto-juvenil da que é lida por adultos é o público a quem aquela se destina. O termo INFANTO-JUVENIL é muito lato e abrangente, como já se constatou na secção anterior, podendo referir-se a crianças desde a primeira infância até a adolescentes. Logo, e à semelhança do escritor quando produziu o texto, o tradutor tem de identificar a idade específica do público-alvo da obra. Não se escreve ou traduz de maneira igual para uma criança de cinco anos, de dez anos ou de quinze anos, quer ao nível do vocabulário, quer ao nível da estrutura sintática, que podem ser mais simples ou mais complexos de acordo com as competências cognitivas dos leitores. Porém, saber que o texto se destina a um público jovem dos dez aos doze anos, por exemplo, como é o caso da obra *Are You There, God? It's Me, Margaret* de Judy Blume, por si só não é suficiente. O tradutor terá de conhecer bem o nível de desenvolvimento linguístico e cognitivo, devendo conhecer inclusivamente o grau de competência na leitura e compreensão do leitor. Saliento que tanto o conhecimento da língua como o desenvolvimento cognitivo adquiridos são muito variáveis consoante a cultura, isto é, o desenvolvimento de uma criança ou jovem inseridos na cultura do texto de partida pode não ser o mesmo do que na cultura que recebe e acolhe o texto em tradução. Este aspeto é importante porque, se a linguagem do texto for muito complexa para o leitor, ou se, pelo contrário, se subestimarem as suas capacidades, ele poderá perder o interesse e não o lerá. Por um lado, não se pode esperar que um jovem de 10 a 12 anos adquira o gosto pela leitura se tiver constantemente de recorrer a outras fontes para esclarecer vocabulário desconhecido ou se tiver de interromper a leitura para ler notas de tradutor. Por outro lado, se o texto se apresentar demasiado infantil, o jovem poderá sentir que não é um texto adequado para ele.

É também fundamental ter em consideração o conhecimento cultural da criança ou do jovem leitor, isto é, o conhecimento que tem do mundo e de outras culturas.

O produtor do texto (seja o autor ou o tradutor) deve conhecer as peculiaridades de seu leitor: seu nível de desenvolvimento cognitivo, sua bagagem cultural, suas características dentro de sua cultura e a visão que a própria cultura e sociedade nela

inserida têm dessa criança (no caso do tradutor, é preciso conhecer a visão das duas culturas). (Mundt, 2011:286)

O tradutor terá de se familiarizar com a cultura do leitor (quer a do texto de partida, quer a do texto de chegada), isto é, conhecer os seus interesses, a forma como pensa e o tipo de linguagem e vocabulário que utiliza. O tradutor tem de se interrogar sobre o conhecimento enciclopédico do leitor e a sua mundividência. No caso da obra de Judy Blume, por exemplo, levantaram-se questões como: o jovem já ouviu falar dos supermercados A&P? e o que sabe sobre a puberdade?

A obra *Are You There, God? It's Me, Margaret* apresentou uma dificuldade acrescida porque foi escrita em 1970 e para os jovens americanos dessa época. A distância temporal implicou atualizar o texto para os leitores da cultura de chegada que vivem numa época bastante diferente da da sua publicação. No texto de partida Margaret ainda ouve música num gira-disco e utiliza linguagem coloquial dos anos 70 (*stinker; drip; dope*).

### **1.2.2. Comunicação Assimétrica**

Embora possa parecer fácil escrever e traduzir literatura infanto-juvenil, não podemos esquecer-nos da diferença assimétrica e acentuada na comunicação entre o adulto, produtor do texto, e o jovem que o lê que complica o processo. O escritor e o tradutor têm uma mundividência e um conhecimento enciclopédico mais vastos, utilizam outro tipo de linguagem, têm um comportamento diferente e uma outra forma de pensar e estar na vida. Esta comunicação assimétrica (cf. O'Sullivan, 2002) origina naturalmente dificuldades porque um adulto não tem os mesmos interesses, a mesma capacidade cognitiva, a mesma competência linguística e comunicativa, nem a mesma cultura do leitor jovem. Por conseguinte, como não pertence ao mesmo grupo, só pode fazer deduções e suposições acerca da cultura dos seus leitores a partir da observação e do contacto com a camada mais jovem. Contudo, mesmo estas suposições serão sempre da perspetiva de um adulto porque é como adulto que vê essa cultura, o que não coincide com a forma como o jovem a vê. Por exemplo, um dos desafios que a tradução de narrativas para o público mais novo coloca é a gíria juvenil, levando o tradutor a refletir sobre como é que os jovens falam e que tipo de linguagem e registo utilizam. Saliento também que este tipo de linguagem se altera com o tempo, uma vez que perde validade ao cair em desuso e é substituído. Esta característica de caducidade é uma marca temporal e data a tradução num período histórico específico.

O contexto sociocultural também exerce influência sobre a maneira como o autor ou tradutor concebe a criança ou o jovem, ou seja, o que a sociedade em que estamos inseridos espera dos mais jovens, como se devem comportar, viver e estar. Uma das preocupações recorrentes na literatura infanto-juvenil é a questão de saber o que é adequado para o público-leitor ao nível dos temas abordados, dos valores veiculados no texto narrativo e o tipo de linguagem utilizado. Na literatura para os mais jovens houve temas que não foram abordados em determinados momentos históricos porque eram considerados prejudiciais para os leitores. Judy Blume, por exemplo, viu algumas das suas obras contestadas porque têm linguagem imprópria e/ou abordam temas relacionados com a sexualidade, como aconteceu com *Are You There, God? It's Me, Margaret* e *Deenie*. Atualmente os valores e a conceção de jovem mudaram e incentiva-se a prática e adoção de comportamentos saudáveis no que respeita à sexualidade. Por isso, estas obras já não são controversas.

Apesar de a questão de saber o que é adequado ou inadequado para os mais jovens poder variar consoante a cultura, há também traços individuais nesta conceção porque cada pessoa tem um ponto de vista diferente sobre o que é ser jovem e o que é bom para ele. Assim, é de esperar que a tradução de um texto envolva também o tradutor na sua condição humana. O tradutor é alguém que interpreta o contexto sociocultural, que está inserido e se movimenta nele e que, como resultado, leva para a tradução a sua interpretação de tudo isso, as suas próprias ideologias acerca da cultura juvenil (cf. Oittinen, 2000), que contribuirá para a forma como traduz e as estratégias escolhidas e utilizadas.

Para a investigadora finlandesa Riitta Oittinen, a visão que cada indivíduo tem de criança é um dos fatores a ter em consideração quando se traduz para este público:

[T]ranslators cannot escape their own ideologies, which here means: their child images. Child image is a very complex issue: on the one hand, it is something unique, based on each individual's personal experience; on the other hand, it is something collectivized in all society. When publishers publish for children, when authors write for children, when translators translate for children, they have a child image that they are aiming their work at [...] (Oittinen, 2000: 4).

O tradutor de literatura infanto-juvenil adapta e adequa o texto de acordo com o que julga serem as competências linguística, comunicativa e cognitiva do seu público, tendo em consideração a faixa etária específica no que diz respeito ao nível da linguagem e do estilo literário e, eventualmente, ao nível do seu conteúdo. Pretende assim aproximar-se da cultura

do leitor jovem, numa tentativa de minimizar a desigualdade entre as partes envolvidas na comunicação: o adulto que produz o texto e o jovem que o lê.

### **1.2.3. Intermediários no Processo**

A literatura infanto-juvenil é produzida para o público mais jovem, no entanto, há que considerar os leitores adultos porque, em muitas situações, são eles que compram e/ou aconselham o livro à criança e ao jovem e, no caso de ser literatura para a primeira infância, até o leem em voz alta: «Translators have to take into account an adult presence within the text in a number of forms, from the spectre of the controlling adult presence looking over the child's shoulder, to a playful irony intended for the adult reading aloud to a child» (Lathey, 2006: 5). Logo, o adulto – o pai ou a mãe, um familiar, um educador ou um professor – poderá ser o primeiro leitor e, por conseguinte, ser um fator que poderá ter impacto nas escolhas do tradutor. Este leitor adulto desempenha um papel decisivo no processo, na medida em que decidirá o que a criança ou o jovem lê e influenciará a camada mais jovem na sua leitura.

A obra, quer falemos do texto de partida, quer falemos da tradução, terá de ir ao encontro dos interesses e da capacidade linguístico-cognitiva do leitor jovem, mas também das expectativas do leitor adulto, nomeadamente em relação àquilo que este considera ser literatura adequada à faixa etária a que se destina o texto. O que o adulto pensa ser literatura infanto-juvenil e o que julga que seja bom para a criança ou o jovem poderá depender dos temas tratados, da linguagem utilizada ou das normas, dos valores e das convenções sociais expressas no livro. Estas expectativas são determinadas pelo contexto sociocultural em que o adulto se insere e se move, e variam consoante a cultura e ao longo do tempo.

Há ainda outros leitores adultos, como os editores e revisores, que leem os livros e também interferem neste processo. Todas estas entidades referidas (pais, educadores, professores, editores e revisores) «funcionam como um “filtro”, sendo que o que chega ao público final, em princípio, não são os livros escolhidos pelas crianças, mas aqueles que os adultos consideram bons para eles» (Mundt, 2011: 288). Estes intermediários não só escolhem o que deve ser traduzido, mas também poderão decidir como deve ser traduzido, se o texto de chegada deverá aproximar-se do texto de partida ou se deverá afastar-se deste último, sofrendo adaptações. Pode-se considerar que o adulto tem uma posição dominante quanto àquilo que a camada mais jovem lê e, por essa razão, a presença de um leitor adulto é

indiscutível. Cabe ao tradutor negociar com todos estes agentes e os seus respetivos interesses antes de a obra chegar às mãos do jovem leitor.

#### 1.2.4. Funções

Através da leitura espera-se que a criança ou o jovem adquira conhecimentos linguísticos (aprendizagem e/ou consolidação de vocabulário e estruturas sintáticas) e conhecimentos sobre o mundo que a/o rodeia. Frequentemente está associada a esta função pedagógica e didática uma componente lúdica que se concretiza sempre que a literatura é apresentada de uma forma divertida a fim de cativar a atenção e o interesse do leitor, incentivando assim o gosto pela leitura. Posso, por isso, argumentar que a literatura infanto-juvenil pertence a dois sistemas, o literário e o socioeducativo por causa do «manifold role it plays as an educational, social and ideological instrument. Apart from being entertainment and a tool for developing children's reading skills, it is also a conveyor of world knowledge, ideas, values, and accepted behaviour» (Puurtinen, 1998: 2). A literatura e o mundo ficcional nela representado transmitem valores culturais que contribuem para o desenvolvimento social do jovem leitor. Deste modo, os textos literários infanto-juvenis desempenham uma função socializadora ao contribuir para a formação social da criança e do jovem, na medida em que é também através da leitura que estes aprendem as normas e regras de socialização numa determinada cultura, ganhando conhecimento sobre hierarquias, atitudes e maneiras apropriadas de estar. Assim, a literatura para os mais jovens promove e incentiva a adoção e a prática de comportamentos condizentes com convenções e preceitos sociais aceites, o que poderá constituir uma dificuldade quando se traduz uma obra, nomeadamente quando as normas e regras sociais da cultura do texto de partida são diferentes das da cultura a que se destina a tradução. Por exemplo, em *Are You There, God? It's Me, Margaret*, como é que Margaret deve dirigir-se à avó paterna, na segunda ou terceira pessoa do singular?, e como deve tratar os avós maternos quando os conhece? Como se verá mais adiante, as duas formas de tratamento são importantes, ainda que esta dificuldade não se coloque no texto de partida porque, independentemente do grau de formalidade, se utiliza sempre o pronome pessoal “you”.

Uma obra literária veicula valores e normas aceites pela comunidade, mesmo quando não expressa de forma explícita uma lição moral. Uma história juvenil pode ter como principais objetivos entreter e, ao mesmo tempo, transmitir comportamentos saudáveis no

âmbito da educação para a sexualidade e crenças religiosas, como é o caso do livro escolhido para este projeto. Todavia, outros preceitos sociais e culturais também são transmitidos:

In children's literature this is particularly clear in texts where norms and values are explicitly transmitted and the educational factor predominates – for instance in the cautionary tales and verses of the eighteenth and nineteenth centuries, or more recently in what are called 'issue books' on subjects such as drug abuse. Social structures and ideas, however, are also communicated in books that have no obvious claim to be setting a moral example. (O'Sullivan, 2009: 81)

Podemos referir como exemplo, o caso de *Are You There, God? It's Me, Margaret* e a forma como Margaret e as amigas tratam Laura Danker, a colega de turma mais desenvolvida fisicamente. A intenção desta obra não é ensinar que não se devem fazer juízos precipitados sobre pessoas que não se conhecem. Todavia, a protagonista apercebe-se disso no final da história. Outro exemplo é a rejeição da mentira, o que sucede quando a sua melhor amiga lhe mente sobre o facto de lhe ter vindo a menstruação. Portanto, há outros princípios morais que o texto veicula, embora os temas centrais da história sejam a puberdade feminina e a religiosidade.

Quando se trata de traduzir um texto, há preceitos que são observados tanto no texto de partida, como no de chegada como, por exemplo, a educação para a sexualidade, que já fazia parte do currículo escolar nos anos 70 nos E.U.A., e que surgiu no século XXI em Portugal como uma responsabilidade das escolas. Contudo, o tradutor depara-se com um desafio quando os valores não são coincidentes nas duas comunidades como acontece com o tema da religião. Na obra de Judy Blume, o tema da religião era importante porque não era comum as pessoas não terem religião, como a Margaret, e/ou casarem-se fora dela. Por isso, o texto procura mostrar que não é necessário ter-se uma religião para acreditar em Deus e que não se deve ser discriminado por isso. Esta questão não é problemática na cultura portuguesa do século XXI, na medida em que há pessoas que não são praticantes de nenhuma religião, há uma maior tolerância religiosa e, por essas razões, não constitui um motivo claro de discriminação.

Relativamente à transmissão de valores, o tradutor tem de tomar uma decisão quanto à estratégia que utilizará: a de preservar o texto inicial na sua inteireza cultural ou a de alterar o texto a fim de o adequar à cultura dos leitores do texto de chegada, mostrando-lhes assim um mundo que lhes é familiar. Quando os princípios morais são idênticos em ambas as

culturas, opta-se em geral pela primeira estratégia. Mas, quando os valores não são semelhantes nas culturas de partida e de chegada, há, por vezes, a necessidade fazer alterações no texto de chegada para que este se adequa aos valores defendidos pela comunidade de acolhimento. É evidente que esta escolha não dependerá exclusivamente da visão que se tem sobre/de tradução, mas poderá depender também da faixa etária específica a que se dirige o texto, bem como das exigências da editora. No passado, era frequente a domesticação do texto de partida, eliminando-se os elementos que se consideravam inadequados para jovens, receando que eles imitassem esses comportamentos que seriam desajustados na comunidade onde viviam.

Until the late 20th century, there was an unwritten agreement that children's books would not include sex, bad language, or gratuitous violence, on the grounds that writing for children is part of the socializing process and so ought to set good examples and help the readers learn approved ways of behaving that are likely to help them lead successful and fulfilling lives. (Reynolds, 2011: 27)

Como consequência da globalização verifica-se uma maior partilha de princípios comuns e uma maior proximidade entre culturas, facilitando assim o contacto com comunidades diversas, o que permite a familiarização com as mesmas. Portanto, a necessidade de domesticar completamente um texto torna-se cada vez menos frequente. As crianças e os jovens vivem hoje numa era tecnológica, de grande mobilidade e de fácil acesso a culturas diferentes, nomeadamente através da televisão, do cinema e da internet, e, por essa razão, têm algum conhecimento sobre outras culturas e a forma como vivem e pensam as pessoas que as habitam e, portanto, aspetos como os nomes próprios das personagens, a toponímia, a gastronomia e as tradições culturais na literatura infanto-juvenil não apresentam, muitas vezes, estranheza ao leitor. Acresce que os jovens têm uma grande capacidade de adaptação, que lhes permite lidar com situações pouco vulgares ou estranhas. Diz Emer O'Sullivan: «In principle, children read texts from foreign contexts in just the same way as texts from their own cultures. We can assume that foreign contexts are assimilated in the course of reading...» (O'Sullivan, 2009: 95). Por isso, para uma criança ou um jovem não é um obstáculo ler uma tradução que lhe possibilita estar em contacto com uma cultura diferente da sua, apresentando-lhe, deste modo, tradições, hábitos e rotinas diferentes dos seus. O'Sullivan salienta ainda que a maioria dos textos é traduzida a partir da

língua inglesa e, conseqüentemente, as culturas que são apresentadas aos mais novos são sobretudo as anglo-saxónica e norte-americana (cf. *ibidem*, 2009).

A globalização também reforçou a necessidade de comunicar com pessoas oriundas de culturas diferentes e, por essa razão, a comunicação intercultural tornou-se uma competência a desenvolver pelos cidadãos de identidades nacionais diversas. Para se estabelecer a troca e a partilha de informação entre indivíduos de culturas diferentes é necessário conhecer a cultura do outro e o contexto cultural da enunciação para que não haja ruído na mensagem transmitida e falha na comunicação. No caso de literatura traduzida, o tradutor é o mediador entre duas culturas e adopta uma combinação de estratégias tradutórias (de adequação e de aceitabilidade de que falarei mais adiante) para, por um lado, preservar o outro na sua singularidade, mas, por outro, tornar a sua estranheza compreensível. O tradutor terá de ter competência linguística e cultural, porque traduzir implica também a compreensão do contexto que envolve o texto. Assim, há que «rethinking one's own position and mediating between the potential gaps created by fundamental cultural differences...» (Bassnett, 1998: 96).

Como a literatura infanto-juvenil tem uma forte componente socioeducativa, talvez se possa pensar na sua tradução como uma forma de promover o diálogo entre duas culturas e atribuir-lhe uma função de formação intercultural. A leitura pode ser um meio para o jovem adquirir conhecimentos e se familiarizar com tradições, costumes, convenções sociais, estilos de vida e formas de estar de culturas diferentes da sua, contribuindo assim para a sua formação enquanto cidadão num mundo global e promovendo o respeito pelo outro. Na sua dissertação de Mestrado, Maria Olinda Reis defende que a literatura traduzida desempenha essa função na formação dos mais jovens: «A leitura de livros traduzidos, com origem noutras culturas e noutras civilizações, desempenha um papel formador não negligenciável, já que obriga a criança e o jovem a atravessar fronteiras, a conviver de perto com o Outro, com o Diferente» (Reis, 2010: 1). Qualquer texto narrativo traduzido promove a comunicação intercultural e a literatura para a camada mais jovem não é exceção. No entanto, esta tem um leitor com menos experiência de vida, menos conhecimento do mundo e menos familiarizado com as diversas culturas. Assim, é um leitor que ainda se encontra numa fase de desenvolvimento pessoal, social, humano e de aprendizagem e aquisição de conhecimentos, tornando a formação intercultural um fator ainda mais relevante para se ter em consideração quando o tradutor toma decisões no texto de chegada.

## 2.Tradução e Literatura Infanto-juvenil

### 2.1. Problematização do Conceito de Tradução

Não há uma definição simples para o conceito de tradução. Em primeira instância, traduzir é verter um texto, que foi produzido numa língua A, para uma língua B. Mas, na realidade, o processo não é assim tão linear. A língua não é meramente um conjunto de palavras que estão ligadas entre si, de modo a construir uma ideia ou um significado. Através da língua comunica-se o pensamento, a cultura e o contexto sociocultural do indivíduo que é produtor da mensagem. Segundo a investigadora Riitta Oittinen, «translators never translate words in isolation, but whole situations» (2000: 3), portanto, não se traduzem apenas palavras, traduz-se o contexto, quer da enunciação, quer sociocultural. Se a língua é um produto e um fenómeno cultural, a tradução estabelece o contacto entre duas realidades diversas e constrói uma ponte de mediação entre essas vivências e comunidades. Ao reproduzir uma mensagem numa língua diferente, a tradução é a representação de um texto que cruza diversas culturas e experiências, e o tradutor é o mediador desses encontros.

Como um texto traduzido é escrito noutra língua, produzido para outra cultura e outro leitor, levanta-se aqui a questão de fidelidade, tão problemática nos Estudos de Tradução. Deve-se ser fiel ao texto de partida?, ao escritor?, à cultura de chegada? ou ao seu leitor? Em meu entender, o tradutor deve centrar-se na cultura de chegada e no seu leitor para poder construir um texto legível nessa nova língua. O papel do mediador é assim o de auxiliar a transmissão da mensagem, de modo a que a tradução seja um ato comunicativo bem sucedido. Esta posição não se reduz ao impulso de ser fiel à cultura de chegada e ignorar o texto de partida. Trata-se antes de privilegiar o leitor e a mensagem do escritor, pois não é possível veicular as suas ideias sem as tornar compreensíveis no contexto da cultura de chegada. Isto não implica domesticar o texto, retirando ou modificando tudo que não é familiar para quem o lê, mas antes apresentar um texto numa língua familiar, possibilitando a compreensão, por parte do leitor, de elementos desconhecidos ou com os quais não está tão familiarizado. Como uma tradução é escrita noutro momento, noutro lugar, noutra língua, noutro país e outra cultura, «all translation involves adaptation, and the very act of translation always involves change» (*ibidem*: 6). Deste modo, surge um texto que não é equivalente, no sentido de ser igual ou ter igual valor, ao texto de partida, é antes seu

homólogo porque, apesar de ser um pouco diferente, é a sua representação na cultura de chegada.

## **2.2. Tradução e Literatura Infanto-juvenil**

A tradução de literatura infanto-juvenil pode ser vista como «... a balancing act between the adaptation of foreign elements to the child reader's level of comprehension, and preservation of the differences that constitute a translated foreign text's potential for enrichment of the target culture» (O'Sullivan, 2009: 74). Cabe ao tradutor (e ao editor) decidir que referências culturais precisam de ser explicadas ou alteradas na tradução, decisão que resultará de outros fatores ou elementos extratextuais que ainda não foram abordados. Nesta secção debruçar-me-ei sobre outros constrangimentos, como as exigências da cultura de acolhimento, o público-leitor e as vozes do texto narrativo traduzido que também determinam as estratégias de tradução adotadas.

### **2.2.1. Exigências da Cultura de Acolhimento**

Com o presente projeto pretendo refletir sobre (1) os fatores socioculturais que poderão interferir num texto narrativo traduzido para crianças e jovens e (2) as escolhas do tradutor. Nesta secção debruçar-me-ei principalmente sobre ideias de dois investigadores israelitas de referência: Itamar Even-Zohar e Gideon Toury. O primeiro deu um contributo para se entender a literatura como um produto cultural e para se reconhecer a importância da literatura traduzida e da literatura infanto-juvenil para o funcionamento do sistema literário. O segundo investigador desenvolveu uma abordagem nos Estudos de Tradução centrada na cultura de chegada, tendo em conta estratégias de aceitabilidade e de adequação e as normas da cultura de acolhimento.

#### **2.2.1.1. Literatura Traduzida como uma Atividade Cultural**

A Teoria dos Polissistemas foi desenvolvida por Itamar Even-Zohar a partir dos anos 70 do século XX e assenta na ideia de que campos como a cultura, a língua e a literatura não podem ser estudados isoladamente porque existem ligações importantes entre eles. Consequentemente, Even-Zohar propõe que se estudem os fenómenos semióticos integrados num polissistema, ou seja, num conjunto de sistemas que se cruzam e estabelecem relações de interdependência e se influenciam mutuamente. Estes sistemas organizam-se num único

polissistema dinâmico em que cada sistema é constituído por um centro e várias periferias, sendo estes ocupados por repertórios que Even-Zohar define como «the aggregate of laws and elements [...] that govern the production of texts» (Even-Zohar, 1990: 17). O repertório pode ocupar o centro ou a periferia e pode ser designado por primário ou secundário. O repertório primário participa ativamente na construção do sistema e, por isso, é considerado inovador porque introduz novos elementos. O repertório secundário é um fator de conservadorismo, uma vez que preserva e segue as normas já estabelecidas. O sistema só funciona porque existem ambos, repertório primário e secundário, e de acordo com esta teoria para compreender o sistema torna-se imprescindível estudar também objetos que tenham sido negligenciados ou mesmo rejeitados como, por exemplo, a literatura infanto-juvenil e a literatura traduzida. Nesta perspetiva «literature for children would not be considered a phenomenon sui generis, but related to literature for adults; translated literature would not be disconnected from the original literature...» (*ibidem*: 13).

Neste quadro, já não se concebe o sistema literário como tendo um único centro e uma única periferia, mas estudam-se a literatura e o seu respetivo sistema como fazendo parte dos sistemas cultural, linguístico e social com vários centros e periferias e reconhecendo que os vários sistemas se influenciam reciprocamente — por exemplo, textos traduzidos influenciam a literatura originalmente produzida numa língua e numa cultura. Isto significa que a literatura infanto-juvenil traduzida também poderá ter impacto sobre a maneira como se escreve e sobre a escolha dos temas que são abordados na literatura escrita por autores autóctones, influenciando assim o sistema literário. A literatura traduzida pode introduzir valores novos e influenciar a cultura de chegada e este aspeto é muito importante sobretudo quando se trata de literatura para o público infanto-juvenil porque esta contribui para a formação intercultural das crianças e dos jovens, dando aos leitores não só a possibilidade de conhecer a sua própria cultura mas também conhecer outras que não lhes são familiares.

De acordo com Even-Zohar, o polissistema é dinâmico, na medida em que há mudanças e alterações ao longo do tempo e um elemento pode ser transferido de um sistema para outro. Esta transferência pode ocorrer da periferia (ou margem) de um sistema para a periferia de outro, podendo ou não ser transferido para o centro do sistema que sofreu a mudança. Tradicionalmente no sistema literário fala-se em repertório canónico e não canónico. O repertório canónico é aquele que segue as normas literárias que são aceites por uma comunidade, ou melhor, pelo círculo dominante da mesma. O repertório não-canónico é

aquele que segue e adota normas literárias que são consideradas ilegítimas pelo círculo dominante. Há tensão entre os dois devido à competitividade entre os polos opostos: os textos canônicos lutam para preservar as normas e os modelos já estabelecidos, enquanto os não-canônicos podem fazer pressão para introduzir novos elementos. Esta tensão competitiva é necessária para que o polissistema seja dinâmico:

The canonized repertoires of any system would likely stagnate after a certain time if not for the competition from non-canonized challengers, which often threaten to replace them. Under the pressures from the latter, the canonized repertoires cannot remain unchanged. This guarantees the evolution of the system, which is the only means of its preservation. (*ibidem*: 16)

De acordo com Even-Zohar, a literatura traduzida pode contribuir para a construção do cânone porque desempenha um papel na competitividade no seio do repertório literário, podendo seguir as normas e modelos considerados legítimos e válidos pelo círculo dominante ou seguir o rumo oposto, permitindo assim a introdução de elementos novos no polissistema.

A Teoria dos Polissistemas considera que a literatura traduzida é um elemento dentro do polissistema literário, e Evan-Zohar classifica este tipo de literatura como um dos mais ativos, independentemente de ocupar uma posição central ou periférica dentro do polissistema em estudo. O autor argumenta também que, se a literatura traduzida ocupar uma posição central no polissistema, isto implica que tem um papel ativo na construção do repertório canônico. Quando o texto traduzido pertence ao repertório primário, é responsável pela introdução de novos elementos no sistema literário, podendo aqueles ser modelos ou normas e, por isso, tem um papel fundamental na construção de um novo repertório.

Por outro lado, se a literatura traduzida ocupar uma posição periférica dentro do polissistema, tenderá a seguir modelos secundários, que consistem na construção do repertório de acordo com normas e modelos já existentes. Isto significa que a literatura traduzida não produz inovação, mas influencia o sistema literário porque é um fator de conservadorismo e tem a função de preservar modelos já existentes e considerados legítimos e aceites pelo círculo dominante. Quero salientar que a literatura traduzida pode ocupar o centro e simultaneamente a periferia de um sistema, pois se há repertório traduzido que é aceite, também há aquele que permanece na margem.

Semi-literary texts, translated literature, children's literature — all those strata neglected in current literary studies — are indispensable objects of study for an adequate understanding of how and why transfers occur, within systems as well as among them. (*ibidem* : 25).

Segundo a Teoria dos Polissistemas, o estatuto que o repertório literário ocupa no sistema é determinado pelo conjunto de relações com os outros sistemas, nomeadamente com os padrões culturais. Por conseguinte, para investigar os constrangimentos que operam sobre o processo de produção literária, é necessário estudar e observar o polissistema no seu conjunto. Por outras palavras, a canonicidade de determinado texto não é definido no seu processo de construção mas *a posteriori* mediante fatores culturais, entre outros, que vão determinar a posição que esse texto ocupará dentro do sistema literário.

A tradução pode ocupar uma posição central ou periférica, pode ser uma atividade comum e aceite pela cultura de chegada ou pode ser rara, pode ser considerada prestigiada ou não, e todos estes fatores determinarão os modos como se traduz. Como Gideon Toury escreve em *Descriptive Translation Studies and Beyond Revised Edition*: «Thus, the [...] position (also called function) of a translation within a culture or a particular section thereof [...] should be regarded as a strong governing factor of the very make-up of the product, in terms of underlying models, linguistic representation, or both.» (Toury, 2012: 6).

A posição que um dado texto traduzido ocupa nos sistemas literário e cultural da comunidade que o recebe é sempre diferente da posição que o texto de partida assume na cultura de partida. Como se recorre à tradução para enriquecer o sistema literário, os textos traduzidos provocam alterações, têm impacto na cultura de chegada e constituem sempre uma novidade porque trazem sempre algo de novo, mesmo quando a tradução se conforma com os modelos já existentes. Claro que a tradução também permite a introdução de modelos literários e linguísticos novos e diferentes dos já estabelecidos que funcionam como um catalisador de mudança e influência dentro do sistema. Segundo Toury, a tradução deve ser vista como uma atividade cultural e, por essa razão, torna-se necessário contextualizar o texto traduzido num período histórico e nos contextos social e cultural.

No caso da tradução de *Are You There, God? It's Me, Margaret*, esta questão afigura-se-me tanto mais relevante porque esta é uma obra marcada por um contexto sociocultural específico – anos 70 nos Estados Unidos da América – que origina desafios para o tradutor que produz um texto numa língua diferente e para um leitor em 2013. O texto está permeado por referências culturais e temporais como, por exemplo, o vestuário utilizado, a linguagem

utilizada e a tecnologia da época. A temática da religião nesta obra é também uma marca cultural e temporal e foi a que se apresentou como uma das maiores dificuldades na tradução. O facto de Margaret e os pais não serem praticantes de nenhuma religião causa alguma estranheza no leitor do texto de partida, que vive num contexto sociocultural em que ter uma religião é determinante da. A realidade portuguesa no século XXI é bastante diferente, sobretudo porque há muitas famílias ateias ou que não são praticantes de nenhuma religião e, por essa razão, a história tem um impacto diferente. Por consequência, a tradução deste texto colocou desafios diferentes no âmbito dos contextos socioculturais quer da cultura de partida, quer da cultura de chegada, e esta questão é importante para se compreender que as diferenças entre os textos de partida e de chegada não se devem exclusivamente a dificuldades linguístico-textuais. O tradutor é confrontado com desafios de tradução que estão ligados ao público-leitor, ao tipo de texto ou ao género literário e ao contexto sociocultural que acolhe a tradução.

A Teoria dos Polissistemas proposta por Itamar Even-Zohar deu um contributo significativo para os modos como se estuda a literatura, passando esta a ser integrada na sua conjuntura social, histórica e cultural. Esta teoria também veio a dar importância à tradução e ao estudo da tradução, reconhecendo que a literatura traduzida faz parte do polissistema literário e, por conseguinte, a tradução tem de ser também enquadrada no contexto sociocultural em que funciona, a fim de se compreender como a cultura de chegada poderá ter influência nas opções tomadas pelo tradutor. Porém, isto levanta outras questões, como a de saber: quais são os fatores socioculturais da cultura de chegada que poderão influenciar as escolhas do tradutor e como é que eles se refletem nas estratégias de tradução escolhidas?

### **2.2.1.2. Normas da Cultura de Chegada e Estratégias de Tradução**

Gideon Toury propôs uma abordagem para os estudos de tradução em 1995, que revisitou em 2012, na obra *Descriptive Translation Studies — and Beyond, Revised Edition*. Esta abordagem assenta na ideia de que, para se fazer uma investigação na área de tradução, é necessário analisar o processo, a função e o produto, pois não se consegue estudar um sem estabelecer as interdependências com os outros, por estarem todos relacionados. Tal como a Teoria dos Polissistemas, os Estudos Descritivos de Tradução assentam na conceção de que não se consegue dissociar a tradução do contexto sociocultural, porque este é um dos fatores que poderá determinar as escolhas do tradutor. Deste modo, «[t]ranslating as an act and as

an event is characterised by variability, it is historically, socially and culturally determined, in short, norm-governed.» (Toury, 1999: 9). Assim, a tradução deve ser vista da perspectiva da cultura de chegada. O objetivo dos Estudos Descritivos de Tradução é o de descrever as condições e os constrangimentos em que se desenvolvem os fenómenos tradutórios, isto é, os elementos que poderão interferir no processo de tradução.

Gideon Toury defende que a tradução está sujeita a constrangimentos que variam de grau e intensidade, sendo os mais fortes as regras, que são gerais e objetivas, e as menos fortes as idiossincrasias que são também as mais subjetivas. As regras e as idiossincrasias encontram-se num *continuum* e entre os dois extremos encontramos as normas que variam de intensidade, havendo umas que são mais fortes e que se aproximam de regras e outras menos fortes e que se aproximam de idiossincrasias. O investigador israelita adota uma definição do conceito NORMAS que vai buscar às áreas da sociologia e da psicologia social:

... [N]orms [are] the translation of general values or ideas shared by a community – as to what is right and wrong, adequate and inadequate – into performance instructions appropriate for and applicable to particular situations, specifying what is prescribed and forbidden as well as is tolerated and permitted in a certain behavioural dimension. (Toury, 1995: 54,55)

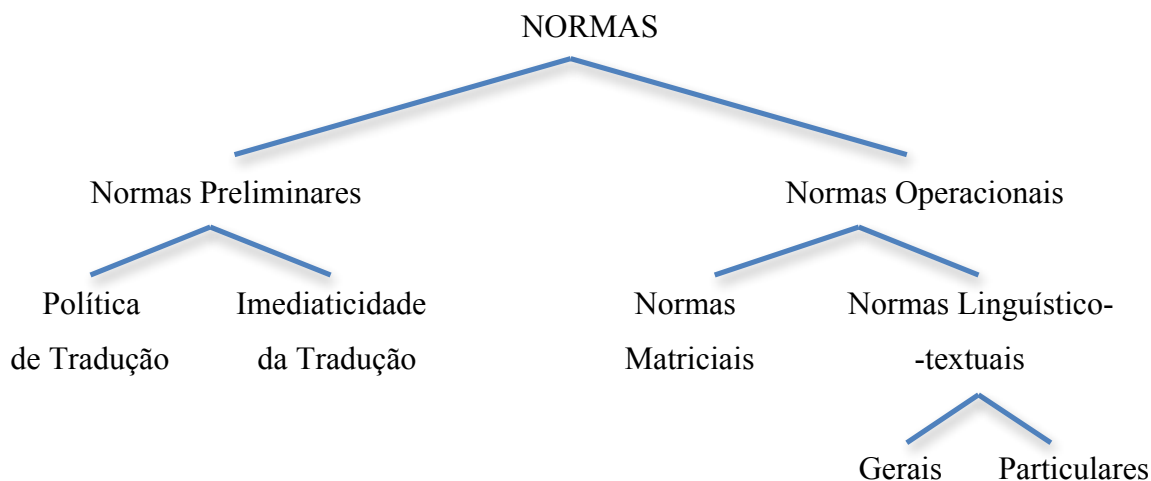
As normas têm a função de controlar o comportamento porque são orientações que devem ser seguidas, contudo, o tradutor, confrontado com várias alternativas, tem liberdade de escolha e pode desviar-se do que é esperado dele. Subjacente a este conceito está a ideia de sanções/retribuição que, por um lado, pode ser negativa ou punitiva, no caso de se tratar de uma sanção, quando se verifica o incumprimento de normas e, por outro, pode ser positiva e recompensadora, no caso da retribuição, quando não se verifica qualquer violação. As normas não são necessariamente verbalizadas, pois poderão ser aprendidas, adquiridas e postas em prática sem recurso à linguagem. As normas também se alteram quanto à sua posição mais ou menos dominante ao longo do tempo. Segundo Toury, a importância deste conceito para a reflexão reside no facto de que «... norms do not appear as entities at all, but rather as **explanatory hypotheses for actual behaviour and its perceptible manifestations.**» (*ibidem*: 65). Deste modo, as normas poderão explicar as escolhas do tradutor e uma norma pode estar na origem de várias estratégias de tradução, ou, pelo contrário, uma estratégia poderá ser o resultado de diversas normas. Toury argumenta ainda que este conceito permite prever regularidades em situações recorrentes, embora a tradução

não seja uma atividade inteiramente previsível. A dificuldade com a aplicabilidade deste conceito é identificar a norma que está subjacente à opção do tradutor porque o que é visível é apenas a estratégia utilizada, não estando explícita a norma que a determinou e, por essa razão, apenas é possível formular hipóteses. Há ainda o fator da interpretação do indivíduo porque cada pessoa interpreta a norma de forma diferente, por exemplo, o tradutor pode ter uma perspectiva e o editor outra.

Traduzir envolve sempre, pelo menos, dois textos, duas línguas e duas culturas diferentes e, conseqüentemente, o tradutor tem de gerir dois sistemas de normas. Ele poderá optar por seguir o do texto e da cultura de partida ou seguir o sistema inerente à cultura de chegada. Caso opte pela primeira hipótese, utilizará aquilo que Toury designa por estratégias de adequação. Segundo o autor, uma tradução adequada é aquela que torna evidente a relação textual entre a obra da cultura de partida e a da cultura de chegada. Por outro lado, se o tradutor optar por seguir as normas da cultura de chegada, adotará estratégias de aceitabilidade e, inevitavelmente, haverá alterações e/ou adaptações do texto de partida. Assim sendo, a norma inicial que está subjacente a qualquer tradução é a de adequação ou aceitabilidade. No entanto, Toury não sugere que as decisões tomadas sejam exclusivamente orientadas para uma ou outra, mas afirma que, em geral, um texto traduzido contém uma combinação das duas estratégias, ou seja, dependendo do problema específico, o tradutor poderá optar pela adequação e seguir a estratégia de aceitabilidade para outro, a fim de solucionar dificuldades do texto que está a traduzir. Por exemplo, na tradução de *Are You There, God? It's Me, Margaret*, embora a intenção predominante fosse manter a presença do outro, o que é visível através da preservação das marcas geográficas do texto de partida, houve a necessidade de ajustar certas referências à realidade portuguesa. Assim, por um lado, no texto traduzido, a personagem Margaret vive em Farbrook, Nova Jérnia, faz compras em lojas americanas e come comida norte-americana; por outro lado, há situações em que se alteraram as marcas do outro como, por exemplo, o gosto musical de Margaret. Consoante o objetivo e a necessidade, utilizaram-se estratégias de adequação e de aceitabilidade, tentando manter algumas marcas culturais do texto, mas de forma a tornar compreensível esses elementos não familiares ao leitor jovem do texto de partida.

De acordo com a abordagem Estudos Descritivos de Tradução, as normas têm impacto em qualquer tipo de texto que se traduza e refletem-se em todas as fases do ato tradutório. O

esquema seguinte serve para organizar o tipo de normas inerentes a cada estágio no processo de tradução:



As normas preliminares dizem respeito ao modo como a tradução enquanto atividade é considerada numa dada comunidade e subdividem-se em duas categorias interligadas. Consideram-se normas de política de tradução todos os fatores que estão subjacentes à escolha do texto a ser traduzido, quer em termos da tipologia de texto (literário ou não literário), quer em termos de modos e géneros. Entende-se por normas de imediaticidade a maneira como a tradução é considerada numa determinada cultura e num período histórico. Os fatores a considerar são: se traduções são bem acolhidas ou apenas toleradas; de que línguas pode traduzir-se; se a tradução é feita diretamente da língua do texto de partida ou se é indireta, feita através de uma língua mediadora; se um texto traduzido é visto como uma tradução ou se esse facto é omitido ou camuflado (por exemplo, se não é mencionado o nome de quem traduziu ou se lhe é dado pouco destaque).

As normas operacionais são todas aquelas que determinam as escolhas do tradutor durante o processo de produção de um texto, isto é, são as normas inerentes às escolhas de matrizes ou modelos literários a seguir (normas matriciais) e às escolhas ao nível do texto (normas linguístico-textuais). Dentro destas últimas podem-se ainda distinguir as gerais (a filosofia de tradução: o que é uma tradução?, pode-se adaptar um texto?, alterar-se-lhe o conteúdo?) e as particulares (o tipo de texto ou modo de tradução).

As normas preliminares são as primeiras a ser consideradas, no entanto, poderá haver interdependências entre as preliminares e operacionais, como Gideon Toury sugere:

Obviously, preliminary norms enjoy both *logical* and *temporal* priority over the operational ones. This is not to say that between the two groups there are no relations whatsoever, including mutual influence, or even two-way conditioning. (*ibidem*: 83)

A relação de interdependência entre estas duas categorias pode não existir de forma direta, no entanto, quer as normas preliminares, quer as operacionais dependem da norma inicial de adequação e aceitabilidade. O investigador exemplifica:

Thus, for instance, in sectors where the pursuit of adequate translation is marginal, it is highly probable that indirect translation would also become common, on occasion even preferred over direct translation. By contrast, a norm which prohibits mediated translation is likely to be connected with a growing proximity to the initial norm of adequacy. Under such circumstances, if indirect translation is still performed, the fact will at least be concealed, if not outright denied. (Toury, 1995: 60)

São as normas num determinado período histórico e contexto sociocultural que determinam o tipo de equivalência no texto e, por essa razão, as normas tradutórias estão dependentes da posição que a tradução (como atividade e produto) ocupa na cultura de chegada. As normas (tradutórias e sociais) variam e mudam consoante a cultura e em termos temporais. De acordo com Gideon Toury, é possível existirem diferentes tipos de normas em simultâneo com poder vinculativo: primeiro, as normas dominantes e que ocupam a posição central; segundo, o resquício das que estão a perder validade; finalmente, as normas recentes que ocupam ainda uma posição periférica no sistema. Mas as estratégias adotadas pelo tradutor também podem ser influenciadas por outros constrangimentos como o tipo de texto, o modo e o género literários ou as características do público-leitor, como já referi. O que pretendo argumentar neste projeto é que a tradução tem impacto na cultura de acolhimento e é regida por normas dessa mesma cultura e, por essa razão, para se analisarem as diferenças entre textos de partida e o de chegada deve-se entender e estudar o contexto sociocultural, um dos fatores que contribui para o esclarecimento dessas mesmas diferenças.

Os Estudos Descritivos de Tradução desenvolvidos por Gideon Toury constituem um marco importante porque deram um forte impulso para uma viragem nos Estudos de Tradução. Traduzir deixou de ser visto como uma atividade da linguística e/ou da literatura, reconhecendo-se a importância da cultura. Atualmente o texto traduzido é estudado ao nível do significante e significado, mas também ao nível de fatores e variáveis extratextuais, nomeadamente a nível literário, social e cultural, níveis que determinam as estratégias

adotadas e as escolhas feitas para solucionar dificuldades (ou desafios) que se colocam ao tradutor.

### **2.2.1.3. Normas e Literatura Traduzida para Leitores Jovens**

Entendo que a tradução é uma atividade cultural, que tem impacto na literatura e na cultura de chegada, e que é regida por normas dessa mesma comunidade de acolhimento. No âmbito deste projeto torna-se necessário perceber se o caso particular de textos narrativos traduzidos para o público-leitor juvenil difere, de alguma forma, da tradução de literatura geral.

Na obra *Translating for Children*, Riitta Oittinen argumenta que a tradução deste tipo de literatura implica, antes de mais, a tradução de uma situação única. Devemos entender esta conceção fundamental na sua obra como um sinónimo de contexto, quer no sentido de contexto geográfico, histórico, social e cultural, quer no sentido da interpretação que o tradutor faz desse contexto e como se movimenta nele, envolvendo também «[the translators'] cultural heritage, their reading experience, and, in the case of children's books, their image of childhood and their own child image» (Oittinen, 2000: 3). Esta variável de situação precede a tradução do texto e a intenção da mesma. Traduzir é expressar uma mensagem por outras palavras porque se utiliza uma língua diferente da do texto de partida. Assim, a tradução inclui o contexto histórico, social e cultural e também implica o tradutor na sua condição humana porque é ele que interpreta o contexto e se movimenta nele, introduzindo no texto de chegada a sua interpretação e ideologia do que é ser criança ou jovem. Como consequência, a mensagem ganha uma nova função e novos significados e o texto traduzido tem de ser diferente do de partida.

De acordo com a investigadora, são diferentes as variáveis extratextuais que estão envolvidas no processo de tradução:

Translations are always influenced by what is translated by whom and for whom, and when, where and why. As the readers of translations are different from those of the original texts, the situation of translations differs from that of originals, too. (*ibidem*: 12).

Uma tradução é regida pelas exigências da cultura de acolhimento. Quando se trata de traduzir para adultos, a interpretação que se faz do contexto sociocultural e das normas tem um papel importante. Todavia, no caso de textos narrativos para o público infanto-juvenil, a

questão da interpretação que cada tradutor faz do contexto e das normas tem um papel ainda mais decisivo nas escolhas tradutórias porque se acrescenta a isso a noção do que é uma criança ou um jovem. Ao contrário do que acontece na demais literatura, na literatura infanto-juvenil existe uma assimetria acentuada na comunicação entre o adulto produtor do texto e o leitor jovem e, por isso, não há paridade entre um e outro, como já se constatou. Noutras tipologias textuais também é importante a questão para quem se escreve/traduz, mas em textos para os mais jovens acresce a questão que cada indivíduo tem a sua própria visão do que constitui uma boa leitura para determinada faixa etária, já que se trata de um público-leitor com pouca experiência, com uma mundividência potencialmente estreita e que se encontra num estágio de desenvolvimento cognitivo, social e cultural diferente do de um adulto e, como cada pessoa especula quanto aos interesses e cultura do leitor, a tarefa de traduzir um texto torna-se mais delicada porque o tradutor pode ter uma visão diferente da do revisor ou editor. Portanto, a questão de quem traduz e para quem é preponderante quando se traduz para jovens.

Como é que se chega ao processo de decisão, considerando que o tradutor é confrontado com uma variedade de normas e algumas até poderão ser antagónicas? Gideon Toury propõe que a decisão cabe ao tradutor enquanto indivíduo:

In spite of all the restrictions caused by responsibility to society [...] translators are still given great latitude and considerable autonomy. It is precisely here that the norms intersect with the translator's liberties and give rise to the decisions that are actually made. (Toury, 2012: 68)

A liberdade do tradutor de literatura infanto-juvenil permite-lhe dar prioridade a determinadas normas e tomar as decisões de acordo com a sua visão de criança e de jovem e a interpretação que faz do texto e do contexto sociocultural. Todavia, a sua liberdade não é ilimitada, porque o editor está numa posição de maior poder em relação ao produtor do texto traduzido e, por essa razão, a versão final da tradução pode refletir as decisões tomadas em conjunto.

Na opinião de Isabelle Desmidt, um tradutor tem de fazer a gestão dessas normas inerentes à tradução, como as normas relacionais entre texto de partida e de chegada, as literárias e estéticas, as comerciais de publicação e distribuição, porém, no caso de se tratar de literatura infanto-juvenil, o tradutor tem de gerir ainda as normas didáticas, pedagógicas e

técnicas. O que o tradutor faz é dar prioridade a certas normas, no entanto, isto acontece sempre em detrimento de outras:

[C]ompliance to source-text norms (allegiance to the ST) may be jeopardized when the translator wishes to prioritize pedagogical norms and adapt language and style to the assumed cognitive abilities of the young readers: the contents may be altered [...], the structure may differ [...] and the style itself may change radically [...]. In terms of change of style, pedagogical norms may also collide with literary norms ... (Desmidt, 2006: 86)

Portanto, o tradutor faz sempre a gestão de normas, mas, quando se trata de literatura infanto-juvenil traduzida, ele é confrontado com outros constrangimentos que também têm um papel decisivo nas suas opções tradutórias. Traduzir envolve a interpretação desses fatores extratextuais e a quais se dá prioridade.

### **2.2.2. Público-Leitor**

Tradicionalmente, o texto traduzido tem sido visto como se fosse o texto de partida na cultura de chegada, apenas sofrendo alterações linguístico-textuais. Pretendo argumentar que há outras alterações que ocorrem ao nível da estrutura da narrativa e que os leitores dos textos de partida e de chegada são, na realidade, diferentes.

Pensando de forma elementar, um texto pressupõe um ato de comunicação em que um autor transmite a um leitor uma mensagem através da história da narrativa. Para ser um ato bem sucedido, o recetor da mensagem é uma entidade importante, pois é ele que irá decodificar a mensagem, interpretando-a e atribuindo-lhe significado, como nos recorda Umberto Eco: «um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da sua própria capacidade comunicativa concreta, como também da própria potencialidade significativa. Por outras palavras, um texto é emitido para que alguém o actualize...» (Eco, 1979: 56). Reportando esta ideia para o campo da narratologia, a comunicação não ocorre de forma direta entre o autor e o leitor, mas é estabelecida através de outras instâncias presentes no texto narrativo.

O autor implícito é a presença de autoridade contida no discurso narrativo sentida pelo leitor real, que o reconstrói a partir da narrativa. É o agente que gera os outros elementos do texto e orienta a sua leitura, dando instruções sobre como se deve ler (cf. Schiavi, 1996: 10). No lado oposto, há o leitor implícito, o recetor da mensagem que está inscrito na narrativa, que constitui o público-alvo imaginado pelo autor implícito, como sugere Emer O'Sullivan:

«the implied reader is [...] the reader generated by the implied author and inscribed in the text» (O’Sullivan, 2003: 199). No caso de literatura infanto-juvenil e, devido à comunicação assimétrica, o autor depara-se com um desafio acrescido porque:

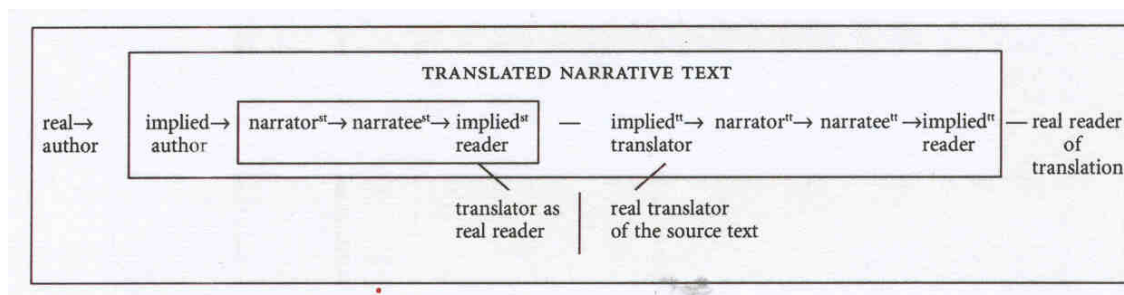
an adult implied author creates an implied reader based on her/his (culturally determined) presuppositions as to the interests, propensities and capabilities of readers at a certain stage of their development. The implied author is thus the agency in children’s literature which has to bridge the distance between ‘adult’ and ‘child’.  
(*ibidem*: 199, sublinhado da autora)

Na literatura para os mais jovens, o autor implícito é a instância que irá aproximar e minimizar a distância entre as culturas do adulto e da criança ou jovem, função essa que é específica desta tipologia textual baseando-se em pressuposições sobre o que é ser criança ou jovem, quais as suas capacidades, os seus interesses e a sua cultura.

Se o autor implícito e o próprio texto, através de estratégias ao nível do discurso narrativo, preveem um leitor implícito que é construído a partir de pressuposições que são influenciadas pelo contexto geográfico, histórico e sociocultural, então não se pode conceber que o autor implícito possa prever um leitor implícito inserido noutra contexto com outros conhecimentos, interesses, capacidades e, eventualmente, estádios de desenvolvimento diferentes. Por essa razão, sou de opinião de que o leitor implícito num texto traduzido difere do do texto de partida.

No seu artigo «Narratology Meets Translation Studies, or, the Voice of the Translator in Children’s Literature» (2003), Emer O’Sullivan apresenta um modelo de comunicação ao nível da narrativa de textos traduzidos, introduzindo outras instâncias, e nomeadamente outro leitor implícito.

Modelo de Comunicação da Narrativa do Texto Traduzido (O’Sullivan, 2003: 201)<sup>1</sup>



<sup>1</sup> “st” (source text) refere-se ao texto de partida e “tt” (target text), ao texto de chegada.

A partir deste modelo, podemos constatar que o tradutor é o leitor real do texto de partida porque é a entidade que está familiarizada com a sua língua e cultura e se encontra numa posição privilegiada por ter a capacidade de compreender o que o autor implícito da obra espera de quem a lê.

No caso de *Are You There, God? It's Me, Margaret*, o tradutor, enquanto leitor, terá de imaginar como vê o autor implícito, a juventude feminina entre os dez a doze anos, quanto aos seus interesses, hábitos, conhecimentos e preocupações sobre a puberdade, etc., no contexto sociocultural em que esta obra foi escrita.

O tradutor não irá transmitir uma mensagem completamente nova, contudo «a translator negotiates all patterns in the text [...], s/he intercepts the communications and transmits it – re-processed – to the new reader who will receive the message» (Schiavi, 1996: 15). A reprodução da mensagem será feita através do tradutor implícito e o texto traduzido terá de prever o leitor implícito que é, necessariamente, diferente do do texto de partida, na medida em que as noções de criança ou jovem, as pressuposições quanto aos seus interesses, formas de estar, cultura jovem e o seu desenvolvimento linguístico-cognitivo variam de acordo com o contexto sociocultural, geográfico e histórico. O público-leitor da tradução de *Are You There, God? It's Me, Margaret* já não ocupa os momentos de lazer ouvindo música num gira-discos, nem ouve Mice Men e parece-me que está mais informado sobre questões relacionadas com a puberdade porque atualmente se fala mais abertamente sobre esses assuntos. Como consequência, a tradução terá de se adequar a este novo público, prevendo o texto um leitor implícito próprio.

### **2.2.3. Vozes do Texto Narrativo Traduzido**

O facto de haver um leitor implícito no texto de chegada que é necessariamente diferente do de partida e que é gerado pelo texto e pelo tradutor implícito leva-me a questionar se há uma presença discursiva do tradutor implícito e que voz se ouve no texto narrativo traduzido.

A presença do autor implícito manifesta-se indiretamente no texto e é mais visível quando intervém na narrativa, por exemplo, quando se dirige de forma explícita ao leitor, mas também pode ser mais subtil, estando disfarçada por detrás das personagens e do narrador (cf. Booth, 1993). Porém, num texto traduzido e, como já se afirmou anteriormente, o autor implícito não tem uma relação direta com o leitor real da tradução, fá-lo sempre

através do narrador e, portanto, é o tradutor que assume o papel de mediador, que reproduz um texto numa língua diferente que funcionará num contexto sociocultural específico e para outro leitor. Por essa razão argumento que há outra – ou outras – voz em textos narrativos traduzidos, que será audível sobretudo em literatura para os mais jovens, como mostrarei mais adiante.

No artigo «There is Always a Teller in a Tale», Giuliana Schiavi defende que o leitor da tradução «will receive a split message coming from two different addressers [...], one originating from the author which is elaborated and mediated by the translator, and one (the language of the translation itself) originating directly from the translator» (Schiavi, 1996:14). Um texto traduzido é diferente do texto de partida porque é escrito noutra língua para outro leitor e, por vezes, noutra época, tendo este facto implicações ao nível da comunicação narrativa. Como o tradutor não cria um texto completamente novo, a presença discursiva do autor implícito será sempre visível. Contudo, para funcionar noutra língua e noutra contexto sociocultural, o texto traduzido teve de sofrer alterações, e o agente ou criador dessa transformação é o tradutor. Por essa razão a sua presença também está no texto e o que chega ao público-leitor da tradução é uma amálgama da presença discursiva do autor e do tradutor implícitos.

De acordo com Theo Hermans, «translated narrative discourse always contains a ‘second’ voice [...] the translator’s voice, as an index of the translator’s discursive presence» (Hermans, 1996: 27), voz que pode ser mais ou menos subtil, dependendo de se está escondida por detrás da voz do narrador do texto de partida, imitando-a, ou se a sua presença se manifesta de forma mais visível através de elementos paratextuais, como as notas do tradutor. Ao tomar decisões na tradução, o seu produtor poderá alterar o texto de partida para estar em conformidade com a língua e cultura que o acolhe, resultando na possibilidade de alterar a presença do autor implícito e a voz do narrador, mesmo quando a intenção do tradutor não é de excluir, alterar ou omitir qualquer elemento que não seja familiar da cultura de chegada: «the more subtle and even unconscious stylistic rewordings which occur in any text have the potential, because they come from a different code and a different writer, to alter the voices of the ST author and narrator» (Munday, 2008: 14).

Quando se fala em histórias traduzidas para crianças e jovens, essa alteração relativamente à voz talvez possa ser mais visível porque nestes textos as noções de criança e de jovem, que são determinadas por fatores socioculturais e temporais, estão subjacentes à

construção do leitor implícito, como já se verificou. O tradutor de literatura infanto-juvenil adota estratégias tradutórias de acordo com essas noções e adequa o texto ao seu público-leitor que não tem as capacidades cognitiva, linguística e comunicativa tão desenvolvidas quanto um adulto e é menos experiente, o que poderá propiciar maiores alterações no texto de chegada. Como resultado, o tradutor poderá sentir a necessidade de intervir no texto e, neste caso, a voz do tradutor poderá sobrepor-se à voz do narrador do texto de partida, existindo, por isso, uma maior distinção entre elas.

Na opinião de Emer O'Sullivan, a voz do narrador de literatura infanto-juvenil traduzida poderá ser identificada no próprio discurso da narrativa do texto, como:

... a voice dislocated from the voice of the narrator of the source text, which it usually mimics. This specific voice, hitherto unrecognized by translation studies or narratology, is what I call the *voice of the narrator of the translation*. It is not heard only where some need for explanation exists or language itself is a theme; it is present in all translated narrative texts on the level of the narrative itself. (O'Sullivan, 2009: 109).

Nesta perspectiva, há outra voz na tradução, a do narrador do texto traduzido que difere da do narrador do texto de partida. A voz do narrador da tradução poderá imitar e aproximar-se da do narrador do texto de partida ou poderá distinguir-se claramente. Neste último caso, a história não é narrada como no texto de partida, podendo o tradutor optar por estratégias de narração variadas. O'Sullivan propõe duas estratégias envolvidas na narração de textos traduzidos para crianças e jovens. A primeira consiste em ampliar a narração e que se manifesta através de explicações adicionais no próprio discurso para evitar as notas de rodapé, prática comum em literatura para os mais jovens. Por vezes, esta necessidade surge de desafios lexicais com que o tradutor é confrontado, em que não há uma palavra equivalente na língua de chegada ou das dificuldades relacionadas com fatores socioculturais como, por exemplo, valores religiosos ou culturais, o vestuário, a toponímia, elementos que impedem que o leitor se identifique com as personagens e a obra. A segunda técnica consiste em reduzir a narração, omitindo características e/ou eliminando partes do texto, o que é frequente sobretudo porque a esta tipologia de texto está sempre subjacente a ideia do que é leitura adequada para as crianças ou jovens e esta questão é determinada por fatores socioculturais e temporais.

No texto narrativo traduzido poderão coexistir várias vozes. Nunca se consegue eliminar por completo a presença do autor implícito e a voz do narrador, nem é esse o

objetivo, mas existem vozes que resultam apenas do texto de chegada, como a do tradutor implícito e a do narrador da tradução. As vozes do texto traduzido podem aproximar-se das que estão presentes no texto de partida, imitando-as e, por isso, ser pouco audíveis ou podem distanciar-se e, por momentos, sobrepor-se a elas. Esta questão é sobretudo relevante quando se pretende estudar a tradução de literatura infanto-juvenil porque devido às características do público-leitor e à concepção de criança e jovem que cada comunidade tem e que cada indivíduo também possui, o tradutor pode tomar decisões que tornem as vozes da tradução mais audíveis.

## PARTE II

### 3. Características da Obra

A obra *Are You There, God? It's Me, Margaret* é um romance juvenil sobre as inquietações de Margaret Simon, uma menina de onze anos de idade. A história começa quando a família de Margaret se muda de Nova Iorque para Farbrook, em Nova Jérсия.

Ao fazer novas amizades, frequentar outra escola e estar num ambiente social e numa localidade diferentes dos que estava habituada, começam a surgir-lhe dúvidas e inseguranças porque sente que não é igual às outras meninas da sua idade. O desejo de Margaret é ser como as outras pessoas e esta obra centra-se nesta temática. Preocupa-a o facto do seu corpo não se estar a desenvolver ao ritmo que deseja, de ainda não ser menstruada e de que os outros achem estranho ela não ser praticante de uma religião. Assim, esta obra aborda dois subtemas nucleares: as inquietações de uma pré-adolescente sobre a puberdade e a religião.

Margaret é filha de Barbara Simon, uma dona de casa de família cristã, que foi deserdada pela família quando se casou, e de Herbert Simon, um vendedor de seguros de ascendência judaica, cuja mãe também não concordou com esta união, no entanto aceitou-a. Margaret não conhece os avós maternos, contudo, tem uma relação muito especial com avó paterna, Sylvia Simon, apesar de ela fazer alguma pressão sobre a neta para arranjar um namorado de família judaica. Os pais da protagonista não praticam qualquer religião, mas a protagonista tem uma relação íntima com Deus, porque fala com Ele sobre os seus medos e ansiedades, embora às escondidas dos pais.

Nesta obra a narração é autodiegética e com focalização interna porque é Margaret que relata os acontecimentos da história, apresentando o seu ponto de vista que é subjetivo, pois está limitada àquilo que observa, presencia, sente e aos seus conhecimentos. A ação desenrola-se num espaço restrito, em Nova Jérсия, e num tempo definido, durante um ano letivo. As personagens de maior relevo são jovens, pois é o “mundo” de Margaret, sendo que os adultos atuam num plano secundário, à exceção da avó paterna que tem maior destaque pela relação muito próxima que tem com a protagonista. A história é contada na primeira pessoa do singular, há abundância de discurso direto, predominam frases curtas, o registo de língua é informal e está permeado da gíria juvenil da época que data o texto num período histórico-cultural preciso. No que respeita à narração, também é informal e está

marcada pela oralidade com expressões como “I mean” (pp. 2, 13, 15, 26, 33 etc.), “I wonder” (pp. 4, 14, 28, 35, 38, 44), e pelo uso de perguntas retóricas: “Would I ever get use to living in this house?” (p.14).

A obra *Are You There, God? It's Me, Margaret* é um texto que está repleto de referências culturais, como por exemplo ao nível dos nomes próprios, das ruas (“Morningbird Lane” p. 5 e “West sixty-seventh” p. 9), da gastronomia (“coleslaw” p. 20, “corned beef” p. 20, “rye bread” p. 20 e “ginger snaps” p. 144), dos feriados (“Labor Day” p. 13 e “Lincoln’s Birthday” p. 102), dos centros culturais (“Lincoln Center” pp. 9, 41 etc.) e das tradições (“Thanksgiving” p. 66 e “Square Dance” pp. 66, 67, 68, 70). Algumas dessas referências, que nos remetem para uma realidade diferente da portuguesa, estão marcadas pela temporalidade: trata-se de inglês dos anos 70, o que é visível na gíria juvenil (“drip” p. 69, “dope” p. 71, “stinker” p. 11), na tecnologia (“record album” p. 113 e “record player” p. 124), na música (“Mice Men” p. 113 e “song about the Erie Canal” p. 150) e no vestuário descrito (“plaid” p. 26, “velvet” p. 82 e “hat” p. 60, 65, 98).

O tema principal de *Are You There, God? It's Me, Margaret* é a descoberta da sexualidade, por isso, é recorrente léxico e expressões associadas à puberdade, tais como marcas de pensos higiénicos e de tampões (“Teenage Softies” pp. 101, 138, “Private Lady” pp. 99, 101 e Tampax p. 99), tamanhos de sutiã (“32 double A” pp. 43, 48), roupa interior (“panties, slips... underpants” p. 43) e ansiedade com o crescimento (“I am not growing” p. 83, “It’s time, for me to start growing” p. 15).

Como um dos subtemas desta obra é a religião, as conversas com Deus destacam-se e têm a função de nos ajudar a entender melhor os sentimentos e pensamentos da Margaret. A abordagem que é feita da religião está marcada também pelo espaço geográfico e temporal, pois nos anos 70 o pensamento dominante era de que uma pessoa nascia já com uma religião e não era comum casar fora dela e/ou não ser praticante. Portanto, embora os Estados Unidos da América sejam uma nação laica, o papel da religião teve, e tem, uma importância maior do que na Europa. As referências a religiões diversas e/ou a elementos de religiosidade também se encontram ao longo da obra: “the Y” (pp. 37, 39, 55, 63), “Jewish Community Center” (pp. 37, 39, 55, 63), “Rosh Hashanah” (p. 58), “yarmulke” (p. 60), “United Methodist Church” (p. 96) e “First Presbyterian Church” (p. 65).

#### 4. Judy Blume e *Are You There, God? It's Me, Margaret?*

Ao longo da sua vida Judy Blume foi uma leitora ávida e esteve sempre rodeada de livros: «I grew up with books. In my house, reading was a good thing [...]. They (my parents) were proud that I was a reader, like them.»<sup>2</sup> Este gosto pela leitura desenvolveu-se a par do seu gosto pela invenção de histórias e, mais tarde, quando os filhos ingressaram no ensino pré-escolar, Judy Blume publicou o primeiro livro *The One in the Middle is the Green Kangaroo* (1969).

Blume tem livros para leitores de idades diferentes, desde a primeira infância até adultos, embora a sua obra se concentre sobretudo na literatura infanto-juvenil. Atualmente tem vinte e oito livros publicados (o mais recente é de 2009) e tem-lhe sido reconhecido mérito, o que fica claro dos muitos galardões que tem recebido. A década de 70 do século XX foi o período de maior produção literária da autora, tendo publicado doze livros, sete dos quais para o público pré-adolescente. Os livros que escreveu até à presente data para esta faixa etária são: *Iggie's House* (1970), *Are you there, God? It's me, Margaret* (1970), *Then Again, Maybe I Won't* (1971), *It's Not the End of the World* (1972), *Deenie* (1973), *Blubber* (1973), *Starring Sally J. Freedman as Herself* (1977), *Just as Long as We're Together* (1987) e *Here's to you, Rachel Robinson* (1993).

As obras de Judy Blume para leitores pré-adolescentes e adolescentes abordam temas centrados nas inquietações e nos problemas dos jovens, tais como a puberdade, o primeiro amor, a sexualidade, a masturbação e *bullying*. Devido à natureza sensível da temática central dos seus livros, as suas obras foram contestadas e, sobretudo na década de 80, retiradas das bibliotecas escolares e públicas.

When I started to write, it was the '70s, and throughout that decade, we didn't have any problems with book challenges or censorship. It all started really in a big way in 1980 [...]. It came with the election, the presidential election of 1980, and the next day, I've been told, the censors were crawling out of the woodwork and challenging, like, 'It's our turn now, and we're going to say what we don't want our children to read'.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Entrevista de Judy Blume dada a Kindle Editors a 27 de janeiro de 2012 acesso através do website <http://www.kindlepost.com/2012/01/guest-blogger-judy-blume-.html>, data de consulta 10/09/2012.

<sup>3</sup> Entrevista dada a NPR em 28 de novembro de 2011 consultado através do website <http://www.npr.org/2011/11/28/142859819/judy-blume-banned-often-but-widely-beloved>, data de acesso 10/09/2012.

Entre as obras censuradas destacam-se *Are You There, God? It's Me, Margaret, Deenie*, que trata o tema da masturbação feminina, *Blubber*, cuja heroína é uma *bully*, e *Forever*, que apresenta um casal adolescente de namorados a ter relações sexuais. A maioria das suas obras contestadas é considerada muito explícita quanto a referências sexuais, e algumas bibliotecas escolares e públicas americanas ainda não têm muitos dos livros.

Por ter visto as suas obras banidas, a escritora tem tido um papel ativo na luta contra a censura, colaborando com a organização National Coalition Against Censorship para educar e sensibilizar professores, bibliotecários e pais para a liberdade intelectual. Nesse âmbito, tem dado entrevistas e palestras, falando abertamente da censura e defendendo que deve ser dada liberdade de escolha a cada jovem. Um dos seus contributos mais valiosos foi a compilação de *Places I Never Meant to Be* (1999), uma antologia de contos originais escritos por autores que viram os seus livros censurados e cujas histórias não tinham sido publicadas até então.

Apesar desta controvérsia, os seus livros têm tido bastante sucesso. Em 1996, Judy Blume teve a sua carreira reconhecida quando foi galardoada com o “Lifetime Achievement Award Margaret A. Edwards” pela American Library Association e, em 2004, foi-lhe reconhecida a sua contribuição para a literatura americana pela National Book Foundation. Para além disso, em 2012 estreou um filme baseado numa das suas obras destinada a leitores adolescentes, *Tiger Eyes*.

O sucesso dos seus livros ultrapassou as fronteiras dos EUA, ganhando leitores estrangeiros, através de traduções de algumas das suas obras em trinta e quatro países, a maioria com, pelo menos, duas obras traduzidas. Em Portugal, o livro para adolescentes *Forever* (1975) foi traduzido em 2005 (*O Meu Primeiro Amor*) e um ano mais tarde foi publicada a segunda edição (*O Primeiro Amor*) pelo tradutor Nuno Reis. Mais recentemente, no final do ano 2012, foi lançado no mercado o romance para adultos *Summer Sisters* (1998), com o título em português *Irmãs de Verão* que foi traduzido por Pedro Garcia Rosado.

A obra *Are You There, God? It's Me, Margaret* foi publicada em 1970 e nesse mesmo ano foi considerada *Outstanding Book of the Year* pelo New York Times. Foi um dos primeiros livros que a autora Judy Blume escreveu para leitores pré-adolescentes e, após quarenta e três anos da primeira edição, a obra continua a ser lida e a ser objeto de reedições.

*Are You There, God? It's Me, Margaret* marcou (e ainda marca) várias gerações de mulheres. Em 2005, a revista *Time* considerou este livro um dos romances mais lidos de sempre, ficando posicionada no oitavo lugar dos romances mais populares.<sup>4</sup>

Como já foi referido, a narrativa tem dois temas centrais, a descoberta da sexualidade e a religião e, numa entrevista dada à *Smithsonian Magazine* em janeiro de 2012, Judy Blume disse:

With *Are You There, God? It's Me, Margaret*, I thought I was writing about organized religion, yet the book has become famous for dealing with puberty. Hardly anyone ever mentions religion or Margaret's very personal relationship with God.<sup>5</sup>

Devido aos assuntos abordados neste livro de literatura infanto-juvenil, este romance foi o primeiro de Judy Blume a ter suscitado controvérsia e polémica, tendo sido contestado pelas escolas e bibliotecas americanas e banido e retirado das bibliotecas nos anos 80 por ter sido considerada anticristã.

Apesar desta controvérsia, esta obra foi e tem sido lida ao longo dos anos, tendo sido o mais galardoado dos livros de Judy Blume para o público pré-adolescente: recebeu sete distinções *Outstanding Book of the Year*, *New York Times* (1970); *Nene Award* from the Children of Hawaii (1975); *Young Hoosier Award*, Indiana Media Educators (1976); *North Dakota Children's Choice Book Award* (1979); *Great Stone Face Award*, New Hampshire Library Association (1980); *Time Magazine All-Time 100 Novels List* (2005); e *Scholastic Magazine's Parent & Child 100 Greatest Books for Kids* (2012).

Embora tenha sido escrito em 1970, o tema central que aborda continua a ser atual, e o sucesso de *Are You There, God? It's Me, Margaret* verifica-se inclusivamente para além das fronteiras dos Estados Unidos da América e dos países anglófonos, existindo até à presente data catorze traduções em vários países: Holanda (1975); Israel (1980); Japão (1982 e 1998); Espanha (1983 e 1991); Dinamarca (1987); Indonésia (1991 e 2003); França (1992); Polónia (1999); Croácia (2001); Tailândia (2001 e 2004); China (2002); Coreia do Sul (2003); Roménia (2004); e Sérvia (2004).

---

<sup>4</sup> <http://entertainment.time.com/2005/10/16/all-time-100-novels/slide/are-you-there-god-its-me-margaret-1970-by-judy-blume/>, data de acesso 12/12/2012.

<sup>5</sup> <http://www.smithsonianmag.com/arts-culture/Q-and-A-Judy-Blume.html>, data de acesso 10/09/2012.

Escolhi traduzir *Are You There, God? It's Me, Margaret* para língua portuguesa pelo facto de abordar questões relacionadas com a puberdade feminina e, como a escritora Judy Blume tem várias obras que se debruçam sobre a temática da sexualidade na adolescência, parece-me uma mais-valia para a literatura infanto-juvenil no âmbito da promoção da educação para a sexualidade. Esta tem sido uma grande preocupação no nosso país, tentando-se manter os jovens informados e promovendo a adoção de práticas e comportamentos saudáveis. Nesse sentido, a Assembleia da República decretou na Lei n.º 60/2009 de 6 de agosto de 2009 que todas as escolas da rede pública, privada, cooperativa ou com contratos de associação do ensino básico e secundário terão de desenvolver projetos educativos de educação sexual, estabelecendo assim a sua obrigatoriedade aplicável desde o ano letivo 2009/2010. Cada turma terá um projeto de educação sexual individual: no ensino básico, a carga horária não poderá ser inferior a seis horas e no ensino secundário não poderá ser inferior a doze horas. Embora a obra *Are You There, God? It's Me, Margaret* seja uma história de ficção e não aborde a sexualidade de uma forma científica, poderá ajudar a satisfazer este requisito porque se centra nas emoções (as ansiedades e os desejos) de pré-adolescentes, podendo ser uma proposta de leitura extensiva no âmbito da educação sexual nas escolas. Para além disso, poderá ser um ponto de partida para possibilitar o diálogo entre pais e filhos sobre a puberdade e a sexualidade. Mesmo se se considerar que o público-leitor desta obra é maioritariamente feminino, também poderá permitir aos leitores do sexo masculino conhecerem melhor as transformações do corpo e as inquietações do sexo oposto. Há inclusivamente outras obras de Blume que poderão ser recomendadas para o público masculino, como por exemplo, *Then Again, Maybe I Won't*, que aborda a questão da puberdade da perspetiva masculina, e *Forever*, que se debruça sobre um casal de namorados que iniciam a atividade sexual, que poderá ser apelativa para ambos os géneros.

**5. Excerto da Tradução de *Are You There, God? It's Me, Margaret*  
de Judy Blume**

**Ó Deus, Estás A Ouvir-me? Sou Eu, Margaret**

*[A família de Margaret Simon decidiu mudar de casa para Farbrook, Nova Jérsia e, como foi uma decisão repentina, Margaret suspeita de que os pais querem impedir que a avó paterna, Sylvia Simon, se intrometa tanto na vida dela. Margaret e a avó têm uma ligação muito forte.]*

[...]

**Capítulo 2**

Ainda não estávamos na casa nova há uma hora quando a campainha tocou. Fui abrir e era uma rapariga em fato de banho.

– Olá! – disse ela. – Sou Nancy Wheeler. O agente da imobiliária enviou-nos informação sobre ti, sei que és a Margaret e que vais para o sexto ano. Eu também vou.

Perguntei-me o que mais saberia.

– Está bastante calor, não achas? – perguntou a Nancy.

– Está – concordei. Ela era mais alta do que eu e tinha cabelo sedoso como eu queria ter. O nariz dela era tão arrebitado que conseguia ver-lhe as narinas.

A Nancy encostou-se à porta.

– Bem, queres vir à minha casa brincar debaixo dos aspersores?

– Não sei se posso. Vou pedir à minha mãe.

– Está bem. Vai lá que eu espero.

Fui dar com a minha mãe dentro de um dos armários da cozinha com o traseiro de fora. Estava a arrumar os tachos e as panelas.

– Ó mãe, está aqui uma rapariga que quer saber se posso ir brincar com ela e tomar banho debaixo dos aspersores?

– Se quiseres ir, vai – respondeu a minha mãe.

– Preciso do meu fato de banho – disse eu.

– Caramba Margaret! Sei lá onde está o teu fato de banho nesta desarrumação.

Fui até à porta de entrada e disse à Nancy:

– Não encontro o meu fato de banho.  
– Eu empresto-te um dos meus – disse ela.  
– Espera um bocadinho – pedi eu, a correr novamente para a cozinha. – Ó mãe, ela diz que posso usar um dos dela. Está bem?

– Está – a minha mãe disse do armário, entre dentes. Depois saiu e afastou o cabelo da cara. – Como é que ela se chama?

– Hum... Wheeler. Nancy Wheeler.

– Está bem. Diverte-te – desejou a minha mãe.

A Nancy também vive em Morningbird Lane, seis casas mais abaixo. A casa dela é parecida com a minha, mas o tijolo está pintado de branco e a porta de entrada e as portadas das janelas são vermelhas.

– Entra – disse a Nancy.

Fui atrás dela até ao *hall*, depois subi os quatro degraus que davam para os quartos. A primeira coisa em que reparei no quarto da Nancy foi na cómoda com um espelho de parede em forma de coração. Estava tudo muito arrumado.

Quando era pequena queria uma cómoda como aquela. Do género que está decorada com um tecido de organdi caído e solto. No entanto, nunca tive nenhuma porque a minha mãe gosta de coisas com ar mais composto.

A Nancy abriu a última gaveta do guarda-roupa.

– Quando fazes anos? – perguntou.

– Em março – respondi-lhe.

– Boa! Vamos ser da mesma turma. Há três turmas de sexto ano e dividem-nos por data de nascimento. Eu faço anos em abril.

– Bem, não sei qual é a minha turma, mas sei que tenho aulas na sala dezoito. Na semana passada enviaram-me impressos para preencher e isso estava escrito em todos.

– Eu disse-te que vamos estar juntas. Também estou na sala dezoito. – A Nancy deu-me um fato de banho amarelo. – Está lavado – disse ela. – A minha mãe lava-os sempre depois de usados.

– Obrigada – agradeceu-lhe pegando no fato de banho. – Onde é que me visto?

A Nancy olhou em redor. – Não pode ser aqui?

– Pode – disse. – Se não te importas, eu também não.

– Porque me haveria de importar?

– Sei lá. – Comecei a vestir o fato de banho pela parte baixo. Sabia que ia ficar muito grande. A Nancy provocava-me arrepios pela maneira como estava sentada na cama a observar-me. Deixei o polo vestido até ao último minuto possível. Não queria que visse que eu ainda saía ao pai. Isso era coisa minha.

– Ah, ainda és lisa como uma tábua de engomar – disse a Nancy rindo-se.

– Não é bem assim – respondi, fingindo estar calma. – Sou apenas de estrutura pequena.

– As minhas maminhas já estão a crescer – disse a Nancy, a esticar o peito todo para a frente. – Daqui a uns anos vou ficar como aquelas raparigas da *Playboy*.

Bem, eu tinha sérias dúvidas, mas não lhe disse nada. O meu pai recebe a *Playboy* e já vi as raparigas na página central. A Nancy parecia que ainda tinha um longo caminho até lá chegar. Quase tanto quanto eu.

– Queres que te aperte as alças? – perguntou ela.

– Pode ser.

– Como és de Nova Iorque, pensei que fosses mais crescida. Julgava que as raparigas da cidade cresciam mais rapidamente. Já alguma vez beijaste um rapaz?

– Estás a falar de um beijo a sério? Na boca? – perguntei.

– Sim – disse a Nancy impacientemente. – Já?

– Nem por isso – confessei.

A Nancy suspirou de alívio. – Eu também não.

Fiquei radiante. Antes de ela o ter dito estava a sentir-me como uma miudinha subdesenvolvida.

– Mas pratico muito – disse a Nancy.

– Praticas o quê? – perguntei.

– Beijar! Não é disso que estamos a falar? *Beijar!*

– Como é que se pratica isso?

– Observa bem – a Nancy pegou na almofada da cama e agarrou-a. Deu-lhe um longo beijo. Quando terminou, atirou a almofada para cima da cama. – É importante fazer experiências, assim quando chegar o momento, vamos estar preparadas. Qualquer dia vou saber beijar bem. Queres ver outra coisa?

Fiquei ali de boca aberta. A Nancy sentou-se à frente da cómoda e abriu a gaveta.

– Olha para isto – chamou ela.

Olhei. Havia milhares de frascos, potes e tubos. Havia mais maquilhagem naquela gaveta do que a minha mãe tinha ao todo. Perguntei:

– O que fazes com isso tudo?

– É outra das minhas experiências para ver o que me fica melhor. Assim, quando o momento chegar, vou estar preparada.

Pegou num batom e pintou os lábios de cor de rosa vivo.

– Bem, o que achas?

– Hum... não sei. É muito vivo, não achas?

A Nancy olhou-se ao espelho de parede e juntou os lábios para espalhar o batom.

– Bem, talvez tenhas razão – tirou o batom com um lenço de papel. – A minha mãe matava-me se eu saísse assim. Estou ansiosa para chegar ao oitavo ano para poder usar batom todos os dias.

Depois sacou de uma escova e começou a escovar o longo cabelo castanho. Fez um risco ao meio e prendeu-o atrás com um travessão.

– Usas sempre o cabelo assim? – perguntou-me.

Pus a mão na nuca, sentindo todos os ganchos que tinha usado para apanhar o cabelo de maneira a que o meu pescoço não transpirasse. Sabia que estava horrível.

– Estou a deixá-lo crescer – disse. – Agora está naquela fase esquisita. A minha mãe acha que devia usá-lo para tapar as orelhas. As minhas orelhas são um pouco salientes.

– Já tinha reparado nisso.

Tinha a sensação de que a Nancy reparava em *tudo*!

– Estás pronta? – perguntou.

– Claro.

Ela abriu um armário no corredor e deu-me uma toalha roxa. Fui atrás dela, descendo as escadas até à cozinha, onde ela tirou dois pêssegos do frigorífico e deu-me um.

– Queres conhecer a minha mãe? – perguntou.

– Está bem – disse eu, trincando o pêssego.

– Tem trinta e oito anos, mas diz que tem vinte e cinco. É de chorar a rir! – comentou a Nancy, dando uma grande gargalhada.

Mrs Wheeler estava no alpendre sentada sobre as pernas e tinha um livro no colo. Não conseguia ver que livro era. Ela estava bronzeada e tinha o nariz parecido com o da Nancy.

– Mãe, esta é a Margaret Simon que acabou de se mudar para o fundo da rua.

Mrs Wheeler tirou os óculos e sorriu.

– Olá – disse eu.

– Olá, Margaret. É um prazer conhecer-te. És de Nova Iorque, não és?

– Sim, sou.

– Da zona oriental ou ocidental?

– Vivíamos em West Sixty-seventh Street, perto do Centro Cultural Lincoln.

– Que bom. O teu pai ainda trabalha na cidade?

– Trabalha.

– E o que faz?

– Trabalha numa seguradora. – Eu parecia um computador.

– Que bom. Por favor, diz à tua mãe que estou ansiosa por conhecê-la. Jogamos *bowling* na equipa de Morningbird Lane às segundas-feiras e jogamos *bridge* todas as terças-feiras à tarde e...

– Ah, acho que a minha mãe não sabe jogar *bowling* e não está interessada em jogar *bridge*. Ela passa os dias a pintar – expliquei.

– A pintar? – perguntou Mrs Wheeler.

– Sim.

– Que interessante. E o que pinta ela?

– Sobretudo quadros de fruta e legumes. Às vezes também pinta flores.

Mrs Wheeler começou a rir.

– Ah, queres dizer que pinta *quadros*! Pensei que pintasse paredes! Diz à tua mãe que este ano estamos a combinar cedo quem leva as crianças para as atividades extraescolares. Podemos ajudá-la a organizar-se... principalmente com a catequese. Esse é sempre o maior problema.

– Eu não vou à catequese.

– Não vais?

– Não.

– *Sortuda!* – gritou a Nancy.

– Nancy, *por favor!* – disse Mrs Wheeler.

– Ó mãe... a Margaret veio para brincar comigo. Não veio para ser interrogada.

– Está bem. Se vires o Evan, diz-lhe que quero falar com ele.

A Nancy agarrou-me pela mão e puxou-me lá para fora.

– Desculpa. A minha mãe gosta de meter o nariz onde não é chamada.

– Não faz mal – disse eu. – Quem é o Evan?

– É o meu irmão. É um nojo.

– Um nojo? Como assim? – perguntei.

– Tem catorze anos. Todos os rapazes de catorze anos são um nojo. Só se interessam por duas coisas: fotos de raparigas nuas e livros porcos!

A Nancy parecia saber muita coisa. Como eu não conhecia nenhum rapaz de catorze anos, acreditei nela.

A Nancy abriu a torneira da rua e ajustou-a para a água sair levemente do aspersor.

– Segue a líder! – mandou a correr pela água.

Supus que a Nancy fosse a líder.

Ela pulou por entre os borrifos de água. Eu fui atrás. Ela deu cambalhotas. Eu tentei, mas não consegui. Saltou. Eu também. Parou debaixo dos borrifos. Eu fiz o mesmo. Foi aí que a água jorrou com toda a pujança. Ficámos todas ensopadas, até o nosso cabelo.

– Evan, és mesmo ordinário! – gritou a Nancy com voz esganiçada. – Vou contar à mãe! – Correu para casa, deixando-me sozinha com dois rapazes.

– Tu quem és? – perguntou o Evan.

– Sou Margaret. Acabámos de nos mudar.

– Ah. Este é o Moose – disse ele, apontando para o outro rapaz.

Acenei com a cabeça.

– Olá – disse o Moose. – Se acabaram de se mudar, diz ao teu pai que, se estiver interessado, lhe corto a relva. Por cinco dólares por semana também aparo. Como disseste que era o teu apelido?

– Não disse. Mas é Simon. – Não conseguia parar de pensar naquilo que a Nancy tinha dito, que eles só se interessavam por livros porcos e raparigas nuas. Segurei bem na toalha à minha volta, não fossem eles querer espreitar para dentro do meu fato de banho.

– *Evan! Vem cá imediatamente!* – gritou bem alto Mrs Wheeler do alpendre.

– Já vou... Já vou – resmungou o Evan.

Após o Evan ter entrado em casa, o Moose disse:

– Não te esqueças de dizer ao teu pai. Moose Freed. O número vem na lista telefónica.

– Não me esqueço – prometi.

O Moose mordiscou um pouco de relva. Depois a porta bateu com força e a Nancy saiu com os olhos vermelhos e a fungar.

– Ó Nancyzinha! Já não se pode brincar contigo? – perguntou o Moose.

– Cala-te, sua besta! – berrou a Nancy. Depois virou-se para mim. – Peço-te desculpa por terem agido assim no teu primeiro dia. Anda, eu acompanho-te até casa.

A Nancy tinha a minha roupa enrolada numa pequena bola. Ainda tinha vestido o fato de banho molhado. Pelo caminho foi-me indicando quem é que vivia em cada casa.

– Vamos à praia no fim de semana alargado do Dia do Trabalho<sup>6</sup> – disse ela. – Por isso, vai ter a minha casa no primeiro dia de aulas para irmos juntas a pé. Estou mortinha por saber quem vai ser o nosso professor. Era para ser Miss Phipps, mas em junho fugiu com um tipo para a Califórnia. Por isso vai ser alguém novo.

Quando chegámos à minha casa, eu disse à Nancy que, se esperasse um bocadinho, lhe devolvia o fato de banho.

– Não há pressa. Não preciso dele. Diz à tua mãe para o lavar e devolve-mo na próxima semana. É velho.

Fiquei com pena que ela mo tivesse dito. Embora eu já tivesse adivinhado. Quer dizer... eu provavelmente também não emprestaria o meu melhor fato de banho a uma desconhecida. Mas nunca o diria assim de chofre.

– Ah, Margaret, escuta – disse a Nancy –, no primeiro dia de aulas calça mocassins, mas sem meias.

– Porquê?

– Para não pareceres uma bebé.

– Ah.

– Para além disso, quero que faças parte do clube secreto e, se usares meias, as outras poderão não deixar.

– Que tipo de clube secreto é? – perguntei.

– Conto-te tudo quando começarem as aulas.

– Está bem – disse eu.

– E não te esqueças... nada de meias!

– Não me vou esquecer.

---

<sup>6</sup> Nos E.U.A. celebra-se o Dia do Trabalho (Labor Day) na primeira segunda-feira de setembro e o ano letivo começa no dia a seguir a este feriado. (N. da T.)

Fomos jantar fora e comemos hambúrgueres. Conteí ao meu pai da conversa com o Moose Freed.

– Leva apenas cinco dólares por cortar e apara também.

– Não, obrigado – disse o meu pai. – Estou ansioso por ser eu a cortá-la. Essa foi uma das razões por que nos mudámos. A jardinagem faz bem à alma. – A minha mãe fez um grande sorriso. Estavam mesmo a dar comigo em doida com toda esta coisa de fazerem bem à alma. Perguntei-me quando é que se tinham tornado tão amantes da natureza?

Mais tarde, quando estava a preparar-me para ir para a cama, entrei num armário a pensar que era a casa de banho. Será que algum dia me habituaria a viver nesta casa? Quando finalmente me deitei e apaguei a luz, comecei a ver sombras na parede. Tentei fechar os olhos e não pensar nelas, mas estava sempre a ver se ainda lá estavam. Não conseguia adormecer.

*Ó Deus, estás a ouvir-me? Sou eu, Margaret. Estou no meu quarto novo, mas ainda tenho a mesma cama. Aqui é tudo tão silencioso de noite. Não é nada como a cidade. Vejo sombras nas paredes e ouço barulhos esquisitos. É assustador! Embora o meu pai diga que todas as casas fazem barulho e que as sombras são apenas as árvores. Espero que tenha razão no que diz! Hoje conheci uma rapariga. Chama-se Nancy. Ela estava à espera de que eu fosse muito crescida. Acho que ficou desiludida. Não achas que já é tempo de as minhas maminhas começarem a crescer? Se puderes tratar disso, eu agradecia. Obrigada.*

Os meus pais não sabem que falo com Deus. Quer dizer... se lhes dissesse pensariam que era uma fanática religiosa ou algo do género. Por isso, guardo isto só para mim. Quando é preciso até consigo falar com ele sem mexer os lábios. A minha mãe diz que Deus é uma ideia bonita. Pertence a todos.

[...]

*[O pai de Margaret decidiu comprar um cortador de relva para tratar do jardim, mas teve um pequeno acidente e cortou-se num dedo. A avó de Margaret aparece de surpresa em casa para passar tempo com a neta e promete que telefonará todos os dias para falar com ela. No primeiro dia de aulas, Margaret conhece os colegas de turma e o professor, Mr Miles J. Benedict Jr. Este pede aos alunos que respondam a algumas perguntas por escrito,*

*tais como o nome, do que gostam, do que detestam, o que esperam do ano letivo e como acham que um professor deve ser. Depois das aulas, Margaret é convidada para ir à primeira reunião do clube secreto.]*

## Capítulo 5

As outras já lá estavam. A Janie Loomis, a Gretchen Potter e a Nancy. Mais ninguém. Sentámo-nos no alpendre e a Nancy trouxe-nos Coca-Cola e bolachas. Quando a Gretchen tirou seis Oreos de uma vez, a Nancy perguntou-lhe quanto quilos tinha engordado durante o verão. A Gretchen devolveu quatro e respondeu:

– Alguns.

– Hoje viram a Laura Danker? – perguntou a Janie.

– Quem é essa? – disse eu.

Todas deram risadinhas. A Nancy falou comigo como se fosse minha mãe.

– Querida Margaret. Não é possível não teres dado pela Laura Danker. A loura grande com as grandes tu *sabes o quê!*

– Ah. Reparei logo nela – comentei eu. – É muito bonita.

– Bonita! – disse a Nancy com uma gargalhada. – Se fores esperta, não te aproximas dela. Tem má reputação.

– O que queres dizer com isso? – perguntei.

– O meu irmão diz que ela vai para as traseiras do supermercado A&P com ele e com o Moose.

– E – acrescentou a Janie – desde do quarto ano que usa sutiã e aposto que já lhe veio o período.

– A ti já te veio, Margaret? – perguntou a Nancy.

– Já me veio o quê?

– O período – disse a Nancy como se eu já devesse saber.

– Ah, não. Ainda não. E a ti?

A Nancy bebeu um pouco da Coca-Cola e abanou a cabeça.

– Ainda não veio a ninguém aqui.

Fiquei tão feliz por ouvir aquilo. Quer dizer... imaginem que já tinha vindo o período a todas e eu era a única que ainda não tinha. Ia sentir-me horrivelmente.

A Gretchen limpou as migalhas da boca e do colo e disse:

– Vamos àquilo que interessa.

– Concordo – disse a Nancy. – Antes de mais, este ano precisamos de um bom nome para o clube. Pensem todas num nome.

Ficou tudo calado. Toda a gente ficou a pensar. Na realidade, não pensei, mas fingi que estava a pensar. Nem sequer sabia nada sobre o clube, como é que ia escolher um nome?

A Gretchen sugeriu GSA que significava Giraças do Sexto Ano. A Janie disse que era um nome muito parvo. Por isso, a Gretchen respondeu-lhe que, se ela era tão inteligente, porque é que não sugeria um nome. A Janie sugeriu Raparigas de MJB que significava as Raparigas de Miles J. Benedict. A Nancy lembrou-lhe que se tinha esquecido de Júnior no final do nome dele. A Janie chateou-se e pediu licença para ir à casa de banho.

– Já que tocámos no assunto – disse a Nancy –, o que acharam do Miles J?

– Eu achei-o giro! – A Gretchen deu uma risadinha.

– É, mas é muito magro – comentou a Nancy.

Depois finalmente lembrei-me de algo para dizer:

– Será que é casado?

A Janie juntou-se a nós novamente:

– Julgo que não. Não parece casado.

– Seja como for, viram a maneira como ele olhou para a Laura? – perguntou a Nancy.

– Não! A sério? – A Gretchen abriu os olhos de surpresa.

– Claro! Os homens não conseguem tirar os olhos dela – disse a Nancy.

– Mas acham que ela é assim porque quer? – perguntei.

As outras riram-se, e a Nancy exclamou:

– Oh, Margaret! – A Nancy tinha jeito para me fazer sentir palerma.

Depois falámos sobre as perguntas de Mr Benedict, e a Gretchen contou-nos que tinha escrito que um professor é alguém muito exigente porque, se Mr Benedict pensasse que tínhamos medo dele, então ia fazer o possível para nos agradar e ser muito tolerante e simpático. Pensei que ela tinha sido esperta e gostaria de me ter lembrado disso.

– Bem, aquelas perguntas eram apenas para saber se somos normais – disse a Janie.

Não tinha pensado nisso. Agora era tarde de mais.

– Como é que ele consegue ver se somos normais? – perguntei.

– Fácil – respondeu a Nancy –, pela maneira como respondemos. Por exemplo, se disseres que detestas a tua mãe, o teu pai e o teu irmão, ele pode achar que és estranha. Percebeste?

Tinha percebido.

A Nancy estalou os dedos.

– Tenho o nome ideal para o nosso clube – disse ela.

– Qual é? – perguntou a Gretchen.

– Conta-nos – pediu a Janie.

– Seremos as Quatro PAS.

– Isso quer dizer o quê? – perguntou a Janie.

A Nancy sacudiu o cabelo e sorriu:

– As Pré-Adolescentes Sensacionais!

– Esse é bom – disse a Gretchen.

– Adoro! – guinchou a Janie.

Votámos anonimamente para aprovar o nome do clube e claro que foi aprovado. Depois a Nancy decidiu que devíamos ter nomes secretos sensacionais como Alexandra, Veronica, Kimberly e Mavis. A Nancy era a Alexandra e eu era a Mavis.

A Nancy lembrou-nos de que ninguém na escola poderia saber do nosso clube secreto e que nas reuniões secretas, como esta, tínhamos de usar os nomes secretos. Todas tivemos de jurar. Depois tivemos de inventar uma regra.

A regra da Nancy era que todas tínhamos de usar sutiã. Senti-me corar. Perguntei-me se as outras já usavam. Acho que a Janie não usava porque ficou a olhar para o chão depois da Nancy ter falado.

A regra da Gretchen era que a primeira a quem viesse o período tinha de contar tudo às outras. Principalmente qual era a sensação. A regra da Janie era que todas tinham de ter um Livro de Rapazes Giros, que era um caderno com uma lista de nomes de rapazes por ordem de quem gostávamos mais. Todas as semanas tínhamos de mudar as listas e passar os Livros umas às outras.

Finalmente a Nancy perguntou-me qual era a minha regra. Não conseguia pensar em nenhuma que igualasse as outras, por isso disse:

– Reunimos no mesmo dia todas as semanas.

– Claro! – disse a Nancy. – Mas *em que* dia?

– Sei lá eu – disse-lhe.

– Está bem, então vamos pensar no melhor dia – disse a Gretchen. – Terças e quintas estão fora de questão. Tenho escola hebraica.

– Oh Gretchen! – disse a Janie. – Tu e essa coisa da escola hebraica. Não podes faltar?

– Adoraria – explicou a Gretchen. – Mas tenho de ir mais um ano e depois termino.

– E tu Margaret? Vais? – perguntou-me .

– À escola hebraica?

– Sim.

– Não, não vou – disse eu.

– A Margaret nem sequer vai à catequese. Não é? – perguntou a Nancy.

– Sim – respondi.

– Como é que conseguiste isso? – perguntou a Gretchen.

– Não tenho religião – disse eu.

– Não tens religião! — a Gretchen abriu a boca de espanto.

– Os teus pais são o quê? – perguntou a Janie.

– Nada – disse eu.

– Que porreiro! – disse a Gretchen.

Depois olharam todas para mim e ninguém disse nada e senti-me pateta. Por isso, tentei explicar.

– É que hum... o meu pai é de uma família judaica e hum... a minha mãe é de família cristã e...

A cara da Nancy iluminou-se.

– Continua – disse ela.

Era a primeira vez que estavam interessadas em algo que eu tivesse para dizer.

– Bem, os pais da minha mãe, que vivem no Ohio, disseram-lhe que não queriam um genro judeu. Se ela queria arruinar a vida dela, isso era com ela, mas nunca iriam aceitar o meu pai como marido dela.

– Estás a brincar! — disse Gretchen. – E a família do teu pai?

– Bem, a minha avó não ficou feliz por ter uma nora cristã, mas pelo menos aceitou a situação.

– E depois, o que aconteceu? – perguntou a Janie.

– Fugiram.

– Que romântico! – suspirou a Nancy.  
– É por isso que não somos nada.  
– Não os censuro — disse a Gretchen. – Eu faria o mesmo.  
– Mas se não tens religião como é que sabes se te vais casar numa igreja ou numa sinagoga? – perguntou a Janie.  
– Sei lá eu – disse eu. – Nunca pensei nisso. Talvez não me case em nenhuma.  
– Mas *toda a gente* tem uma religião – disse a Nancy.  
– Bem, acho que isso é com os meus pais – disse eu, pronta para mudar de assunto.

Não queria contar-lhes a minha história. – Por isso, hum... em que dia vamos reunir?

A Nancy informou que, às sextas-feiras, não dava para reunir porque tinha aulas de piano. A Janie disse que tinha balé às quartas-feiras, por isso eu disse que só nos sobravam as segundas-feiras, por isso concordámos que íamos reunir às segundas. Na próxima semana tínhamos de levar os Livros de Rapazes e ver se todas traziam sutiãs.

Quando a reunião terminou, a Nancy levantou os braços bem alto acima da cabeça, fechou os olhos e sussurrou:

– Às quatro PAS! Hurra!  
– Vivam as PAS! – cantámos.

Passsei o jantar a pensar como ia contar à minha mãe que queria usar sutiã. Perguntei-me porque é que ela nunca me tinha perguntado se eu queria um, já que sabia tanto sobre ser-se rapariga.

Quando foi dar-me um beijo de boa-noite, disse-lhe:

– Quero usar sutiã – assim mesmo, sem rodeios.  
A minha mãe acendeu novamente a luz do quarto.  
– Margaret... porquê?  
– Porque quero, e pronto – escondi-me debaixo dos lençóis para ela não me ver a cara.  
A minha mãe respirou fundo.  
– Bem, se é isso que queres, temos de ir às compras no sábado. Está bem?  
– Está – disse eu, sorrindo. A minha mãe não era assim tão má.

Desligou a luz e encostou a porta, deixando-a entreaberta. Ai como estava feliz por já ter passado!

*Ó Deus, estás e ouvir-me? Sou eu, Margaret. Acabei de dizer à minha mãe que quero usar sutiã. Por favor ajuda-me a crescer, tu sabes onde. Quero ser como todas as outras. Ó Deus, todas as minhas amigas novas têm religião. Qual devo seguir? Não sei o que queres que eu faça.*

## Capítulo 6

*[O professor de Margaret chama-a e pergunta-lhe porque que é que escreveu que detesta feriados religiosos. Ela sente-se embaraçada e explica que é porque os pais não são praticantes de nenhuma religião.]*

[...]

Naquela noite quando a vó telefonou, disse-me que tinha um passe de livre trânsito para duas pessoas no Centro Lincoln. Íamos encontrar-nos uma vez por mês, ao sábado, almoçar juntas e depois íamos ver um concerto. A vó é mesmo esperta. Ela sabia que os meus pais nunca iam recusar um sábado por mês no Centro Lincoln. Era cultural e eles pensavam que a cultura era muito importante e agora eu e a vó íamos ter a oportunidade de passar algum tempo juntas. Mas eu fiquei feliz que as idas ao Centro Lincoln não começassem para já porque não queria que nada interferisse com o Dia do Sutiã.

No sábado de manhã bem cedo, o Moose Freed apareceu para cortar a relva. O meu pai estava amuado a ler uma revista de desporto. O dedo estava muito melhor, mas ainda tinha a ligadura.

Fiquei lá fora enquanto o Moose cortava a relva. Gostava da maneira como ele cantava enquanto trabalhava. Também gostava dos dentes dele. Via-os quando sorria. Estavam muito limpinhos e eram brancos e havia um à frente que era um bocadinho torto. Fingi que estava muito ocupada a ler um livro, mas, na verdade, estava a observar o Moose. Quando olhava na minha direção, eu punha os olhos no livro novamente. O Moose seria o primeiro no meu Livro de Rapazes Giros, se conseguisse arranjar coragem. Mas o que iria pensar a Nancy? Ela detestava-o.

Após o almoço, a minha mãe disse ao meu pai que íamos às compras. Ainda tínhamos o mesmo carro, mas a minha mãe pensava que agora precisávamos de dois, porque não havia autocarros em Farbrook e os táxis eram muito caros. O meu pai disse que ia pensar no

assunto, mas eu sabia que em breve íamos ter outro. A minha mãe conseguia convencer o meu pai facilmente.

A minha mãe levou-nos ao centro comercial que tinha uma loja Lord & Taylor. Eu levava um vestido axadrezado em tons de azul e mocassins sem meias, com três pensos rápidos nas bolhas dos pés.

Primeiro fomos à seção de lingerie feminina onde a minha mãe disse à empregada da loja que queríamos ver sutiãs para mim. A empregada olhou-me e disse à minha mãe que seria melhor irmos à seção de adolescentes onde havia sutiãs de tamanhos muito pequenos. A minha mãe agradeceu à senhora e eu fiquei quase para morrer! Descemos pela escada rolante e seguimos em direção à seção para adolescentes. Tinha exposta uma grande variedade de roupa interior. Sutiãs, cuequinhas e *slips* a condizer. Eu usava sempre cuecas brancas e camisolas interiores normais. Só usava *slips* se fosse a uma festa. A minha mãe dirigiu-se ao balcão e disse à empregada que queríamos ver sutiãs. Fiquei mais para trás e fingi que não era nada comigo. Até me dobrei para coçar uma picada de mosquito recente.

– Anda cá, querida – chamou a empregada.

Detesto pessoas que nos tratem por queridas. Fui até ao balcão e levantei-lhe o meu sobrolho direito.

Debruçou-se sobre o balcão e disse:

– Vamos medir-te querida. – Colocou uma fita métrica à minha volta e sorriu para a minha mãe.

– Setenta e dois centímetros – disse ela. Eu queria dar-lhe um beliscão.

Depois tirou montes de sutiãs e pô-los em cima do balcão à nossa frente. A minha mãe apalpou todos.

– Agora, querida, eu sugiro o *Gro-Bra* porque se adapta ao corpo. Ainda não estás pronta para um de copa A. É melhor vesti-los para ver qual é o mais confortável? – Levou-nos até ao provador que tinha uma porta cor de rosa com fechadura. A minha mãe sentou-se numa cadeira dentro do provador. Eu despi o vestido. Não tinha mais nada por baixo a não ser as cuecas. Peguei no primeiro sutiã e enfiei os braços nas alças. Não consegui apertá-lo atrás. A minha mãe teve de me ajudar. Ela ajustou as alças e apalpou-me à frente.

– Como está esse? – perguntou ela.

– Não sei – disse eu.

– Está muito apertado?

- Não.
- Está muito largo?
- Não.
- Gostas desse?
- Julgo que sim...
- Experimenta este.

Ela tirou-me o primeiro sutiã e vestiu-me o próximo. Perguntei-me se algum dia ia ser capaz de o pôr sozinha. Talvez a minha mãe tivesse de mo vestir todos os dias.

O segundo sutiã era mais macio do que o primeiro. A minha mãe explicou-me que era de poliéster. Gostei como ele assentava. A minha mãe acenou com a cabeça. O terceiro era chique. Tinha renda e fazia-me comichão. A minha mãe disse que era pouco prático.

A empregada bateu à porta, enquanto eu estava a vestir-me novamente.

- E então? Gostámos de algum?

A minha mãe disse que sim, *nós* tínhamos gostado.

- Vamos levar três destes – disse, segurando o sutiã macio.

Quando regressámos ao balcão quem é que estava lá, a Janie Loomis e a mãe.

– Ah, olá, Margaret – disse ela. – Venho comprar pijamas de inverno. – Corou e eu reparei nos sutiãs no balcão à frente dela.

- Eu também — disse eu. – Comprei pijamas de flanela para o inverno.

- Bem, até segunda-feira – disse a Janie.

- Pois, até segunda.

Estava bastante feliz porque a minha mãe estava longe, do outro lado do balcão, a pagar os sutiãs.

## Capítulo 7

Quando cheguei a casa, levei o embrulho diretamente para o meu quarto. Despi-me e experimentei o sutiã. Apertei-o à volta da cintura e depois puxei-o para cima. Endireitei os ombros e pus-me de lado. Não me achei diferente. Tirei um par de meias e meti uma em cada lado do sutiã para ver se realmente se adaptava ao corpo. Assim ficava muito apertado mas gostava de me ver assim. Como a Laura Danker. Tirei as meias e arrumei-as.

O meu pai deu-me os parabéns ao jantar.

- Bem, Margaret, estás mesmo a ficar crescida. Já não és uma menina.

– Oh pai! – foi a única coisa que consegui dizer.

Na segunda-feira estudei os rapazes da minha turma. Tinha de arranjar nomes para o Livro de Rapazes Giros antes das três da tarde. Escolhi o Philip Leroy porque era o mais giro. Também escolhi o Jay Hassler porque tinha olhos castanhos bonitos e unhas limpinhas. Decidi escrever só esses dois nomes e depois explicaria que não conhecia mais ninguém.

Mesmo antes do toque de saída, Mr Benedict disse que ia pedir-nos que desenvolvêssemos um projeto individual ao longo do ano letivo.

Toda a gente protestou.

Mr Benedict levantou as mãos.

– Meninos, não é tão mau quanto parece. Primeiro porque é algo pessoal, entre mim e cada um de vocês. Não perguntarei qual é o assunto. Espero que o escolham sozinhos e que o desenvolvam à vossa maneira. A única coisa que exijo é que seja algo... hum... profundo.

Mais protestos.

Mr Benedict pareceu arrasado.

– Esperava que achassem interessante.

Coitado de Mr Benedict. Estava mesmo desiludido. Pela maneira como falava connosco acho que o fazíamos sentir-se nervoso. Ninguém parecia ter medo dele e devia-se sempre ter um bocadinho de medo do professor. Às vezes sentava-se à mesa e olhava para nós como se não acreditasse que estávamos realmente ali. Claro que a Nancy chamou a atenção para o facto de ele *nunca, mas nunca* chamar a Laura Danker. Eu não tinha reparado.

Enquanto formávamos a fila para sair, ele lembrou-nos de que, na quinta-feira, tínhamos um teste sobre os dois primeiros capítulos do manual de Ciências Sociais. Pediu-nos para estarmos preparados. A maioria dos professores nunca diz por favor.

Após as aulas fomos diretamente para a casa da Nancy. Antes de começarmos oficialmente a nossa reunião, falámos sobre o professor Mr Benedict e o projeto dele. Todas concordámos que era de loucos e ninguém tinha ideias.

Depois a Nancy fez a chamada.

– Veronica?

– Presente – disse a Gretchen.

– Kimberly?

– Presente – respondeu a Janie.  
– Mavis?  
– Presente – disse eu.  
– E eu também estou presente... Alexandra – a Nancy fechou o livro de presenças. – Bem, vamos começar. Vamos passar as mãos pelas costas umas das outras para ter a certeza de que todas trouxemos sutiãs.

Todas tinham trazido.

– Janie, que tamanho arranjaste? – perguntou a Gretchen.

– Arranjei um *Gro-Bra* – respondeu a Janie.

– Eu também – disse eu.

– Eu também! – disse a Gretchen rindo-se.

– Eu não – disse a Nancy orgulhosamente. – O meu é tamanho trinta e dois, copa A.

Todas ficámos impressionadas.

– Se algum dia se quiserem livrar desses sutiãs para menininhas, têm de fazer exercício – disse-nos.

– Que tipo de exercício? – perguntou a Gretchen.

– É assim – disse a Nancy. Fechou as mãos em punhos, dobrou os braços nos cotovelos e mexeu-os para a frente e para trás, esticando bem o peito para fora e foi dizendo:

– Vou... vou... vou aumentar as maminhas – repetiu isto várias vezes. Imitámos os movimentos e repetimos o cântico com ela:

– Vamos... vamos... vamos aumentar as maminhas!

– Muito bem – disse a Nancy. – Façam-no trinta e cinco vezes por dia e prometo que vão ver resultados.

– Agora vamos passar aos Livros de Rapazes Giros – disse a Gretchen. – Está toda a gente pronta?

Colocámos os Livros de Rapazes Giros no chão e a Nancy pegou neles um a um. Leu cada um deles e foi-os passando para nós vermos. O da Janie foi o primeiro. Tinha sete nomes na lista. Em primeiro lugar estava Philip Leroy. O da Gretchen tinha quatro nomes. Em primeiro lugar estava Philip Leroy. O da Nancy tinha dezoito rapazes na lista. Eu nem sequer conhecia dezoito rapazes! E em primeiro lugar estava Philip Leroy. Quando a Nancy chegou ao meu Livro de Rapazes Giros, engasgou-se num cubo de gelo enquanto bebia. Quando parou de se engasgar, leu:

– Número um... Philip Leroy – toda a gente deu risadinhas. – Número dois, Jay Hassler. Porque é que o escolheste?

Eu estava a ficar chateada. Quer dizer, ela não perguntou às outras porque é que gostavam deste ou daquele, por isso porque é que eu tinha de dizer? Levantei o sobrolho à Nancy e depois desviei o olhar. Ela tinha percebido a mensagem.

Quando terminámos, a Nancy abriu a porta do quarto. O Evan e o Moose estavam a ouvir a conversa. Seguiram-nos enquanto descíamos as escadas e saíamos. Quando a Nancy disse “Desapareçam! Estamos ocupadas”, o Evan e o Moose desataram a rir.

Gritaram: “Vamos... vamos... vamos aumentar as maminhas!”. Depois atiraram-se para a relva a rebolar às gargalhadas e eu desejei que os dois fizessem xixi nas calças.

[...]

*[A turma da Margaret decide ser mal comportada nas aulas e no dia seguinte o professor faz uma planta nova da sala. Depois as raparigas da turma têm uma aula com a professora de educação física e são informadas de que terão mais aulas com a professora para falarem de assuntos “femininos”.*

*Margaret decide fazer o projeto individual sobre religião, tentando descobrir a que religião deverá pertencer. Margaret vai ter com a avó ao Centro Lincoln para assistir a um espetáculo e aproveita para lhe perguntar se pode ir com ela à sinagoga. Esta experiência é uma desilusão para Margaret porque não se sente tão próxima de Deus durante o serviço religioso como quando fala com Ele sozinha. Margaret vai também com a amiga Janie à igreja presbiteriana e sente a mesma desilusão.]*

## Capítulo 11

Na primeira semana de dezembro já não usávamos os nossos nomes secretos nas reuniões das PAS. A Nancy disse que era muito confuso. Também já quase tínhamos desistido dos Livros de Rapazes Giros. Por um lado, os nomes nunca mudavam. A Nancy conseguia trocar a ordem do dela. Para ela era fácil porque tinha dezoito rapazes. Mas eu, a Janie e a Gretchen púnhamos sempre o Philip Leroy em primeiro lugar. Não havia suspense nenhum. Perguntei-me se elas punham o Philip Leroy em primeiro lugar porque gostavam realmente dele, ou se faziam o mesmo que eu, punham-no em primeiro porque era tão bonito. Talvez elas também tivessem vergonha de escrever de quem realmente gostavam.

No dia em que a Gretchen finalmente arranhou coragem para trazer o livro de anatomia do pai às escondidas, reunimos em minha casa, no meu quarto, trancámo-nos e pusemos uma cadeira encostada à porta. Sentámo-nos em roda no chão com o livro aberto na parte sobre o corpo masculino.

– Acham que o Philip Leroy é assim despido? – perguntou a Janie.

– Claro, palerma! – disse a Nancy. – Não é rapaz?

– Olhem para todas estas veias e coisas do género – disse a Janie.

– Bem, *todos* temos isso – respondeu a Gretchen.

– Acho que é feio – afirmou a Janie.

– Nunca vais poder ser médica ou enfermeira – disse-lhe a Gretchen. – Elas têm de olhar para estas coisas todos os dias.

– Gretchen, vira a página – mandou a Nancy.

A página seguinte era a do sistema reprodutivo masculino.

Nenhuma de nós disse nada. Pusemo-nos só a olhar até que a Nancy disse:

– O meu irmão é assim.

– Como é que sabes? – perguntei.

– Ele anda nu pela casa – respondeu a Nancy.

– O meu pai também costumava andar nu em casa – disse a Gretchen –, mas ultimamente deixou de andar.

– No verão passado, a minha tia foi a uma colónia de nudistas – disse a Janie.

– Estás a brincar! – Nancy levantou os olhos.

– Ficou lá um mês — contou-nos a Janie. – A minha mãe esteve sem lhe falar três semanas depois disso. Achava que era uma desonra para a família. A minha tia é divorciada.

– Por ter ido para a colónia de nudistas? – perguntei.

– Não – respondeu a Janie. – Já era divorciada antes de ir.

– O que acham que lá fazem? – perguntou a Gretchen.

– Apenas andam nus de um lado para o outro, é só isso. A minha tia diz que é muito tranquilo. Mas nunca vou andar nua à frente de ninguém!

– E quando te casares? – perguntou a Gretchen.

– Nem mesmo nessa altura – insistiu a Janie.

– És mesmo conservadora! – disse a Nancy.

– Não sou nada! Não tem nada que ver com isso.

– Quando cresceres, vais mudar de ideias – disse-lhe a Nancy. – Vais querer que toda a gente te veja. Como aquelas raparigas da *Playboy*.

– Quais raparigas da *Playboy*? – perguntou a Janie.

– Nunca viste uma revista da *Playboy*?

– Onde querias que visse isso? – perguntou a Janie.

– O meu pai assina – disse eu.

– E tens alguma revista por aí? – perguntou a Nancy.

– Sim.

– Então vai buscar! – mandou a Nancy.

– Agora? – perguntei.

– Claro.

– Não sei bem – disse eu.

– Margaret, ouve... Se a Gretchen se deu ao trabalho de trazer às escondidas o livro de anatomia do pai, o mínimo que podes fazer é mostrar-nos a *Playboy*.

Por isso abri a porta do meu quarto e fui ao rés-do-chão, tentando lembrar-me onde é que tinha visto o número mais recente. Não queria perguntar à minha mãe. Não havia mal nenhum em mostrá-lo às minhas amigas. Quer dizer... se houvesse maldade, então o meu pai não a recebia, certo? Embora ultimamente achasse que ele andava a escondê-la porque nunca está na prateleira das revistas onde costumava estar. Finalmente encontrei-a na gaveta da mesinha-de-cabeceira dele e pensei que, se a minha mãe me apanhasse e me perguntasse o que andava a fazer, dizia que estávamos a fazer um trabalho e precisávamos de revistas antigas para recortar. Mas não me apanhou.

A Nancy abriu-a imediatamente na rapariga nua da página central. Na página anterior, havia uma história sobre ela, dizendo que a Hillary Brite tinha dezoito anos.

– Dezoito! É só daqui a seis anos! – guinchou a Nancy.

– Mas olhem só para o tamanho daquelas mamocas. São enormes! – disse a Janie.

– Acham que vamos ser todas assim quando tivermos dezoito anos? – perguntou a Gretchen.

– Na minha opinião, acho que há algo de errado com ela – disse eu. – Fica esquisita!

– Acham que a Laura Danker é assim? – perguntou a Janie.

– Ainda não – disse a Nancy –, mas pode vir a ser quando tiver dezoito anos.

A nossa reunião terminou com cinquenta repetições de “Vamos...vamos...vamos aumentar as maminhas!”.

[...]

*[Sem a mãe saber, Margaret apercebe-se de que a mãe tinha escrito um postal de natal aos avós maternos que ela não conhecia.]*

### Capítulo 13

*[Norman Fishbein, um colega de turma de Margaret, surpreende-a e à turma ao convidá-las para a festa de aniversário no dia 20 de dezembro.]*

[...]

No dia da festa falei com a Nancy seis vezes, com a Janie três e duas vezes com a Gretchen. A Nancy telefonava-me sempre que mudava de ideias sobre o que ia vestir e todas as vezes perguntava-me se eu ainda ia levar o vestido de veludo e eu dizia-lhe que sim. No resto do tempo combinámos outras coisas. Decidimos que a Nancy ia ficar a dormir em minha casa e que a Gretchen ia dormir em casa da Janie. Mr Wheeler ia levar-nos todas à festa e Mr Loomis ia trazer-nos para casa.

A minha mãe lavou-me o cabelo às duas da tarde. Pôs-lhe também amaciador para não ficar emaranhado. Colocou-me grandes rolos na cabeça. Sentei-me debaixo do secador de cabelo dela. Depois arranjou-me as unhas com uma lima em vez de apenas as cortar como era habitual. O meu vestido de veludo já estava em cima da cama, juntamente com as minhas cuecas novas, os sapatos formais e *collants*. As minhas cuecas novas não eram daquelas normais de algodão. Eram de nylon com renda nos rebordos. A minha mãe ia oferecer-mas como uma prenda tradicional de dezembro. Passei a tarde a pensar que talvez o Norman Fishbein não fosse assim tão cromo.

Após o banho, devia ter ido para o quarto descansar de modo a estar em boa forma para a festa. Fui para o quarto e fechei a porta, só que não me apeteceu descansar. O que fiz foi pôr a cadeira da secretária à frente do espelho da cómoda. Depois pus-me em pé em cima da cadeira e despi o robe. Fiquei nua à frente do espelho. Estava a começar a ganhar alguns pelos. Virei-me e observei-me de lado. Depois descí da cadeira e pu-la mais perto do espelho. Voltei a pôr-me em cima dela e olhei novamente. A minha cabeça parecia esquisita com aqueles rolos todos. Quanto ao resto estava igual.

*Ó Deus, estás a ouvir-me? Sou eu, Margaret. Não quero estar sempre a lembrar-te... quer dizer... eu sei que és muito ocupado. Mas já estamos em dezembro e as minhas maminhas ainda não estão a crescer. Pelo menos não vejo grande diferença. Não achas que está na altura? Não achas que já esperei pacientemente? Ajuda-me, por favor.*

Saltei da cadeira, sentei-me à beira da cama e comecei a vestir as cuecas lavadas e os *collants*. Depois pus-me outra vez em frente ao espelho. Desta vez não estive muito tempo a olhar para mim.

Fui à casa de banho e abri o armário de baixo. Havia uma caixa cheia de bolas de algodão. A embalagem dizia: “conservar em local seco e limpo”. Pus a mão lá dentro e tirei algumas. O meu coração batia fortemente, o que era estúpido, porque do que é que eu tinha medo? Quer dizer... se a minha mãe me visse tirar algumas bolas de algodão, não ia dizer nada. Uso-as sempre no verão para pôr calamina nas picadas de mosquitos, para limpar cortes, pôr nas nódoas negras e para pôr o creme de noite na cara. Mas mesmo assim o meu coração batia fortemente porque sabia o que ia fazer com as bolas de algodão.

Voltei para o quarto em bicos de pés e fechei a porta. Fui para dentro do armário e fiquei num canto. Enfiei três bolas de algodão em cada lado do sutiã. Bem, e daí se estivesse a fazer batota? Provavelmente as outras raparigas também faziam o mesmo. Não estava melhor assim? Então, por que não?

Saí do armário e voltei a pôr-me em cima da cadeira. Desta vez quando me virei de lado parecia que as maminhas tinham crescido. Adorei!

*Ó Deus, ainda estás a ouvir-me? Vês como agora fico bem de sutiã? Só preciso de uma ajudinha. Vou-me portar bem em casa. Vou levantar a mesa todas as noites durante pelo menos um mês! Ó Deus, por favor...*

## **Capítulo 14**

Mais tarde a minha mãe escovou-me o cabelo. Estava mesmo bonito à exceção de um bocado do lado esquerdo que tinha encaracolado para o lado errado. A minha mãe disse que aquele bocado o fazia parecer muito natural.

A minha mãe e o meu pai fartaram-se de sorrir para mim enquanto eu estava à espera de que o pai da Nancy me viesse buscar. Eu sorria-lhes também. Era como se todos

soubéssemos de algum segredo especial. Só que eu sabia que eles não sabiam o *meu* segredo especial! Ao menos não disseram nenhuma parvoíce como oh, ela está tão girinha, vai à primeira festa e fica lá para jantar! Ter-me-ia dado uma coisinha má!

Mr Wheeler buzinou a um quarto para as cinco da tarde. A minha mãe deu-me um beijo de despedida, e o meu pai, sentado na cadeira, acenou-me com a mão e disse “Diverte-te”.

As Quatro PAS apertaram-se no banco de trás do carro (não era a carrinha) da família Wheeler. O pai da Nancy disse que era uma tolice sentarmo-nos no banco de trás e, para além disso, ele sentia-se como um motorista contratado. Mas limitámo-nos a dar risadinhas. A Janie tinha cortado o cabelo sem nos dizer nada. Disse que nem ela sabia até àquela tarde quando a mãe a levou ao cabeleireiro e teve uma conversa particular com Mr Anthony. Depois Mr Anthony começou a cortar e quando deu conta... tinha aquele corte de cabelo novo. Parecia um gnomo. Ficava-lhe bem e durante uns segundos pensei em como aquele corte me ficaria. Mas depois lembrei-me de há quanto tempo andava a sofrer para o deixar crescer. Decidi que era estúpido cortá-lo.

Quando chegámos à festa, foi a mãe do Norman Fishbein que nos abriu a porta. Era muito alta e magra e com uma cara parecida com a do Norman. Lembrava-me dela do Baile do Campo<sup>7</sup> organizado pela Associação de Pais e Encarregados de Educação. Esta noite não estava vestida de lavrador. Tinha vestidas umas calças pretas de veludo e uma espécie de *top* que parecia ter diamantes e rubis.

– Boa tarde, Mrs Fishbein – disse a Nancy numa voz que eu nunca lhe tinha ouvido. – Apresento-lhe a minha amiga, Margaret Simon.

Mrs Fishbein sorriu e disse:

– Margaret, é um prazer. – Depois pegou nos nossos casacos e passou-os à empregada que os levou para o primeiro andar.

– Mas que bem! Estão todas tão bonitas! – disse Mrs Fishbein. – Os outros estão lá em baixo. Nancy, tu sabes o caminho.

Atravessei a sala atrás da Nancy. A mobília era toda muito moderna. As cadeiras pareciam caixas esculpidas e as mesas eram em vidro. Era tudo bege. Em casa da Nancy toda a mobília estava decorada com patas de leão a substituir os pés e havia milhões de

---

<sup>7</sup> Este baile consistiu em dançar a quadrilha para comemorar as colheitas na agricultura por ocasião do Dia da Ação de Graças. Os participantes usavam vestuário considerado rural.

cores. Em minha casa, a sala tem alcatifa mas está vazia. A minha mãe ainda está a tentar decidir que tipo de coisas é que quer.

A casa do Norman pareceu-me muito grande porque tive de seguir a Nancy por, pelo menos, mais quatro divisões antes de chegarmos às escadas que davam para a cave.

Parecia que a maior parte da minha turma já lá estava. Incluindo a Laura Danker, que me pareceu lindíssima num vestido cor de rosa claro. Trazia o cabelo solto a cair-lhe para a cara.

Os rapazes vinham de *blazer* e alguns tinham posto gravata. O Philip Leroy tinha uma gravata da primeira vez que o vi, mas alguns minutos depois a gravata já tinha desaparecido e os primeiros botões da camisa estavam desabotoados. Pouco tempo depois, já nenhum dos rapazes tinha o *blazer* vestido. Estavam todos num montão a um canto.

Em geral, as raparigas ficaram de um lado da sala e os rapazes ficaram do outro. Quando já estávamos todos, Mrs Fishbein trouxe a comida. Havia uma grande variedade de sandes e uma grande travessa com feijão com salsichas às rodelas, de que tirei um pouco, servi-me da salada de batata e sentei-me na mesa com a Janie, a Nancy e a Gretchen. Havia seis mesas pequenas, por isso quase todos tinham lugar para se sentar. Assim que todos nos servimos, Mrs Fishbein e a empregada regressaram ao piso de cima.

Não tenho bem a certeza de quem é que começou a soprar mostarda por uma palhinha para o teto. Só sei que ouvi o Philip Leroy berrar “Freddy, olha para isto!”, ao mesmo tempo que fazia pontaria com a palhinha. Vi a mostarda voar e fazer um borrão amarelo no teto branco.

Mrs Fishbein só voltou à hora da sobremesa. Inicialmente não viu o teto, mas viu a mesa do *buffet* desarrumada. Quando olhou para cima, susteve a respiração e todos se calaram.

– O que é aquilo no meu teto? – perguntou ao Norman.

– Mostarda – respondeu o Norman.

– Pois – disse Mrs Fishbein.

Não disse mais nada, mas olhou para cada um de nós com um ar que dizia: “Não sei porque é que os vossos pais nunca lhes deram educação”. Depois Mrs Fishbein aproximou-se da nossa mesa e disse:

– Tenho a certeza de que estas raparigas não foram responsáveis por esta desarrumação. – Sorrimos, mas eu vi o Philip Leroy a deitar-nos a língua de fora.

– Agora vou lá cima buscar a sobremesa – disse Mrs Fishbein – e espero bem que se comportem como mulherezinhas e homenzinhos.

A sobremesa eram *cupcakes* pequeninos de cores diferentes. Comi dois de chocolate antes de o Freddy vir à nossa mesa.

– Tenho a certeza de que estas raparigas não fizeram nada de mal! – papagueou ele. – Estas raparigas são tão queridas e boazinhas.

– Cala-te! – disse-lhe a Nancy, pondo-se em pé. Ela era tão alta quanto ele.

– Porque é não te calas tu, sabichona!

– Para com isso, Lagosta! – gritou-lhe bem alto a Nancy.

– Quem é lagosta?

– És tu! – Nancy cerrou os dentes.

O Freddy agarrou a Nancy e, por alguns segundos, pensei que lhe ia bater.

– Tira as tuas patas de lagosta de cima de mim! – berrou a Nancy.

– Obrigá-me – disse-lhe o Freddy.

A Nancy virou-se de repente, mas o Freddy tinha-a agarrado pelo bolso do vestido e só vimos o Freddy ainda com o bolso na mão, mas a Nancy já estava do outro lado da sala.

– Ah! Ele rasgou-me o bolso! – queixou-se a Nancy.

O Freddy parecia não estar a acreditar. Mas ali estava ele com o bolso da Nancy na mão. Não havia nenhum buraco no vestido, apenas algumas linhas soltas no sítio onde o bolso tinha estado. A Nancy correu pelas escadas acima e alguns minutos depois regressou com Mrs Fishbein.

– Ele rasgou-me o bolso! – gritou a Nancy muito alto, apontando para o Freddy Barnett.

– Foi sem querer – explicou o Freddy. – Rasgou-se sozinho.

– Estou chocada com o teu comportamento. *Verdadeiramente chocada!* – disse Mrs Fishbein. – Não sei que tipo de crianças é que vocês são. Não os vou mandar para casa porque os vossos pais estão a contar que fiquem aqui até às nove horas e ainda são apenas sete. Mas deixem-me que lhes diga... se houver mais traquinices, telefonarei a cada uma das vossas mães e dos vossos pais e farei queixa deste comportamento *abominável!*

Mrs Fishbein marchou pelas escadas acima. Não conseguimos aguentar as risadas. Era tudo tão engraçado. *Traquinices e abominável!*

Até a Nancy e o Freddy tiveram de rir. Depois o Norman sugeriu que fizéssemos um jogo para não arranjarmos mais sarilhos.

– O primeiro jogo é “Adivinha Quem” – disse o Norman.

– “Adivinha Quem”? – perguntou a Janie. – Como é que se joga?

O Norman explicou.

– É assim... eu desligo as luzes e os rapazes formam uma fila de um lado e as raparigas do outro e depois eu berro “*Vai*” e os rapazes correm para o lado das raparigas e tentam adivinhar quem é quem com apalpadelas.

– Não, muito obrigada – disse a Gretchen. – Isso é nojento!

– Gretchen, acima do pescoço – disse o Norman. – Só acima do pescoço.

– Esquece isso – disse a Gretchen e todos concordámos. Principalmente eu. Só conseguia pensar naquelas seis bolas de algodão. Não ficavam tão abaixo do pescoço quanto isso.

– Está bem — disse o Norman. – Começamos com “Gira a Garrafa”.

– Esse é foleiro! – gritou o Philip Leroy.

– Sim – concordaram os outros rapazes.

– Temos de começar com algum – disse o Norman. Pôs uma garrafa verde no chão.

Sentámo-nos numa roda grande à volta da garrafa verde. O Norman disse-nos as regras.

– Têm de beijar quem estiver mais perto do lugar para onde a garrafa estiver a apontar. Não vale rapaz beijar rapaz, nem rapariga beijar rapariga.

O Norman foi o primeiro a fazer girar a garrafa. Calhou-lhe a Janie. Inclinou-se e deu-lhe um beijo na cara perto da orelha, mas mais alto. Correu de volta para o lugar dele na roda. Toda a gente se riu. Depois foi a vez da Janie fazer girar a garrafa. Calhou-lhe o Jay. Ela pôs a cara dela ao lado da dele, mas em vez de lhe dar um beijo, beijou o ar.

– Assim não vale! – avisou o Norman. – Tens de o beijar *mesmo*.

– Está bem, está bem – disse a Janie. Tentou novamente e desta vez conseguiu mas muito longe da boca dele.

Senti-me muito mais segura sabendo que iam ser beijos na cara. Sustinha a respiração sempre que alguém girava a garrafa, esperando para ver a quem é que eu ia calhar e quem é que me ia calhar a mim. Quando o Philip Leroy calhou à Gretchen, ela mal conseguiu levantar-se. Estava sempre a morder o lábio e finalmente lá foi ter com ele e deu-lhe o beijo

mais rápido que alguma vez se viu. Depois deixei de conseguir respirar porque pensei que, se eu lhe calhasse a ele, desmaiava. Fechei os olhos. Quando os abri vi a garrafa a apontar diretamente para a Laura Danker. Ela olhou para baixo e, quando o Philip se inclinou para a beijar, acho que só consegui dar-lhe um beijo na testa, apanhando ainda algum cabelo.

Foi nessa altura que o Jay disse:

– Que jogo *tão* estúpido. Vamos jogar “Dois Minutos no Armário”.

– Que jogo é esse? – perguntou o Norman.

O Jay explicou.

– Todos tiramos com um número à sorte e depois alguém chama os números, por exemplo, o número seis, e as duas pessoas vão para o armário durante dois minutos e... hum... bem, vocês já sabem.

– Não temos nenhum armário aqui em baixo – disse o Norman –, mas temos uma casa de banho.

O Norman não desperdiçou tempo e foi buscar papel e lápis. Escrevinhou os números numa grande folha de papel, números ímpares para os rapazes e números pares para as raparigas. Depois rasgou cada número e primeiro pôs os números pares no chapéu do pai e depois os números ímpares. Todos tirámos. Fiquei com o número doze.

Eu estava ao mesmo tempo receosa e entusiasmada e lamentei não ter feito experiências como a Nancy. Ela sabia o que fazer com um rapaz às escuras, mas o que é que eu sabia? Nada!

O Norman disse que ia ser o primeiro porque era a festa dele. Ninguém o contrariou. Levantou-se e pigarreou.

– Número... hum... número dezasseis – disse.

A Gretchen guinchou e deu um salto.

– Adeusinho pombinhos – disse a Nancy. – Não se demorem!

Demorar! Voltaram passados três segundos.

– Então? Não disseste dois minutos? – reclamou o Philip Leroy.

– Dois minutos é o máximo que podes estar lá – disse o Norman –, mas não tens de ficar o tempo todo, se não quiseres.

A Gretchen escolheu o número três, que era o Freddy Barnett, e eu fiz uma nota mental para nunca escolher esse número.

Depois o Freddy escolheu o número catorze e calhou-lhe a Laura Danker. Demos todos uma risadinha. Perguntei-me como é que a ia beijar porque achava que não lhe chegava à cara, a não ser que se pusesse em cima de qualquer coisa. Pensei que talvez subisse para cima da sanita e depois já não consegui parar de rir.

Quando saíram da casa de banho, a cara da Laura estava tão vermelha quanto a do Freddy e pensei como isso era curioso vindo de uma rapariga que ia com rapazes para as traseiras do supermercado A&P.

A Laura disse o número dela muito baixinho.

– Sete – disse ela.

O Philip Leroy levantou-se e sorriu para os rapazes. Afastou o cabelo da cara e foi até à casa de banho com as mãos enfiadas nos bolsos. Só conseguia pensar que, se ele gostasse mesmo dela, ia escolher o número dela e os dois ficariam na casa de banho o resto da festa.

Quando saíram, o Philip ainda vinha a sorrir, mas a Laura não. A Nancy deu-me uma cotovelada e fez o ar dela de entendida. Eu estava tão ocupada a observar a cara da Laura que não ouvi o Philip chamar o número doze.

– Quem é o doze? — perguntou o Philip. – Alguém tem de ser o doze.

– Disseste doze? – perguntei. – Sou eu.

– Bem, Margaret, anda lá.

Levantei-me sabendo que não ia conseguir fazer o caminho até à casa de banho onde o Philip Leroy estava à espera para me dar um beijo. Vi a Janie, a Gretchen e a Nancy a sorrir, mas não consegui retribuir-lhes o sorriso. Não sei como cheguei à casa de banho. Só sei que entrei e o Philip fechou a porta. Não se via nada.

– Olá, Margaret – disse.

– Olá, Philip – sussurrei. Depois comecei a dar risadinhas.

– Não te consigo beijar, se não parares de rir – disse ele.

– Porquê?

– Porque a tua boca está aberta quando te ris.

– Vais beijar-me na boca?

– Conheces sítio melhor?

Parei de rir. Quem me dera lembrar-me do que a Nancy tinha dito naquele dia que me mostrou como se beijava a almofada.

– Margaret, fica quieta – mandou o Philip.

Fiquei quieta.

Ele pôs-me as mãos nos ombros e aproximou-se. Depois beijou-me. Um beijo mesmo muito rápido! Não foi como nos filmes quando o rapaz e a rapariga ficam colados um ao outro durante muito tempo. Enquanto estava a pensar nisso, o Philip beijou-me novamente. Depois abriu a porta da casa de banho e foi para o lugar dele.

– Margaret, diz um número – disse o Norman. – Despacha-te.

Nem sequer consegui pensar num número. Queria dizer o número do Philip Leroy, mas não me conseguia lembrar de qual era. Por isso disse o número nove e calhou-me o Norman Fishbein!

Ele estava muito orgulhoso como se eu o tivesse escolhido de propósito. Eh-Eh! Praticamente correu para a casa de banho.

Após ter fechado a porta, ele disse:

– Margaret, gosto mesmo muito de ti. Como é que queres que te dê o beijo?

– Na cara e depressa – disse.

Foi assim que ele fez e eu abri a porta rapidamente e saí da casa de banho. E acabou!

Mais tarde em minha casa, a Nancy disse que eu era a rapariga mais sortuda do mundo e que talvez tivesse sido o destino que me tinha juntado a Philip Leroy.

– Ele beija bem? – perguntou.

– Bastante bem – disse.

– Quantas vezes? – perguntou ela.

– Aí umas cinco. Perdi a conta – disse-lhe eu.

– Ele *disse* alguma coisa?

– Nada de especial.

– Ainda gostas dele?

– Claro!

– Eu também.

– Boa noite, Nancy.

– Boa noite, Margaret.

## Capítulo 15

[*Entretanto já é Natal e a avó de Margaret decide passar uma temporada na Flórida, prometendo voltar na Páscoa.*]

[...]

Durante a segunda semana de janeiro, Mr Benedict comunicou que na sexta-feira à tarde as raparigas do sexto ano iam ver um filme, mas os rapazes do sexto ano, não. Nessa hora iriam ter uma conversa com o professor de Educação Física dos rapazes do terceiro ciclo.

A Nancy passou-me um bilhete que dizia: “Lá vamos nós... o grande filme sobre sexo”.

Quando lhe fiz perguntas acerca disso, ela disse-me que a Associação de Pais e Encarregados de Educação era responsável pelo filme e que se chamava *O que Todas as Raparigas Deveriam Saber*.

Quando cheguei a casa, contei à minha mãe.

– Na sexta-feira vamos ver um filme na escola.

– Eu sei – disse a minha mãe. – Recebi uma carta pelo correio. É sobre a menstruação.

– Eu já *sei* tudo sobre isso.

– Eu sei que *tu* sabes — disse a minha mãe — mas é importante que todas as raparigas o vejam, caso as mães delas não lhes tenham dado toda a informação.

– Ah.

Na sexta-feira de manhã houve muita risada. Finalmente às duas da tarde as raparigas formaram uma fila e foram para o auditório. Ocupámos as primeiras três filas. Havia uma senhora no palco vestida com um fato cinzento. Tinha o traseiro enorme.

– Boa tarde, meninas – disse ela, segurando um lençinho que abanava de vez em quando. – Estou aqui hoje para lhes falar sobre *O que Todas as Raparigas Deveriam Saber*, com o patrocínio dos produtos higiénicos *Private Lady*. Falaremos mais após o filme – a voz dela era suave como a de um locutor da rádio.

Depois as luzes apagaram-se e vimos o filme. O narrador do filme pronunciava *mêênstruação*. “Lembrem-se” dizia a voz, “é *mêênstruação*”. A Gretchen, que estava ao meu lado, deu-me um pontapé e eu dei outro à Nancy que estava do outro lado. Tapámos a boca com as mãos para não nos rirmos.

O filme falava dos ovários e explicava porque é que as raparigas *mêênstruam*. Mas não nos disse como nos fazia sentir, exceto que não doía e isso já sabíamos. Também não mostrou uma rapariga a vir-lhe o período. Apenas dizia como a natureza era maravilhosa e

que em breve íamos ser mulheres e coisas assim. Após o filme, a senhora do fato cinzento perguntou se havia perguntas.

A Nancy levantou o braço e, quando o Fato Cinzento lhe deu a palavra, disse:

– E tampões?

O Fato Cinzento tossiu para o lencinho e disse:

– Não aconselhamos *proteção interna* até serem muito mais velhas.

Depois o Fato Cinzento desceu do palco e distribuiu folhetos intitulados *O que Todas as Raparigas Deveriam Saber*. O folheto recomendava o uso de pensos higiênicos *Private Lady*. Era como um anúncio gigante. Fiz uma nota mental para nunca comprar coisas da *Private Lady* quando e se viesse a precisar delas.

Durante os próximos dias, sempre que olhava para a Gretchen, a Janie ou a Nancy dizíamos *mêênstruação*. Ríamos muito. Mr Benedict disse que tínhamos de sossegar porque tínhamos muito para aprender antes de estarmos prontas para o sétimo ano.

Uma semana mais tarde veio o período à Gretchen. Tivemos uma reunião especial das PAS nessa tarde.

– Veio ontem à noite. Nota-se? – perguntou-nos.

– Oh Gretchen! És uma sortuda! – gritou a Nancy com uma voz esganiçada. – Eu tinha a certeza de que seria a primeira. As minhas maminhas são maiores que as tuas!

– Bem, isso não quer dizer nada – disse a Gretchen sabiamente.

– Como é que aconteceu? – perguntei.

– Bem, estava sentada a jantar quando senti que alguma coisa estava a pingar.

– Continua, continua – disse a Nancy.

– Bem, corri para a casa de banho e, quando vi o que era, chamei a minha mãe.

– E? – perguntei.

– Ela berrou que estava a comer.

– E? – perguntou a Janie.

– Bem, eu berrei-lhe que era importante.

– E... e... – incitou a Nancy.

– E... hum... ela veio e mostrei-lhe – disse a Gretchen.

– E depois? – perguntou a Janie.

– Bem, não havia nada em casa. Ela usa tampões, por isso teve de telefonar à farmácia e encomendou pensos.

– O que usaste entretanto? – perguntou a Janie.

– Pus uma toalha nas calças – respondeu a Gretchen.

– Não! Não puseste nada! – desatou a Nancy a rir.

– Bem, teve de ser – disse a Gretchen.

– Está bem, e depois disso? – perguntei.

– Bem, os pensos demoraram mais ou menos uma hora a vir da farmácia.

– E depois disso? – perguntou a Nancy.

– A minha mãe mostrou-me como é que se colava às cuecas. Ah!... vocês sabem que...  
A Nancy estava chateada.

– Olha Gretchen, fizemos um pacto para contar absolutamente tudo sobre quando viesse ou não?

– Estou a contar-lhes, não estou? – perguntou a Gretchen.

– Não. Não estás a contar tudo – disse a Nancy. – O que é que se sente?

– Em geral, não sinto nada. Às vezes sinto qualquer coisa a pingar. Não dói a sair, mas tive dores ontem à noite.

– Muito fortes? – perguntou a Janie.

– Não são fortes. São diferentes – disse a Gretchen –, mais abaixo e ao fundo das costas.

– Faz-te sentir mais velha? – perguntei.

– Claro — respondeu a Gretchen. – A minha mãe diz que agora vou ter de ter mais cuidado com aquilo que como porque engordei muitos quilos este ano e também me disse para lavar a cara muito bem com sabonete a partir de agora.

– É só isso? – disse a Nancy. – Não tens mais nada para contar?

– Nancy, desculpa se te desiludi, mas não há mesmo mais nada para contar. Ah! Há uma coisa de que me esqueci. A minha mãe disse que podia não vir todos os meses ainda. Por vezes demora um bocadinho até vir sempre todos os meses.

– Estás a usar aquelas coisas da *Private Lady*? – perguntei.

– Não. A farmácia trouxe *Teenage Softies*.

– Bem, julgo que vou ser a próxima – disse a Nancy.

Eu e a Janie olhámos uma para a outra. Também achávamos o mesmo.

Quando cheguei a casa, contei à minha mãe.

– Veio o período à Gretchen Potter.

– Foi? – perguntou a minha mãe.

– Sim – disse eu.

– Julgo que em breve te virá também.

– Mãe, que idade tinhas quando te veio o período?

– Hum... acho que tinha catorze anos.

– *Catorze!* Isso é de loucos. Eu não vou esperar até ter catorze anos.

– Margaret, não podes fazer nada quanto a isso. Algumas raparigas menstruam mais cedo do que outras. Eu tinha uma prima que só lhe veio aos dezasseis anos.

– Achas que isso me pode acontecer? Vou morrer se assim for!

– Se não te vier até aos catorze anos, eu levo-te ao médico. Agora não te preocupes mais com isso!

– Como é que posso não me preocupar quando não sei se vou ser normal ou não?

– Prometo que vais ser normal.

*Ó Deus, estás a ouvir-me? Sou eu, Margaret. Veio o período à Gretchen, a minha amiga. Estou com tanta inveja. Detesto sentir inveja, mas sinto. Quem me dera que me ajudasses só um bocadinho. A Nancy tem a certeza de que vai ser a próxima. Ainda mais essa. E, se eu for a última, não sei o que farei. Ó Deus, por favor. Só quero ser normal.*

A Nancy e a família foram a Washington pelo fim de semana do feriado que celebra o nascimento de Lincoln, o 16.º presidente dos E.U.A.. Recebi um postal dela antes de ter regressado, o que quer dizer que o deve ter enviado assim que lá chegou. Só tinha uma palavra.

VEIO!!!

Rasguei o postal em pedacinhos e corri para o meu quarto. Havia algo de errado comigo. Tinha a certeza disso e não podia fazer nada. Atirei-me para cima da cama e fartei-

-me de chorar. Na próxima semana a Nancy ia querer contar-me tudo sobre o período e como era tão crescida. Bem, eu não queria ouvir as boas notícias dela!

*Ó Deus, estás a ouvir-me? Sou eu, Margaret. A minha vida está a piorar de dia para dia. Vou ser a única a quem ainda não veio o período. Tenho a certeza. Tal como sou a única sem religião. Porque é que não me podes ajudar? Não fiz sempre o que me pediste? Por favor... deixa-me ser como todas as outras.*

[...]

*[Enquanto a avó está na Flórida, a Margaret escreve-lhe cartas dizendo-lhe que sente a falta dela e contando-lhe as novidades. A avó diz-lhe que vai pedir autorização aos pais para ela ir passar uns dias à Flórida na Páscoa.]*

## Capítulo 17

No primeiro domingo de março, a Nancy convidou-me para passar o dia em Nova Iorque com a família dela. O Evan levou o Moose. Eu fiquei toda entusiasmada por ir o caminho todo até à cidade com o Moose Freed no mesmo carro, mas a família Wheeler levou a carrinha. Os rapazes sentaram-se atrás e eu e a Nancy fomos no meio, por isso, se quisesse ver o Moose, tinha de me virar e, se estiver sempre a voltar-me para trás, fico enjoada.

Fomos à sala de espetáculos do Radio City Music Hall. A vó costumava levar-me lá quando era pequena. Os meus pais dizem sempre que é só para turistas. Queria sentar-me ao lado do Moose, mas ele e o Evan arranjaram dois lugares afastados.

Após o espetáculo, a família Wheeler levou-nos ao Steak Place para jantar. Eu e a Nancy escolhemos os pratos e depois pedimos licença e fomos à casa de banho das senhoras. Éramos as únicas lá dentro, o que foi uma sorte porque só havia dois cubículos e estávamos as duas aflitas para ir à casa de banho. Assim que estava a terminar, ouvi a Nancy gemer.

– Ai não.... ai não...

– Nancy, o que foi? – perguntei.

– Ai por favor... não...

– Estás bem? – bati na parede que nos separava.

– Vai buscar a minha mãe. Depressa! – sussurrou.

Pus-me à frente da porta da casa de banho dela.

– O que aconteceu? — tentei abrir a porta mas estava trancada. – Deixa-me entrar.

A Nancy começou a chorar.

– Vai buscar a minha mãe, por favor.

– Está bem, eu vou. Volto já.

Corri rapidamente até à nossa mesa, rezando para que a Nancy não desmaiasse ou algo assim antes de voltar com a mãe dela.

Sussurrei a Mrs Wheeler:

– A Nancy está doente. Está na casa de banho a chorar e está a chamar por si.

Mrs Wheeler levantou-se logo e seguiu-me até à casa de banho das senhoras. Conseguia ouvir a Nancy a choramingar.

– Nancy? – chamou Mrs Wheeler, tentando abrir a porta.

– Ai mãe... tenho tanto medo! Ajuda-me, por favor.

– Nancy, a porta está trancada. Não consigo entrar – disse Mrs Wheeler. – Tens de a destrancar.

– Não consigo... não consigo.... – chorava a Nancy.

– Posso passar por baixo da porta e abri-la do outro lado – sugeri. – Quer? – perguntei à Mrs Wheeler.

Ela acenou que sim com a cabeça.

Peguei na saia e preendi-a entre as pernas para que não arrastasse no chão quando rastejei por baixo da porta. A cara da Nancy estava enterrada nas mãos. Destranquei a porta para Mrs Wheeler e depois esperei cá fora ao pé dos lavatórios. Perguntei-me se a Nancy ia ter de ir ao hospital ou o que ia acontecer. Rezei para que não tivesse nada de contagioso.

Alguns minutos passaram e Mrs Wheeler abriu uma fresta da porta e deu-me moedas.

– Margaret – disse ela –, importas-te de nos ir buscar um penso higiénico, por favor? – Devo-lhe ter feito uma cara estranha porque ela disse:

– Da máquina na parede, querida. Veio a menstruação à Nancy.

– Ela reage sempre assim?

– É a primeira vez dela – explicou Mrs Wheeler. – Está com medo. – A Nancy ainda continuava a chorar e havia muitos sussurros.

Não podia acreditar! A Nancy, que sabia sempre tudo! Tinha-me mentido sobre o período. Nunca lhe tinha vindo antes!

Pus as moedas na máquina e puxei a alavanca. O penso higiénico saiu numa caixa de cartão. Dei-o à Mrs Wheeler.

– Nancy, acalma-te – ouvi a mãe dizer-lhe. – Não te consigo ajudar se não parares de chorar.

E se eu não tivesse ido naquele dia? Nunca teria descoberto aquilo da Nancy. Quase desejei que não tivesse ido.

Finalmente a Nancy e a mãe saíram da casa de banho e Mrs Wheeler sugeriu que a Nancy lavasse a cara antes de voltar para a mesa.

– Vou dizer aos outros para não se preocuparem – disse ela. – Meninas, não se demorem.

Não sabia o que havia de dizer. Quer dizer... o que é que se diz quando se descobre que a nossa amiga é uma grandessíssima mentirosa?

A Nancy lavou as mãos e a cara. Passei-lhe duas toalhas de papel para as enxugar.

– Estás bem? – perguntei. Nesta altura sentia um pouco de pena da Nancy. Eu também queria ter o período, mas não ao ponto de mentir.

A Nancy encarou-me.

– Margaret, não contes a ninguém, por favor.

– Oh Nancy...

– A sério. Vou morrer de vergonha se as outras souberem. Promete-me que não contas – suplicou.

– Não conto.

– Pensei que tivesse vindo daquela vez. Não inventei nada. Enganei-me.

– Está bem – disse eu.

– Não vais contar?

– Já te disse que não.

Voltámos à mesa e juntámo-nos aos outros para jantar. Os bifes já estavam na mesa. Sentei-me ao lado do Moose. Ele tinha um cheiro agradável. Perguntei-me se fazia a barba porque o cheirinho agradável me fazia lembrar a loção de *aftershave* do meu pai. Cheguei a tocar-lhe na mão algumas vezes porque ele é canhoto e eu sou destra, por isso de vez em quando chocávamos. Ele disse que tinha sempre esse problema quando se sentava a mesas redondas. Ele era, sem dúvida, o primeiro no meu Livro de Rapazes Giros, mesmo que mais ninguém o soubesse.

Só consegui comer metade do bife. A família Wheeler levou a outra metade para casa, dizendo que eram restos para o cão. Eu sabia que não tinham cão, mas claro que não disse nada à empregada.

*Ó Deus, estás a ouvir-me? Sou eu, Margaret. A Nancy Wheeler é uma grande falsa. Inventa histórias! Nunca mais vou confiar nela. Vou esperar até tu me dizeres se sou normal ou não. Se me quiseres dar um sinal, tudo bem. Se não, vou tentar ser paciente. Só peço que não me venha na escola porque se tiver de contar a Mr Benedict, morro de certeza. Obrigada.*

## Capítulo 18

No dia dezoito de março fiz doze anos. A primeira coisa que fiz foi cheirar os sovacos como faz a minha mãe. Nada! Não me cheirava a nada. Ainda assim, agora que tinha doze anos decidi que era melhor usar desodorizante para prevenir. Fui à casa de banho dos meus pais e peguei no *roll-on* da minha mãe. Quando estava vestida, fui à cozinha para tomar o pequeno-almoço.

– Parabéns, Margaret! – exclamou com alegria a minha mãe, inclinando-se para me dar um beijo enquanto eu bebia sumo de laranja.

– Obrigada, mãe – disse eu. – Usei o teu desodorizante.

A minha mãe riu-se.

– Não tens de usar o meu. Eu compro-te um.

– Compras?

– Claro, se queres usá-lo regularmente.

– Bem, acho que é melhor. Agora tenho doze anos.

– Eu sei, eu sei — a minha mãe sorriu enquanto cortava uma banana para pôr nos meus cereais.

A vó enviou-me um certificado de aforro no valor de cem dólares, como faz todos os anos, mais três camisolas novas com etiquetas que diziam ESPECIALMENTE FEITO PARA TI... PELA VÓ, um fato de banho novo e um bilhete de avião para a Flórida. De ida e volta, partindo do aeroporto de Newark ao meio-dia do dia quatro de abril. Eu estava entusiasmadíssima!

Na escola, Mr Benedict deu-me um aperto de mão e desejou-me muita sorte neste ano. Ele disse à turma para me cantar os parabéns. A Nancy, a Janie e a Gretchen fizeram uma

vaquinha e compraram-me o novo álbum da minha banda preferida. Ofereceram-mo ao almoço. A Nancy enviou-me por correio um cartão individual assinado “Muito, muito obrigada à melhor amiga que alguém podia ter”. Julgo que ainda tinha medo de que eu revelasse o segredo dela.

Nessa tarde Mr Benedict comunicou que, durante as próximas três semanas uma parte das aulas ia ser dedicado a trabalhos de grupo. Íamos fazer projetos sobre países diferentes. Claro que eu, a Janie, a Nancy e a Gretchen fizemos sinal umas às outras para trabalharmos juntas.

Mas Mr Benedict foi sorrateiro! Disse que, como queria que trabalhássemos com pessoas com quem ainda não tínhamos trabalhado, já tinha formado os grupos. Bem, é no que dá ter um professor novato! Será que não sabia que isso era uma má ideia? Será que não sabia que nos devia deixar escolher os grupos? Os professores nunca nos dizem que já formaram os grupos. Já é suficientemente mau enganarem-te muitas vezes ao fingir que te deixam escolher um tópico, quando já sabem qual vais fazer. Mas isto era ridículo!

Acho que Mr Benedict não achava que era ridículo porque já estava a ler os nomes dos grupos. Cada grupo tinha quatro miúdos. Dois rapazes e duas raparigas, mais um grupo que tinha três raparigas. Não quis acreditar quando leu o meu grupo. Eu, o Norman Fishbein, o Philip Leroy e a Laura Danker! Olhei de lado para a Janie. Ela revirou os olhos. Eu levantei o sobrolho.

Mr Benedict pediu-nos para juntarmos as mesas consoante os nossos grupos. Ia ter de falar com a Laura Danker! Não havia volta a dar. Também ia passar muito tempo com o Philip Leroy, o que era bastante entusiasmante, agora que pensava nisso.

A primeira coisa que o Philip Leroy fez quando juntámos as mesas foi cantar.

“Parabéns a você,  
És mesmo feiosa,  
És igual aos macacos,  
E és muito malcheirosa!”

Depois deu-me um beliscão com muita força no braço! Vieram-me as lágrimas aos olhos. Ele disse:

– Um beliscão para cresceres um montão. E sabes muito bem onde precisas desse montão!

Sabia que era só uma brincadeira. Sabia que não devia levar a sério. Por um lado, porque não cheirava a macaco. Tinha posto desodorizante! E, por outro, o Philip Leroy não tinha nada que ver com *onde* é que eu precisava de crescer um montão! Pela parte que me tocava, a Nancy podia ficar com ele. Tinham sido feitos um para o outro.

Ainda pior do que isso, tive de me sentar de frente para a Laura Danker. Detestava-a. Detestava-a por ser tão alta e linda e por ter todos os rapazes a olhar para ela, incluindo Mr Benedict. Também a detestava porque ela sabia que era normal e eu ainda não sabia nada sobre mim! Também detestava Mr Benedict por me ter juntado com o Norman Fishbein. O Norman era mesmo cromo!

Em suma, o meu aniversário, que tinha começado por ser o dia mais perfeito da minha vida, acabou por ser bastante mau. Estava ansiosa por que chegassem as férias da Páscoa. A minha viagem à Flórida era a única coisa boa pela qual ansiava com grande expectativa. Estava farta da escola.

## Capítulo 19

Em casa, a minha mãe disse que nunca me tinha visto tão mal humorada. O mau humor durou as três semanas inteiras em que fizemos o parvo do trabalho de grupo. Ainda por cima, o nosso grupo votou três contra um para fazer o trabalho sobre a Bélgica. Eu queria um país mais interessante como a França ou a Espanha. Mas perdi.

Por isso, durante três semanas, só vi a Bélgica à frente. O Philip Leroy não fazia nada. Descobri isso logo. Só desperdiçava o tempo. Durante o trabalho de grupo, enquanto eu, a Laura e o Norman estávamos ocupados a fazer pesquisa, o Philip entretinha-se a fazer desenhos no caderno. Houve dois dias que até levou banda desenhada escondida dentro do caderno e passou o tempo a ler. O Norman Fishbein esforçava-se muito, mas era lerdo como tudo! E eu não suportava a maneira como mexia os lábios enquanto lia. A Laura trabalhava bem, mas claro que nunca lhe disse que *eu* achava isso.

Durante a terceira semana do Projeto da Bélgica, eu e a Laura tivemos autorização para ficar mais tempo depois das aulas e ir para a biblioteca trabalhar. Precisávamos de mais tempo com as enciclopédias. A minha mãe ia buscar-me à frente da escola às quatro e meia da tarde. A Laura ia a pé da escola até à igreja porque tinha de ir à confissão.

Isso fez-me pensar muito. Em primeiro lugar, eu não sabia que ela era católica. Em segundo, perguntei-me o que é que dizia na confissão. Quer dizer... será que falava daquilo que fazia com os rapazes? E o que é que o padre lhe dizia? Será que ia à confissão todas as vezes que fazia qualquer coisa de mal? Ou será que ia juntando e ia uma vez por mês?

Estava tão ocupada a pensar na Laura e no confessor que quase me esqueci da Bélgica. E provavelmente nunca teria dito nada se não fosse a Laura. Foi ela que se meteu comigo primeiro. Por isso, a culpa de tudo aquilo que aconteceu foi dela.

– Estás a copiar tudo, palavra por palavra, desse livro – sussurrou-me.

– E daí?

– Bem, não podes fazer isso – explicou ela. – Devias ler e depois pôr por palavras tuas.

Mr Benedict vai *saber* que copiaste.

Geralmente não copio palavra por palavra. Sei as regras tão bem quanto a Laura, mas estava ocupada a pensar noutras coisas e, para além disso, quem é que a Laura pensava que era para me dar ordens assim? Armada em esperta!

Por isso, respondi:

– Ah, pensas que és tão boa!

E ela disse:

– Eu não sou boa.

E eu insisti:

– De qualquer maneira, eu sei tudo sobre ti!

E ela disse:

– O que queres dizer com *isso*?

E a bibliotecária interrompeu:

– Meninas, silêncio.

E depois a Laura continuou a trabalhar, mas eu não.

– Eu sei tudo sobre ti e o Moose Freed – sussurrei.

A Laura pousou o lápis e olhou para mim.

– O que é que tu ouviste sobre mim e o Moose Freed?

– Bom, que tu e o Evan e o Moose vão para as traseiras do supermercado A&P – disse eu.

– Porque é que faria *isso*? – perguntou.

Era mesmo burra!

– Não sei porque é que *tu* fazes isso, mas sei porque é que *eles* o fazem... fazem-no para te apalpar ou coisa do género e *tu* deixas!

Ela fechou a enciclopédia com força e levantou-se. Tinha a cara vermelha que nem um tomate e vi uma veia azul a sair-lhe do pescoço.

– És uma grande mentirosa! És muito *porca*! – Nunca ninguém me tinha chamado nomes assim em toda a minha vida.

A Laura pegou rapidamente nos livros e no casaco e saiu a correr da biblioteca. Agarrei nas minhas coisas e fui atrás dela.

Eu estava mesmo a ser horrível e nem sequer tinha tido essa intenção. Estava a ser igualzinha à Nancy. Foi aí que me ocorreu que tanto quanto sabia a Nancy podia ter inventado aquela história sobre a Laura. Ou talvez o Moose e o Evan a tivessem inventado só para se gabarem. Sim, aposto que tinham sido eles! O Moose também era um grande mentiroso!

– Ó Laura! Espera – chamei.

Ela caminhava muito depressa, provavelmente porque tinha as pernas tão compridas. Fui atrás dela. Quando finalmente a apanhei, mal conseguia respirar. A Laura continuou a andar e não olhava para mim. Ela tinha razão. Caminhei ao lado dela. Eu dava quatro passos enquanto ela dava dois.

– Escuta – disse eu –, não estou a dizer que é errado fazeres essas coisas.

– Acho que é nojento que te metas comigo porque sou grande! – disse a Laura a choramingar.

Quis dizer-lhe que assoasse o nariz.

– Não te quis insultar – disse eu. – Foste tu que começaste.

– Eu? Essa é boa! Achas que tem muita piada fazeres pouco de mim, não achas?

– Não – disse eu.

– Pensas que não sei tudo sobre *ti* e as tuas amiguinhas? Achas que é bom ser a mais alta da turma?

– Não sei – disse eu. – Nunca pensei nisso.

– Então pensa nisso. Pensa como te sentirias se tivesses de usar sutiã no quarto ano e se toda a gente se risse e tu tivesses de cruzar sempre os braços à tua frente. E nos rapazes que te chamam nomes ordinários só por causa da tua aparência.

Pensei nisso.

– Laura, desculpa-me – disse eu.  
– Deve ser verdade, deve!  
– A sério. Se queres mesmo saber... Bem, eu queria ser como tu em vez de ser como sou.  
– Troco de lugar contigo, se quiseres. Agora vou à confissão – continuou a andar e a dizer qualquer coisa sobre como são sempre as pessoas erradas que se confessam.  
E pensei que talvez ela tivesse razão. Talvez eu é que me devesse confessar. [...]

*Ó Deus, estás a ouvir-me? Sou eu, Margaret. Hoje fiz uma coisa péssima. Mesmo péssima! De certeza que sou a pessoa mais horrível que alguma vez viveu e não mereço que nada de bom me aconteça. Gozei com a Laura Danker. Só porque me sentia mal, descarreguei nela. Magoei a Laura. Porque é que me deixaste fazer aquilo? Ó Deus, tenho andado à tua procura. Procurei numa sinagoga. Procurei numa igreja. E hoje procurei por ti quando me quis confessar. Mas não estavas lá. Não te senti em nenhum lugar. Não da forma como te sinto quando falo contigo à noite. Porquê? Porque é que só te sinto quando estou sozinha?*  
[...]

*[A Margaret fica muito infeliz quando recebe a notícia de que não vai poder visitar a avó na Flórida, porque os avós maternos chegam no dia 5 de abril e a querem conhecer. Os avós chegam e há uma discussão porque querem que Margaret seja cristã, e a Margaret fica tão aborrecida que decide que não precisa de religião e que não vai falar mais com Deus.]*

## Capítulo 22

Na manhã seguinte fiquei no meu quarto. Nem sequer desci para tomar o pequeno-almoço. Estava quase a dizer: “Ó Deus, estás a ouvir-me”, mas depois lembrei-me de que não ia falar mais com ele. Perguntei-me se um raio me ia cair em cima. Bem, se era isso que queria, isso era lá com ele.

À tarde já não aguentava estar em casa, por isso, pedi à minha mãe se podia ir ao centro da cidade ver um filme com a Janie. A minha mãe concordou que eu precisava de espairecer por algumas horas. Eu e a Janie encontrámo-nos na farmácia da esquina, do lado oposto ao cinema. Ainda faltavam vinte minutos para o filme começar, por isso entrámos na farmácia para dar uma volta. Em geral gostávamos de ver o expositor dos pensos higiénicos.

Após alguns minutos a dar uma olhadela, eu sussurrei à Janie:

– Vamos comprar uma caixa. – Era algo que pensava fazer há muito tempo, mas nunca tinha tido a coragem. Hoje estava a sentir-me com coragem. Pensei... quero lá saber se Deus está chateado comigo. O que importa? Até o pus à prova quando atravessei a rua fora da passadeira e contra a indicação do semáforo. Não tinha acontecido nada.

– Para que vamos comprar pensos? – perguntou Janie.

– Para estarmos prevenidas – disse-lhe eu.

– Queres dizer para levar para casa?

– Pois. Por que não?

– Não sei. A minha mãe pode não gostar disso – disse a Janie.

– Então não lhe contes.

– Mas e se ela vir?

– Vão num saco. Podes sempre dizer que são coisas para a escola – disse eu. – Tens dinheiro que chegue?

– Sim.

– Está bem. Bom... que marca é que vamos comprar? – perguntei.

– E se for *Teenage Softies*? – disse a Janie. – É a marca que a Gretchen usa.

– Está bem. – Tirei uma caixa de *Teenage Softies* da prateleira. – Bem, então? – disse eu à Janie – Tira também.

– Está bem, está bem – a Janie também tirou uma caixa.

Eu também peguei num pente azul de bolso para fingir que andávamos mesmo às compras.

Dirigíamo-nos para o balcão com as nossas coisas quando vimos que era um rapaz que estava a atender na caixa e mudámos de direção rapidamente.

– Não consigo fazer isto – sussurrou a Janie, colocando a caixa na prateleira. – Tenho medo.

– Não sejas totó. O que tem se... – fui interrompida por uma empregada de bata azul.

– Meninas, posso ajudá-las? – perguntou ela. A Janie fez que não com a cabeça, mas eu disse:

– Queremos levar isto, por favor – voltei a tirar a caixa que a Janie tinha posto na prateleira e mostrei à empregada o que tínhamos escolhido.

– Muito bem, meninas. Vão até à caixa e o Max embrulha-vos as embalagens.

A Janie nem se mexeu. Parecia que estava colada ao chão. Tinha uma expressão parva na cara, uma mistura de choro e riso. Por isso peguei na caixa dela e dirigi-me ao Max na caixa. Larguei tudo à frente dele e apenas fiquei ali, sem olhar para ele e sem dizer nada. Ele fez a soma e fiz sinal à Janie para me dar o dinheiro dela. Depois eu disse: “Dois sacos, por favor”. O Max aceitou o dinheiro, deu-me o troco, que nem me dei ao trabalho de verificar, e deu-me dois sacos de papel. Foi assim, tão fácil! Parecia que era normal para ele vender este tipo de coisas todos os dias.

Quando regresssei a casa depois do cinema, a minha mãe perguntou-me:

– O que tens no saco?

– Coisas para a escola – disse eu.

Fui para o meu quarto com as minhas compras. Sentei-me na cama a olhar fixamente para a caixa de *Teenage Softies*. Queria que Deus estivesse a ver. Ele que visse que me desenrasco bem sozinha, sem ele! Abri a caixa e tirei um penso higiénico. Fiquei com ele na mão durante muito tempo.

Finalmente levantei-me e entrei no armário. Estava escuro lá dentro, principalmente com a porta fechada. Quem me dera ter um armário enorme, um roupeiro com luz e fechadura na porta. Mas mesmo assim, safei-me. Coloquei o penso higiénico entre as pernas e depois puxei as cuecas para cima. Queria saber qual era a sensação. Agora já sabia. Gostei. Pensei em dormir com o penso nessa noite, mas optei por não o fazer. Se houvesse um incêndio, o meu segredo seria descoberto. Por isso tirei-o, pu-lo novamente na caixa e escondi-a na última gaveta da minha cómoda. A minha mãe nunca mexe ali, porque a desarrumação a deixa doente!

[...]

*[Os avós da Margaret decidem que vão para Nova Iorque. A avó paterna faz uma visita de surpresa e traz o namorado, Mr Binamin. A avó insiste que a neta é judia e novamente Margaret fica muito aborrecida.*

*Na escola, Margaret entrega o projeto individual no final do ano letivo sobre religião e sai da escola a chorar, muito desiludida porque ainda não tem religião.]*

## Capítulo 25

No dia dezassete de junho, a Associação de Pais e Encarregados de Educação organizou uma festa de final de ano no ginásio, e ninguém do sexto ano usou meias. Vesti o

meu primeiro par de *collants* de vidro e fiz a primeira malha uma hora mais tarde. Só pensava que em setembro ia estar no sétimo ano e que estava a crescer. A minha cabeça sabia-o, mesmo que o meu corpo não o soubesse.

A festa no ginásio foi muito parecida com o Baile do Campo do dia da Ação de Graças. Mrs Wheeler e Mrs Fishbein estavam a acompanhar, mas desta vez tinham vestido roupa normal.

A nossa turma ofereceu a Mr Benedict um conjunto de botões de punho em prata que a mãe da Gretchen tinha comprado em saldo. Ele pareceu muito satisfeito porque pigarreou muitas vezes e pareceu que não sabia o que devia dizer à exceção de obrigado e que, apesar de no início não termos sido a melhor turma de sexto ano do mundo, tínhamos progredido muito e que, graças a nós, ele ia ser um professor experiente no próximo ano, *muito experiente*. Depois todos rimos e algumas das raparigas choraram, mas eu não.

Eu, a Nancy, a Gretchen e a Janie almoçámos sozinhas no centro da cidade e falámos sobre como é que ia ser o terceiro ciclo. A Janie tinha medo porque achava não ia ser capaz de encontrar as salas e que se ia perder. A Gretchen disse que provavelmente os professores iriam ser mais exigentes e a Nancy estava preocupada que não tivéssemos disciplinas juntas. Depois fomos todas para casa e chorámos.

Mais tarde nesse dia, a minha mãe começou a fazer-me a mala para o acampamento. Vi-a arrumar os calções e polos. Depois ouvi o cortador da relva. O Moose tinha regressado. Primeiro fiquei entusiasmada por vê-lo e depois fiquei chateada, pensando na Laura e naquelas histórias que ele tinha ajudado a espalhar.

Corri pelas escadas abaixo, fui lá fora e berrei:

– Ó Moose! – Não me ouviu porque o cortador de relva fazia muito barulho. Por isso corri na direção dele e cortei-lhe o caminho, assim ele ia reparar em mim e gritei novamente:

– Ó Moose!

Ele desligou o cortador de relva.

– Estás no meu caminho – disse ele.

– Quero dizer-te uma coisa – disse eu.

– Então diz.

Pus as mãos nas ancas.

– Moose, sabes uma coisa? És um grande mentiroso! Não acredito que alguma vez tivesses levado a Laura Danker para as traseiras do supermercado A&P.

- Quem disse que fiz isso?
- Quem é que disse?
- Sim, quem é que te disse isso?
- A Nancy contou-me que o Evan lhe contou que tu e o Evan... – interrompi-me.

Parecia tonta.

O Moose abanou a cabeça.

- Acreditas sempre naquilo que te dizem sobre as outras pessoas? – perguntou.

Não sabia o que havia de dizer.

O Moose continuou a falar.

– Bem, da próxima vez não acredites, a menos que vejas! Agora sai do meu caminho, tenho mais que fazer!

Não me mexi.

- Moose, queres saber uma coisa? – perguntei.

– O que foi agora?

– Peço-te desculpa por pensar que eras mentiroso.

– Margaret, sabes uma coisa?

– O quê?

– Ainda estás no meu caminho!

Desviei-me do caminho e o Moose ligou novamente o cortador de relva. Ouvi-o a cantar a música preferida dele.

Regressei a casa. Tive de ir à casa de banho. Estava a pensar no Moose e em como eu gostava de estar perto dele. Estava a pensar como estava feliz, porque ele não era mentiroso e estava feliz porque era ele quem cortava a nossa relva. Depois olhei para as minhas cuecas e mal pude acreditar. Tinham sangue. Não muito, mas o suficiente. Gritei bem alto.

– Mãe... Ó mãe... Vem depressa!

Quando a minha mãe chegou à casa de banho disse:

– O que foi? O que se passou?

– Já me veio – disse-lhe eu.

– Já te veio o quê?

Comecei a rir e a chorar ao mesmo tempo.

– O meu período. Veio-me o período! – o meu nariz começou a pingar e peguei num lenço de papel.

– Margaret, tens a certeza? – perguntou a minha mãe.  
– Olha... olha para isto – disse eu, mostrando-lhe as minhas cuecas.  
– Meu Deus! Veio-te mesmo. A minha menina! – Depois os olhos dela encheram-se de lágrimas e começou a chorar. – Espera um bocadinho. Tenho as coisas no outro quarto. Ia pô-las na mala para levares para o acampamento, caso aparecesse.

– Ias?

– Sim. Caso aparecesse – saiu da casa de banho.

Quando regressou perguntei-lhe:

– É da marca *Private Lady*?

– Não. Arranjei-te da *Teenage Softies*.

– Ainda bem – disse eu.

– Margaret, agora escuta... é assim que se faz. Os pensos cabem nas tuas cuecas e...

– Mãe – disse eu –, há dois meses que tenho andado a treinar!

Depois eu e a minha mãe desatamos a rir, e ela disse:

– Se é assim, espero por ti no quarto.

Tranquei a porta da casa de banho e tirei o autocolante do penso higiénico. Pressionei o adesivo contra as minhas cuecas. Depois vesti-me e olhei-me ao espelho. Será que alguém conseguia adivinhar o meu segredo? Será que se notava? Por exemplo, será que o Moose saberia se eu fosse novamente lá fora falar com ele? Será que o meu pai iria saber assim que chegasse a casa para jantar? Tinha de telefonar à Nancy e à Gretchen e à Janie imediatamente. Coitada da Janie! Ia ser a última das PAS a vir-lhe o período. E eu tinha tanta certeza de que ia ser eu! Que surpresa! Agora de certeza de que estou a crescer. Agora sou quase uma mulher!

*Ó Deus, ainda estás a ouvir-me? Sou eu, Margaret. Eu sei que estás a ouvir-me. Sei que não ias perder isto por nada! Ó Deus, obrigada. Muito, muito obrigada...*

## 6. Dificuldades Tradutórias na Obra

Há dois temas centrais na obra *Are You There, God? It's Me, Margaret* como já foi referido anteriormente, a religião e o despertar para a sexualidade. Ambos apresentam dificuldades à tradução. Contudo, devido ao limite de páginas não pude apresentar a obra traduzida na íntegra e, por esse motivo, optei por traduzir um excerto. Como me parece que esta história juvenil poderá dar um contributo interessante à discussão da educação sexual nas escolas e por esta não se limitar a um espaço geográfico específico, ser intemporal e por me parecer ser um tema com a qual as jovens portuguesas do século XXI se podem identificar, seleccionei as partes da obra que abordam esta temática.

O meu objetivo ao traduzir *Are You There God? It's Me, Margaret* foi tornar esta obra acessível ao público infanto-juvenil português, sobretudo para leitores com idades compreendidas entre os dez e os doze anos, como já foi referido. Tendo em conta que a tradução funcionará numa cultura e num tempo diferentes do que o texto de partida e, conseqüentemente, terá um público-alvo diferente, a estratégia global da tradução foi produzir um texto que seja compreensível para o público-leitor jovem e, simultaneamente, mantenha as marcas culturais do texto de partida, sem prejudicar a fluência da narrativa, de modo a contribuir para a formação intercultural do jovem leitor. Desta forma, a tradução privilegiou o equilíbrio entre a norma inicial de adequação e de aceitabilidade, proposta por Gideon Toury, porque teve como principal objetivo apresentar uma história juvenil, permeada por uma cultura diferente, numa língua familiar ao público-alvo, indo assim ao encontro das características dos leitores e das suas capacidades cognitivas, linguísticas e conhecimento cultural, de forma a tornar os elementos não familiares alcançáveis ao nível da compreensão e não provocar estranheza inultrapassável.

Gideon Toury sugere que olhemos para a tradução como um facto da cultura de chegada e, por essa razão, esta é uma atividade regida pelas normas da mesma. Nesta secção debruçar-me-ei sobre as normas operacionais, na medida em que são estas que influenciam diretamente as escolhas do tradutor, nomeadamente as linguístico-textuais. Para ir ao encontro deste objetivo, a análise das dificuldades de tradução desta obra seguirá a tipologia proposta por Ana Maria Bernardo em «Para uma Tipologia das Dificuldades de Tradução», porque este artigo apresenta uma grelha de análise centrada na perspectiva da cultura de chegada, com terminologia que me pareceu adequada.

A autora classifica as dificuldades que refere no título em quatro categorias distintas: 1) textuais, que abordam os desafios ao nível do texto e que subdivide em convenções e estruturação (superestrutura; macroestrutura; microestrutura); 2) dificuldades pragmáticas; 3) cognitivas; e 4) culturais. A análise da tradução apresentada neste projeto debruçar-se-á sobre as dificuldades textuais e culturais, embora haja outras nesta obra, porque são as mais visíveis no excerto que é apresentado.

## **6.1. Dificuldades Textuais**

### **6.1.1. Estruturação**

#### **6.1.2. Superestrutura**

Ao nível da superestrutura do texto, a tradução é semelhante ao texto de partida, organizando-se por capítulos que são apenas numerados e pelo mesmo número de parágrafos. Alterei a pontuação, sobretudo no discurso direto, para seguir as normas da língua portuguesa, de forma a produzir um texto fluente que não provocasse estranheza ao leitor jovem.

Porém, houve uma alteração na estrutura porque, embora tivesse sido feita a tradução da obra na íntegra, apenas foi possível apresentar um excerto devido à extensão máxima de um projeto deste tipo. Por essa razão, optei por selecionar as partes da obra que mostrassem o contributo que poderá dar no âmbito da educação sexual e, por conseguinte, a tradução inicia-se no capítulo 2. Acresce que se omitiram capítulos e outros estão incompletos.

Para completar a informação deste romance juvenil, acrescentei elementos paratextuais a fim de explicar a ação que foi cortada, sendo assim possível seguir a história.

#### **6.1.3. Macroestrutura**

Ao nível da macroestrutura textual é importante referir a tradução do **título** da obra. *Are You There, God? It's Me, Margaret* remete para as conversas privadas que a personagem principal tem com Deus, em que revela as suas inquietações e os seus desejos. A frase repete-se ao longo da história porque é assim que ela inicia sempre estes desabafos. No texto traduzido considerei importante manter esta ligação. Porém, surgiu-me uma dificuldade cultural que se prende com a temática da religião. Esta surge na obra nas suas vertentes institucionalizada e espiritual. A estranheza que as amigas de Margaret sentem porque a protagonista não tem religião é algo com o qual as leitoras portuguesas neste século

não se conseguirão identificar, porque o contexto português é mais laicizado do que o contexto americano dos anos 70 do século anterior. Contudo, o texto está permeado de espiritualidade, pois Margaret fala constantemente com Deus. Na tradução quis manter essa característica da obra e, por essa razão, mantiveram-se essas conversas com Deus e optei por uma tradução literal do título, *Ó Deus Estás A Ouvir-me? Sou Eu, Margaret*.

A **situacionalidade** dos textos de partida e de chegada é diferente, sobretudo porque a história se passa no espaço geográfico norte-americano e existe uma distância temporal entre a publicação da obra (1970) e a sua tradução (2013), o que também teve implicações no texto traduzido. As estratégias aplicadas na tradução visam atenuar as referências temporais, mas manter as referências espaciais porque estas são recuperáveis no contexto do mundo globalizado. No texto de partida há a presença de formas de comunicação mais tradicionais como, por exemplo, há referências ao envio de correspondência por correio, que mantive no texto traduzido porque a sua alteração implicaria fazer grandes transformações que resultariam numa transformação radical do conteúdo. Também há referências musicais que são marcas do tempo da data da sua publicação: “record album”, “Mice Men” “his favorite song – about the Erie Canal”. Assim:

<b>Texto de Partida</b>	<b>Texto Traduzido</b>
record album (p. 113)	álbum (p. 80)
Mice Men (p. 113)	banda preferida (p. 80)
his favorite song – about the Erie Canal (p. 150)	a música preferida dele (p. 88)

A solução para “record album” foi a escolha de um hiperónimo, uma vez que se refere a um objeto que já não está presente no quotidiano dos jovens. Com os exemplos de “Mice Men” e a canção sobre o canal de Erie, também optei por hiperónimos, porque ambos representam marcas temporais com o qual o público-leitor não se identificaria e não se encontraram soluções equivalentes satisfatórias que os pudessem substituir. A estratégia de hiperonímia possibilitou adequar o discurso à faixa etária, permitindo que o jovem se reveja nos interesses das personagens, sem datar a tradução.

Outra dificuldade revelou-se quando Margaret descreve o quarto da sua nova amiga, dizendo que tem «... a dressing table with a heart-shaped mirror over it [...]. The kind that’s wrapped up in a fluffy organdy skirt» (p.5). Aqui Margaret refere-se a um pechiché,

contudo, como o público-alvo é jovem e poderia desconhecer a palavra e também porque já não é uma peça de mobiliário que se utilize, no texto traduzido optei pela substituição por uma peça semelhante e mais contemporânea: «... cómoda com um espelho de parede em forma de coração [...] Do género que está decorada com um tecido de organdi caído e solto» (p. 43).

É ainda de referir outro desafio resultante da situacionalidade na obra, nomeadamente uma referência temporal, que é o uso de chapéu<sup>8</sup> pela senhora que fala às meninas da turma sobre a menstruação (p. 98). Neste caso, optei pela omissão, uma vez que não é informação relevante para a história, não provocando assim estranheza desnecessária, porque o uso do chapéu fez parte de uma norma social marcada pelo tempo e já não se utiliza nem em contextos formais. Com a adoção desta estratégia procurei que os leitores se identificassem com a história e pareceu-me que a referência ao chapéu no texto traduzido poderia ser um fator que constituísse um obstáculo à empatia.

Considerando que o público-leitor desta obra é jovem, também surgiram dificuldades de tradução ao nível da **informatividade**. Aqui tive de ter em consideração o conhecimento enciclopédico e mundividência de quem lê, mas também a visão de jovem que a tradutora tem, como sugere Riitta Oittinen, desempenha um papel ativo na deteção de dificuldades para o leitor, levantando-se a questão: o que é que um jovem português sabe ou não sabe da cultura norte-americana? Os desafios encontrados a este nível referem-se sobretudo aos feriados em que se fez um acrescento ao texto de partida, de forma a explicá-los, através de uma nota de tradutora, como sucede com o Dia do Trabalho (p. 48), ou incorporando uma explicação adicional no corpo do texto da tradução (“fim de semana do feriado que celebra o nascimento de Lincoln, o 16.º presidente dos E.U.A.” p. 75). Surgiu também o caso de “square dance” (p. 86) que se traduziu por “Baile do Campo” (p. 65). O capítulo referente a essa celebração não está incluído no excerto apresentado, mas é mencionado para comparar o vestuário que uma das personagens envergava nesse dia com o que vestia na festa de aniversário de Norman Fishbein. Por essa razão acrescentei uma nota de tradutora para completar a informação do leitor deste projeto sobre o que se passou nessa festa, explicação que seria desnecessária se se traduzisse a obra na íntegra.

Para a interrupção letiva conhecida por “Spring Vacation” (p. 115), recorri a “Férias da Páscoa” (p. 81). Para este exemplo foi utilizada uma estratégia diferente das anteriores

---

<sup>8</sup> Esta dificuldade também foi encontrada noutras situações na obra, contudo, como não estão presentes no excerto que foi apresentado não foram abordadas, como por exemplo, o uso de luvas em contextos formais.

porque na cultura portuguesa esta é a interrupção letiva que marca o fim do segundo período e, deste modo, os leitores conseguirão identificar e seguir a passagem do tempo na obra.

#### 6.1.4. Microestrutura

Analisando o texto ao nível da microestrutura, surgiram alguns **desafios estilísticos** e, segundo Bernardo, estes incluem o reconhecimento do registo do texto:

Para além do reconhecimento do registo do texto, o tradutor terá de atentar nos níveis de língua presentes no texto, desde variantes idiolectais, sociolectais, e dialectais, e ajuizar sobre a respectiva relevância e grau de afastamento em relação à norma, de modo a encontrar equivalentes funcionais para a tradução. (Bernardo, 1999: 85)

Neste romance juvenil, o registo de língua é informal devido à faixa etária do público-leitor a que a obra se dirige e porque é narrado pela protagonista, Margaret, utilizando uma linguagem simples e gíria juvenil. No texto traduzido houve o cuidado de manter o registo de língua do modo mais aproximado possível ao texto de partida, mantendo marcas de oralidade (“I mean”), utilizando expressões informais e atualizando a gíria, que é portadora de marcas do tempo do texto de partida, para os leitores conseguirem identificar-se com o tipo de linguagem:

<b>Texto de Partida</b>	<b>Texto Traduzido</b>
you stinker! (p. 11)	és mesmo ordinário! (p. 47)
I mean... (pp. 13, 15, 33)	Quer dizer... (pp. 48, 49, 50)
Isn't that a scream! (p. 9)	É de chorar a rir! (p. 45)
drip (p. 83)	cromo (p. 63)
dope (p. 71)	palerma (p. 61)
corny (p. 90)	foleiro (p. 68)
he was so slow! (p.116)	era lerdo como tudo! (p. 81)
Big shot! (p. 117)	Armada em esperta! (p. 82)
She was really thick! (p.118)	Era mesmo burra! (p. 82)

Como já foi referido, a comunicação assimétrica de que Emer O’Sullivan nos fala veio acrescer a esta dificuldade da linguagem de que se faz uso. O facto de a tradutora não falar da mesma maneira do que os jovens faz com que se tenha de basear em suposições e corre-

-se sempre o risco de não utilizar o tipo de léxico adequado. A fim de minimizar esse risco, a tradução foi testada junto de alguns leitores de idades compreendidas entre os dez e os doze anos, estando a tradução alicerçada, por isso, em suposições informadas.

O texto de partida também faz uso de siglas, nomeadamente para o nome do Clube Secreto, que se manteve na tradução, embora alterando-a para se adequar à língua de partida:

<b>Texto de Partida</b>	<b>Texto Traduzido</b>
SGCT – Sixth Grade Cu-tees (p. 33)	GSA – Giraças do Sexto Ano (p. 51)
MJB Girls – the Miles J. Benedict Girls (p. 33)	as Raparigas de MJB – as Raparigas de Miles J. Benedict (p. 51)
PTS – Pre-Teen Sensations (pp. 35, 38)	PAS – Pré-Adolescentes Sensacionais (pp. 52, 54)

Quanto a “Boy Book” (pp. 35, 46, 49 etc.) que é uma lista ordenada de nomes dos rapazes de quem gostavam, perdeu-se no texto traduzido a aliteração e a concisão, porém, tentei manter o registo de língua informal e juvenil (“O Livro de Rapazes Giros” pp. 52, 54, 58).

O texto de partida recorre à rima nos dois exemplos abaixo referidos, constituindo assim outra dificuldade estilística e também prosódica. Estas situações surgem no aniversário de Margaret em contexto sala de aula, em que Philip transforma a canção “Happy Birthday” em algo humilhante para a protagonista.

<b>Texto de Partida</b>	<b>Texto Traduzido</b>
Happy Birthday to you, You live in a zoo, You look like a monkey, And you smell like one too! (p.114)	Parabéns a você, És mesmo feiosa, És igual aos macacos, E és muito malcheirosa! (p. 80)
That’s a pinch to grow an inch (p.114)	Um beliscão para cresceres um montão (p. 81)

Na primeira situação, optei por alterar o esquema rimático e o número de sílabas para estar em conformidade com o “parabéns a você”, mas manter a informação mais importante, que

são as brincadeiras e linguagem adolescentes ligadas ao corpo, neste caso, Philip está a brincar com Margaret, dizendo-lhe que cheira mal. Com esta solução tentei reproduzir o mesmo efeito prosódico, estilístico e manter a informação necessária. O segundo exemplo foi mais fácil de solucionar porque consegui seguir o esquema rimático recorrendo à sufixação em “-ão”.

Ao nível das **dificuldades semânticas** na obra *Are You There, God? It's Me, Margaret*, há alguns equívocos semânticos. Temos uma situação com o conceito “doggie bag” que Margaret não percebe o que é: «I could only finish half of my steak. The Wheelers took the other half home in a doggie bag. I knew they didn't have a dog but naturally I didn't tell the waitress» (pp. 110-111). Neste caso, a solução passou por utilizar uma expressão semelhante, embora alterando a significação de “doggie bag”, porque é um conceito que não tem equivalente na língua de chegada: «Só consegui comer metade do bife. A família Wheeler levou a outra metade para casa, dizendo que eram restos para o cão. Eu sabia que não tinham cão, mas claro que não disse nada à empregada.» (p. 79).

Há outra situação semelhante, mas que joga com o som das palavras. As meninas, quando estão a ver o filme no âmbito da sessão de esclarecimento sobre a menstruação, acham graça que se pronuncia “menstrooation” e “menstrooate” (p.98). A comicidade desta situação também se prende com o pudor da época em que não se falava abertamente sobre as questões do corpo. Para além disso, as jovens riem-se também quando ouvem palavras relacionadas com este tema porque as faz sentir pouco à vontade. Na língua de chegada optei por manter a comicidade, jogando com a primeira vogal porque esta se encontra na sílaba tónica: “mêênstruação” e “mêênstruam” (p. 72).

Outra dificuldade semântica prende-se com os muitos sinónimos possíveis de “gritar”: “yell, shout, holler, etc.”. Relativamente ao verbo “gritar” que, na língua de chegada, não tem tantos sinónimos quanto na língua de partida, optei por recorrer a advérbios de modo e à adjectivação:

<b>Texto de Partida</b>	<b>Texto de Chegada</b>
shout (pp. 10, 49, 90)	gritar (pp. 46, 60, 68)
yell (pp. 12, 87, 89)	berrar (pp. 48, 67, 68)
holler (pp. 12, 88, 150)	gritar bem alto (pp. 47, 67, 88)
shriek (pp. 11, 99)	gritar com voz esganiçada (pp. 47, 73)

scream (p. 89)	gritar muito alto (p. 67)
squeal (pp. 35, 74, 92)	guinchar (pp. 52, 62, 69)

Considerando que os leitores da tradução estão imersos numa cultura global, em que existe maior contacto com outras comunidades, nomeadamente a norte-americana, através da internet, da música, dos filmes e da literatura traduzida, os nomes próprios das personagens, os topónimos, nomes de instituições<sup>9</sup>, as ruas, as lojas, as atividades de lazer e marcas de pensos higiénicos não sofreram grandes alterações.

	<b>Texto de Partida</b>	<b>Texto Traduzido</b>
Nomes Próprios e alcunhas das Personagens jovens	Margaret, Nancy, Gretchen, Philip, Moose, Lobster, etc.	Margaret, Nancy, Gretchen, Philip, Moose, Lagosta, etc.
Topónimos	Farbrook, New Jersey, New York	Farbrook, Nova Jérsia, Nova Iorque
Ruas	Morningbird Lane, West Sixty-seventh	Morningbird Lane, rua West Sixty-seventh Street
Lojas	A&P, Lord & Taylor	supermercado A&P, loja Lord & Taylor
Atividades de lazer	Bridge, bowling	<i>Bridge, bowling</i>
Marcas de pensos higiénicos	Private Lady, Teenage Softies	Private Lady, Teenage Softies

Para as alcunhas das personagens utilizei a estratégia de não as traduzir, à exceção de Lobster, porque a alcunha é, por vezes, usada como nome comum («Tira as tuas patas de lagosta de cima de mim!» p. 67) e, por isso, é importante que os leitores percebam o seu significado. Mantive a referência ao comércio norte-americano (A&P; Lord & Taylor), embora tenha acrescentado a tipologia comercial antes, para o caso de não ser claro que tipo de lojas são (“supermercado”; “loja”), de modo a completar a informação ao leitor.

Relativamente a espaços de eventos culturais, traduzi “Lincoln Center” (pp. 9, 41) por “Centro Cultural Lincoln” (p. 46) na primeira ocorrência e, como é repetido ao longo da

<sup>9</sup> Saliente-se que Ana Maria Bernardo inclui os ortónimos e topónimos nas dificuldades semânticas.

obra, optei por referi-lo como “Centro Lincoln” (p. 55) nas vezes subsequentes. Quanto a “Radio City Music Hall” (p. 107), acrescentei uma explicação no corpo do texto, “sala de espetáculos do Radio City Music Hall” (p. 76), de forma a completar facilitar a compreensão da parte do leitor jovem.

Mantive as referências à comida, optando por não traduzir quando se tratava de marcas de produtos alimentares que são bem conhecidas ainda hoje, como, por exemplo, “Coca-cola” e “Oreos” (p. 50). De forma a preservar a marca cultural do texto de partida no caso de “cupcakes” (p. 67), a palavra não foi traduzida porque é um estrangeirismo adotado na língua de chegada. Quanto a “cut-up hotdog in beans” (p. 87) a solução passou por traduzir, descrevendo o prato, “feijão com salsichas às rodelas” (p. 66), porque não existe na cultura de chegada.

Relativamente a produtos de higiene femininos, procurei utilizar as marcas referidas no texto de partida. Apesar de diligências feitas, não consegui verificar a existência das marcas “Private Lady” (pp. 99, 101) e “Teenage Softies” (pp. 101, 139), por essa razão foram mantidas no texto traduzido. Houve uma tentativa de substituí-las por marcas conhecidas do público português, porém, como no caso de “Private Lady” é feita uma associação pejorativa, pareceu-me ser mais sensato ser prudente. Para além disso, também suspeito de que as marcas são inventadas pela escritora e, como procurei manter as marcas culturais do texto de partida, a sua tradução não me pareceu coerente com essa estratégia global de tradução. Noutra situação também há a referência a uma marca, “Tampax”, que, embora seja conhecida dos consumidores portugueses, optei por traduzir utilizando o nome do produto e recorrendo ao hiperónimo “tampões” (p. 73), porque ao nível da conotação Nancy queria saber se jovens poderiam usar este tipo de proteção: «Nancy raised her hand and when Grey Suit called on her Nancy said, ‘How about Tampax?’ Grey Suit coughed into her hankie and said, ‘We don’t advise *internal protection* until you are considerably older» (p. 99). Suspeito também de que, nos anos 70 nos E.U.A., ainda não era muito comum utilizar-se o termo “tampões”, preferindo referir-se o nome da marca e, como o que interessa nesta passagem é o produto e não a marca, a estratégia de tradução passou por recorrer à hiperonímia.

Houve substituição dos verbos do discurso direto, pois no texto de partida predomina “said”. Para ser coerente com a língua de chegada, no texto traduzido evitou-se a repetição e, para esse efeito, utilizei diferentes verbos declarativos e interrogativos para além de “dizer”,

tais como “pedir”, “perguntar”, “responder”, “agradecer” etc., porque em português a repetição não é estilisticamente aceitável.

Ana Maria Bernardo entende dificuldades semânticas como sendo desafios que «surgem ao nível do lexema ou de expressões, e a sua detecção é essencial para a reprodução da carga significativa do texto de partida na tradução» (*ibidem*: 85). Aqui fiz um entendimento ligeiramente diferente desta categoria, não a um nível tão restrito quanto o lexical, mas incluí formas de tratamento, que também têm significação. Esta dificuldade também poderá considerar-se ao nível da pragmática, embora, na arquitetura da autora, estas dificuldades remetam para elementos extratextuais (cf. *ibidem*: 90). Por isso, para os efeitos deste projeto, entendi formas de tratamento das personagens como uma **dificuldade semântico-pragmática** e como um elemento que se encontra dentro do texto. A primeira questão que se coloca é a forma como Margaret se dirige a Deus (“you”). Ao longo da história, a protagonista tem uma relação próxima com Deus que se manifesta nas suas “conversas” privadas com Ele, apesar de não ser praticante de nenhuma religião, o que faz com que ela não tenha um conhecimento aprofundado de ritos ou práticas religiosas. Na tradução, pareceu-me fundamental transmitir essa relação de proximidade e a sua falta de conhecimento. Por essa razão, no texto traduzido, quando Margaret se dirige a Deus, fá-lo na segunda pessoa do singular (“tu”) e quando fala d’Ele utiliza o pronome pessoal “ele” sem letra maiúscula, tal como sucede de resto no texto de partida. É evidente que isto pode provocar alguma estranheza no leitor português, contudo, poderá servir para contrabalançar a falta de estranheza relativamente à situação de Margaret não ter religião, o que provocou desconforto nos leitores do texto de partida da época. Para além disso, utilizei o vocativo “Ó” para dar início às conversas com Ele para reforçar uma das características da obra que é a informalidade com que ela fala com Deus: «*Ó Deus, estás a ouvir-me? Sou eu, Margaret.*».

Outro desafio presente no texto de partida é a forma como Margaret se dirige às personagens adultas como, por exemplo, a mãe ou pai das suas amigas ou dos colegas de turma (Mr Wheeler, Mrs Fishbein). Nestes casos, optei por manter “Mr” e “Mrs” seguido do apelido porque a norma da língua portuguesa é utilizar “Senhora D.” seguido do nome próprio e não se conhece o primeiro nome dessas personagens. Com “Sr.” já seria possível utilizar o apelido, porém quis ser coerente nas formas de tratamento para não confundir os leitores. Quanto à maneira como Margaret se dirige à avó materna, à mãe e ao pai, há uma

diferença entre o texto de partida e o texto traduzido. Na tradução optei pelo tratamento na segunda pessoa do singular, que é comum nesta faixa etária em relação à família com a qual se tem uma ligação mais próxima, como os pais e os avós. Esta forma de tratamento é frequente nas famílias de classe média como a de Margaret. Porém, no texto de partida, Margaret utiliza “mother / Mom”, “father / Dad” e “grandmother / Grandma”. No texto traduzido não utilizei letra maiúsculas em nenhum dos casos e fiz apenas a distinção entre “avó” e “vó”, na medida em que a língua de chegada assim o permite. Nos casos de “mother / Mom” e “father / Dad”, não fiz qualquer distinção, porque uma das formas de o fazer seria com “mãezinha” e “paizinho” e considerarei que seria demasiado infantil para o público-leitor e antiquado. Para além disso, com “Mom”, “Dad” e “Grandma” é sempre utilizado letra maiúscula como se tratasse de um nome próprio. Esta solução também permitiu transmitir a proximidade que Margaret tem em relação à avó paterna. A protagonista sente que ela é a única pessoa adulta que a entende, o que é uma característica presente ao longo da obra.

Uma dificuldade **morfo-sintática** tem que ver com as expressões “I am growing already” (p. 6) e “it’s time for me to start growing” (p. 15) presentes no texto de partida em vez de referir o substantivo “maminhas”. Como na língua de chegada não foi possível encontrar uma solução que se aproximasse da da língua de partida, tive de introduzir o substantivo nessas frases: «As minhas maminhas já estão a crescer» (p. 44) e «Não achas que já é tempo das minhas maminhas começarem a crescer?» (p. 49).

Segundo Bernardo, a tipologia de dificuldades lexicais aplica-se apenas a lexemas que não constam do dicionário da língua de chegada, dizendo «[n]esse caso, [...] se podem verificar duas situações diferentes: ou se trata de uma formação *ad-hoc*, provavelmente de reduzida durabilidade, ou de um neologismo que perdurará.» (*ibidem*: 89). Foi encontrada apenas uma **dificuldade lexical** no texto de partida que se enquadra na categoria assim definida: “car pools”. Não optei por um estrangeirismo, nem por um neologismo, mas por acrescentar uma explicação no corpo do texto: «Diz à tua mãe que este ano estamos a combinar cedo quem leva as crianças para as atividades extraescolares.» (p. 46) / «Tell your mother we’re making our car pools early this year» (p.10).

As estratégias globais utilizadas para resolver as dificuldades textuais visaram adequar o discurso aos leitores da cultura de chegada, tendo em consideração a faixa etária, o seu estágio de desenvolvimento e as suas características. Para esse efeito, mantiveram-se as

referências geográficas, atenuaram-se as marcas temporais, atualizou-se a linguagem e manteve-se o registo de língua.

## 6.2. Dificuldades Culturais

As dificuldades culturais estão sobretudo relacionadas com a temática da religião, que já foi referido quando se abordaram as características da obra. Margaret desabafa com Deus sobre as suas inquietações e os seus desejos relativamente a questões referentes à puberdade e ao facto de não ter religião e, por essa razão, tenta descobrir qual é a sua fé, assistindo a diversos serviços religiosos. Tudo isto se justifica nos anos 70 do século XX, no contexto norte-americano, mas provoca estranheza hoje, no leitor português, porque, por um lado, não se falava abertamente sobre sexualidade e, por outro, a religião institucionalizada tinha muita influência na sociedade, pois todas as pessoas tinham religião. Porém, o percurso religioso que Margaret faz não é apenas institucional, é, sobretudo, espiritual, na medida em que ela conversa com Deus quando está sozinha no quarto e se sente próxima d'Ele, mesmo não pertencendo a nenhuma Igreja. Atualmente no contexto português as duas temáticas abordadas nesta obra não provocam estranheza porque há abertura suficiente para se falar sobre a sexualidade e a comunidade é mais laicizada, o que constitui um desafio à tradução, uma vez que estas questões não provocam o efeito de estranheza nos leitores.

Relativamente ao excerto apresentado neste projeto, uma das maiores dificuldades foi como traduzir a seguinte passagem: «'But if you aren't any religion, how are you going to know if you should join the Y or the Jewish Community Center?' Janie asked.» (p. 37). Os leitores do século XXI que estão inseridos numa cultura, num espaço geográfico e num contexto sociocultural diferentes do da publicação desta obra (1970) desconhecem o que é “Y” e “Jewish Community Center”, que são marcas de religião institucionalizadas. Para a tradução considereei que o fundamental seria transmitir a ideia de que as amiguinhas de Margaret acham “estranho” ela não ter religião. Assim sendo, no texto de partida foram omitidas as referências a “Y” e “Jewish Community Center”, uma vez que são conceitos que não fazem parte da mundividência da cultura de chegada e, por isso, não estariam ao alcance da compreensão de leitores juvenis, tendo sido substituídos por outras instituições religiosas e pela dúvida de onde é que Margaret se casaria: «– Mas se não tens religião como é que sabes se te vais casar numa igreja ou numa sinagoga? – perguntou a Janie.» (p. 54).

A estratégia utilizada nas dificuldades culturais privilegiou as normas existentes na cultura de chegada. A substituição das instituições religiosas do texto de partida por outras equivalentes na cultura de chegada permitiu transmitir a mensagem da obra relativamente à religião e à espiritualidade.

A estratégia global que utilizei para resolver as dificuldades textuais e culturais foi a de preservar as marcas culturais do texto de partida, a fim de dar a conhecer outra cultura ao leitor português, e a de tornar as marcas temporais mais ténues, para facilitar a identificação com as ansiedades e preocupações da personagem Margaret. Com esse intuito, procurei adequar o discurso e a linguagem às características do público-leitor da cultura de chegada, produzindo um texto escorreito em língua portuguesa, mas mantendo a mensagem da obra literária.

## Conclusão

As estratégias utilizadas na tradução da obra *Are You There, God? It's Me, Margaret* privilegiaram a cultura, a língua e o leitor de chegada, adequando-se o discurso para ir ao encontro das características do público-alvo. Considerando o estágio de desenvolvimento linguístico, cognitivo e o grau de competência de leitura e de compreensão de textos dos leitores de idade compreendidas entre os dez e os doze anos, procurei não infantilizar a linguagem, nem apresentar um texto demasiado complexo para essa faixa etária. Outro objetivo foi produzir um texto fluente na língua de chegada e que não obrigasse o leitor a interromper a leitura com muitas notas de rodapé, embora, em casos específicos, se facultasse informação complementar necessária para a compreensão da história. Atualizei a linguagem e a gíria juvenil para que o leitor português do século XXI conseguisse identificar-se com a história, as personagens e as inquietações da protagonista Margaret. É verdade que qualquer texto traduzido visa, de um modo ou de outro, adequar o discurso ao público-leitor, mas na tradução de literatura infanto-juvenil esta dificuldade é mais acentuada e difícil de gerir do que na demais literatura por existir uma comunicação assimétrica entre o tradutor e o leitor jovem. O adulto não pensa, fala, nem age de mesma maneira que o jovem, portanto adaptar o tipo de linguagem e discurso de acordo com a forma com que os jovens realmente falam torna-se complexo. O tradutor só poderá fazer suposições quanto a esta questão, o que pode não coincidir com a visão de um jovem, correndo o risco de este não se identificar com a obra literária. Para o caso específico deste texto, a tradução foi posta à prova com um grupo de leitores jovens para que as suposições fossem minimamente informadas.

Na tradução de *Are You There, God? It's Me, Margaret*, tentei privilegiar a função pedagógica, uma vez que uma das temáticas centrais é o despertar para a sexualidade. As preocupações que a protagonista tem com o corpo que nunca mais se desenvolve, a menstruação que não lhe vem e os rapazes de quem começa a gostar são ansiedades correntes na pré-adolescência das jovens portuguesas deste século porque, apesar da distância temporal entre a publicação desta obra (1970) e a atualidade, as jovens têm as mesmas inquietações e dúvidas. Para além disso, a nossa cultura tem vindo a incentivar a prática e adoção de comportamentos saudáveis em relação à saúde e à sexualidade, quer em casa, quer nas escolas. Com esse intuito, a Assembleia da República decretou na Lei n.º

60/2009 de 6 de agosto de 2009 que todas as escolas nacionais terão de desenvolver atividades de educação sexual em cada turma. Neste sentido, defendi que esta obra poderá dar um contributo valioso como uma proposta de leitura extensiva nas escolas e que também poderá ser um bom ponto de partida para proporcionar o diálogo entre pais e filhos sobre a sexualidade.

A tradução desta obra de Judy Blume também possibilitará ao leitor conhecer uma realidade diferente da sua, a da cultura norte-americana, e contribuir desta forma para a sua formação intercultural. Este foi um fator que teve influência no ato tradutório, considerando que na atualidade é uma mais-valia estar familiarizado com outras culturas no contexto da globalização, daí que tenha privilegiado a função de formação intercultural que a literatura para os mais jovens poderá desempenhar. Como consequência da globalização, há maior contacto entre culturas e mobilidade dos cidadãos do mundo e reconhece-se que, para comunicar não basta saber falar a língua (competência linguística), temos de conhecer a cultura de quem a fala (competência intercultural), e a literatura infanto-juvenil traduzida poderá contribuir para o desenvolvimento dessa competência. Assim, com o excerto da tradução deste texto tentei promover o contacto entre as culturas norte-americana e portuguesa, dando possibilidade ao leitor da língua de chegada de conhecer e se familiarizar com outra cultura que não a sua. Com esse objetivo, preservaram-se as referências culturais e geográficas do texto de partida. Se, no contexto da globalização, foi fácil manter alguns elementos culturais como a localização geográfica, os nomes próprios das personagens e marcas mundialmente conhecidas, como Coca-Cola e Oreos, noutros casos recorri a outras estratégias como acrescentar informação complementar na própria narrativa, como sucedeu com os feriados americanos. As estratégias de tradução escolhidas visaram tornar os elementos “estranhos” passíveis de serem compreendidos, fazendo com que o leitor reconheça e conviva com essa estranheza.

A literatura traduzida como fenómeno cultural é uma atividade regida por normas socioculturais. O tradutor faz a gestão de dois sistemas de normas, o da cultura de partida e o de chegada, dando por vezes prioridade a umas em detrimento de outras. Na tradução *Are You There, God? It's Me, Margaret*, tentei produzir um texto que tivesse em conta o equilíbrio entre as normas de adequação e de aceitabilidade, seguindo as ideias do investigador israelita Gideon Toury. Por um lado, preservaram-se marcas culturais, seguindo as normas da cultura de partida, para possibilitar o contacto com outra cultura. Por outro,

atenuaram-se as referências temporais, orientando a tradução para as normas da cultura de chegada a fim de produzir um texto fluente com que os leitores pudessem identificar-se e estabelecer empatia com a história e as personagens.

Desta forma, o tradutor faz a gestão de dois sistemas, as normas da língua e cultura de partida e as de chegada, o que implica mudanças linguístico-textuais e ao nível da narrativa. As opções tradutórias têm influência nas alterações linguístico-textuais e ao nível da narrativa e, como resultado, surge um texto diferente do de partida. Consequentemente, o texto da língua de chegada pressupõe outro leitor implícito, o da tradução, que é obrigatoriamente diferente do que aquele que está inscrito no texto de partida. O leitor real também é distinto porque está inserido noutra contexto sociocultural, geográfico e histórico e tem outros conhecimentos, interesses, capacidades e competências. O tradutor escreve para um público-leitor diferente do que o do escritor e como ele o imagina dependerá das noções dominantes de criança ou de jovem, como Riitta Oittinen propõe. Estes conceitos variam consoante a cultura em que se está inserido, portanto o tradutor é influenciado pela maneira a sua comunidade os concebe, mas são também individuais porque cada pessoa tem a sua conceção quanto a essas noções: o que é ser jovem, como é que pensa, fala, sente e age.

Se os leitores implícito e real do texto traduzido são distintos, logo, a voz presente na obra literária não poderá ser apenas a do narrador do texto de partida. Na tradução de *Are You There, God? It's Me, Margaret*, é visível a presença da tradutora implícita nos elementos paratextuais como as notas de rodapé e nas explicações da ação que foi cortada para o efeito do excerto apresentado. Na tradução quis aproximar a voz do narrador à do texto de partida, mas essa voz nem sempre é igual porque se atualizou a linguagem e a gíria juvenil, se atenuaram as marcas temporais e se acrescentou informação complementar no próprio texto. Portanto, na tradução de uma obra literária há várias presenças discursivas: as do autor e tradutor implícitos e as vozes do narrador do texto de partida e do de chegada.

Espera-se que o presente projeto seja um contributo para os Estudos de Tradução de Literatura Infantojuvenil, nomeadamente reconhecendo-se que esta tipologia textual coloca outros desafios ao tradutor. As exigências da cultura de acolhimento e as características do leitor interferem sempre na tradução de qualquer texto. Porém, quando se trata de traduzir obras literárias para a camada jovem, as especificidades do público-leitor desempenham ainda um papel decisivo nas opções tradutórias porque este leitor tem menos experiência de vida, menos conhecimento e se encontra em desenvolvimento cognitivo e linguístico.

Acrescem a estas dificuldades as noções de criança e de jovem, que estão subjacentes a este tipo literário, e a comunicação assimétrica, que caracteriza a escrita para jovens. Estas são especificidades que não acontecem na demais literatura. É por isso que a tradução de literatura-infantojuvenil merece e carece de maior atenção enquanto área de estudo.

## Bibliografia

### Bibliografia Primária:

Blume, Judy (2010), *Are You There, God? It's Me, Margaret*, Londres e Oxford: Macmillan Children's Books.

### Bibliografia Secundária:

Bassnett, Susan (1998), «The Translator as Cross-Cultural Mediator» in Susan Bassnett; André Lefevere (eds.), *Constructing Cultures. Essays on Literary Translation*, Clevedon: Multilingual Matters, pp. 94-107.

Bernardo, Ana Maria (1999), «Para uma Tipologia das Dificuldades de Tradução», in *Runa*, n.º 27, pp. 75-94.

Booth, Wayne C. (1993), *The Rhetoric of Fiction*, segunda edição, Londres, Nova Iorque, Victoria, Markham, Oakland: Penguin Books.

Desmidt, Isabelle (2006), «A Prototypical Approach within Descriptive Translation Studies? Colliding Norms in Translated Children's Literature» in Jan Van Coillie, Walter P. Verschueren, (eds.), *Children's Literature in Translation. Challenges and Strategies*, Manchester e Nova Iorque: St. Jerome Publishing, pp. 79-96.

Eco, Umberto (1979), «O Leitor Modelo», in *Leitura do Texto Literário, Lector in Fabula*, Trad. Mário Brito, Lisboa: Editorial Presença, pp. 53-70.

Even-Zohar, Itamar (1990), «Polysystem Theory», in *Poetics Today*, vol.1, nº 1, primavera, pp. 9-51.

Hermans, Theo (1996), «The Translator's Voice in Translated Narrative», in *Target*, 8:1, pp. 23-48.

Lathey, Gillian (2006), «Introduction», in Gillian Lathey (ed.), *The Translation of Children's Literature. A Reader*, Clevedon: Cromwell Press Ltd, pp. 1-12.

Munday, Jeremy (2008), *Style and Ideology in Translation. Latin American Writing in English*, Nova Iorque e Londres: Routledge.

Mundt, Renata de Souza Dias (2011), «A Adaptação na Tradução de Literatura Infanto-juvenil: Necessidade ou Manipulação?», in José Nicolau Gregorin Filho *et al.* (orgs), *A Literatura Infantil e Juvenil Hoje: Múltiplos Olhares, Diversas Leituras*, Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, pp. 282-298.

- Oittinen, Riitta (2000), *Translating for Children*, Nova Iorque: Garland Publishing, Inc.
- O'Sullivan, Emer (2009), *Comparative Children's Literature*, Trad. Anthea Bell, Londres e Nova Iorque: Routledge.
- O'Sullivan, Emer (2003), «Narratology Meets Translation Studies, or, the Voice of the Translator in Children's Literature», in *Meta: Translator's Journal*, vol. 48, n.º 1-2, pp. 197-207, <http://id.erudit.org/iderudit/006967ar>, data de acesso 2/01/2013.
- O'Sullivan, Emer (2002), «Comparing Children's Literature», in *gfl-journal*, n.º 2., <http://www.gfl-journal.de/2-2002/osullivan.pdf>, data de acesso 18/11/2012.
- Puurtinen, Tiina (1998), «Syntax, Readability and Ideology in Children's Literature», in *Meta: Translators' Journal*, vol. 43, n.º 4, <http://id.erudit.org/iderudit/003879ar>, data de acesso 7/10/2012.
- Reis, Maria Olinda Vieira da Silva (2010), *O Primado do Imaginário na Tradução da Literatura Juvenil ou o "Estrangeiro" como Fonte de Aprendizagem a Construção do Eu*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Reynolds, Kimberley (2011), *Children's Literature A Very Short Introduction*, Oxford: Oxford University Press.
- Schiavi, Giuliana (1996), «There is always a Teller in a Tale», in *Target*, 8:1, pp. 1-21.
- Toury, Gideon (2012), *Descriptive Translation Studies and Beyond-Revised Edition*, Amsterdão e Filadélfia: John Benjamin Publishing Company.
- Toury, Gideon (1999), «A Handful of Paragraphs on "Translation" and "Norms"», in Christina Schäffner (ed.), *Translation and Norms*, Clevedon: Multilingual Matters, pp. 9-31.
- Toury, Gideon (1995), *Descriptive Translation Studies and Beyond*, Amsterdão e Filadélfia: John Benjamin Publishing Company.

Entrevista com Judy Blume dada à revista Smithsonian Magazine em janeiro de 2012:  
<http://www.smithsonianmag.com/arts-culture/Q-and-A-Judy-Blume.html>, data de acesso 10/09/2012.

Entrevista com Judy Blume dada a Kindle Editors em 27 de janeiro de 2012:

<http://www.kindlepost.com/2012/01/guest-blogger-judy-blume-.html>, data de acesso 10/09/2012.

Website Oficial de Judy Blume:

<http://www.judyblume.com/about.php>, data de acesso 10/09/2012.

<http://www.judyblume.com/about/author/author/.php>, data de acesso 10/09/2012.

<http://www.judyblume.com/reference/morebooks/bookawards.php>, data de acesso 10/09/2012.

<http://www.judyblume.com/reference/morebooks/bookawards2.php>, data de acesso 10/09/2012.

<http://www.judyblume.com/reference/morebooks/booklist.php>, data de acesso 10/09/2012.

<http://www.judyblume.com/reference/foreign/index.php>, data de acesso 10/09/2012.

<http://www.judyblume.com/censorship.php>, data de acesso 10/09/2012.

<http://www.judyblume.com/censorship/leader.php>, data de acesso 10/09/2012.

Entrevista com Judy Blume dada a NPR em 28 de novembro de 2011:

<http://www.npr.org/2011/11/28/142859819/judy-blume-banned-often-but-widely-beloved>, data de acesso 10/09/2012.

All Time 100 Novels by Time:

<http://entertainment.time.com/2005/10/16/all-time-100-novels/slide/are-you-there-god-its-me-margaret-1970-by-judy-blume>, data de acesso 12/12/2012.





First published in Great Britain 1978 by Victor Gollancz Ltd

This edition published 2010 by Macmillan Children's Books  
a division of Macmillan Publishers Limited  
20 New Wharf Road, London N1 9RR  
Basingstoke and Oxford  
Associated companies throughout the world  
[www.panmacmillan.com](http://www.panmacmillan.com)

ISBN 978-330-39808-4

Copyright © Judy Blume 1970

The right of Judy Blume to be identified as the  
author of this work has been asserted by her in accordance  
with the Copyright, Designs and Patents Act 1988.

All rights reserved. No part of this publication may be  
reproduced, stored in or introduced into a retrieval system, or  
transmitted, in any form or by any means (electronic, mechanical,  
photocopying, recording or otherwise), without the prior written  
permission of the publisher. Any person who does any unauthorized  
act in relation to this publication may be liable to criminal  
prosecution and civil claims for damages.

21 23 25 27 29 28 26 24 22

A CIP catalogue record for this book is available from  
the British Library.

Printed and bound by CPI Group (UK) Ltd, Croydon, CR0 4YY

This book is sold subject to the condition that it shall not,  
by way of trade or otherwise, be lent, resold, hired out,  
or otherwise circulated without the publisher's prior consent  
in any form of binding or cover other than that in which  
it is published and without a similar condition including this  
condition being imposed on the subsequent purchaser.



## Chapter 2

We hadn't been in the new house more than an hour when the doorbell rang. I answered. It was this girl in a bathing suit.

'Hi,' she said. 'I'm Nancy Wheeler. The real estate agent sent out a sheet on you. So I know you're Margaret and you're in sixth grade. So am I.'

I wondered what else she knew.

'It's plenty hot, isn't it?' Nancy asked.

'Yes,' I agreed. She was taller than me and had bouncy hair. The kind I'm hoping to grow. Her nose turned up so much I could look right into her nostrils.

Nancy leaned against the door. 'Well, you want to come over and go under the sprinklers?'

'I don't know. I'll have to ask.'

'Okay. I'll wait.'

I found my mother with her rear end sticking out of a bottom kitchen cabinet. She was arranging her pots and pans.

'Hey, Mom. There's a girl here who wants to know if I can go under her sprinklers?'

'If you want to,' my mother said.

'I need my bathing suit,' I said.

'Gads, Margaret! I don't know where a bathing suit is in this mess.'

I walked back to the front door and told Nancy, 'I can't find my bathing suit.'

'You can borrow one of mine,' she said.

'Wait a second,' I said, running back to the kitchen. 'Hey, Mom. She says I can wear one of hers. Okay?'

'Okay,' my mother mumbled from inside the cabinet. Then she backed out. She spit her hair out of her face. 'What did you say her name was?'

'Umm . . . Wheeler. Nancy Wheeler.'

'Okay. Have a good time,' my mother said.

Nancy lives six houses away, also on Morningbird Lane. Her house looks like mine but the brick is painted white and the front door and shutters are red.

'Come on in,' Nancy said.

I followed her into the foyer, then up the four stairs leading to the bedrooms. The first thing I noticed about Nancy's room was the dressing table with the heart-shaped mirror over it. Also, everything was very neat.

When I was little I wanted a dressing table like that. The kind that's wrapped up in a fluffy organdy skirt. I never got one though, because my mother likes tailored things.

Nancy opened her bottom dresser drawer. 'When's your birthday?' she asked.

'March,' I told her.

'Great! We'll be in the same class. There are

three sixth grades and they arrange us by age. I'm April.'

'Well, I don't know what class I'm in but I know it's Room Eighteen. They sent me a lot of forms to fill out last week and that was printed on all of them.'

'I told you we'd be together. I'm in Room Eighteen too.' Nancy handed me a yellow bathing suit. 'It's clean,' she said. 'My mother always washes them after a wearing.'

'Thank you,' I said, taking the suit. 'Where should I change?'

Nancy looked around the room. 'What's wrong with here?'

'Nothing,' I said. 'I don't mind if you don't mind.'

'Why should I mind?'

'I don't know.' I worked the suit on from the bottom. I knew it was going to be too big. Nancy gave me the creeps the way she sat on her bed and watched me. I left my polo on until the last possible second. I wasn't about to let her see I wasn't growing yet. That was my business.

'Oh, you're still flat.' Nancy laughed.

'Not exactly,' I said, pretending to be very cool. 'I'm small boned, is all.'

'I'm growing already,' Nancy said, sticking her chest way out. 'In a few years I'm going to look like one of those girls in *Playboy*.'

Well, I didn't think so, but I didn't say anything. My father gets *Playboy* and I've seen those girls in the middle. Nancy looked like she had a long way to go. Almost as far as me.

'Want me to do up your straps?' she asked.

'Okay.'

'I figured you'd be real grown up coming from New York. City girls are supposed to grow up a lot faster. Did you ever kiss a boy?'

'You mean really kiss? On the lips?' I asked.

'Yes,' Nancy said impatiently. 'Did you?'

'Not really,' I admitted.

Nancy breathed a sigh of relief. 'Neither did I.'

I was overjoyed. Before she said that I was beginning to feel like some kind of underdeveloped little kid.

'I practise a lot though,' Nancy said.

'Practise what?' I asked.

'Kissing! Isn't that what we were talking about? *Kissing!*'

'How can you practise that?' I asked.

'Watch this.' Nancy grabbed her bed pillow and embraced it. She gave it a long kiss. When she was done she threw the pillow back on the bed. 'It's important to experiment, so when the time comes you're all ready. I'm going to be a great kisser some day. Want to see something else?'

I just stood there with my mouth half open.

Nancy sat down at her dressing table and opened a drawer. 'Look at this,' she said.

I looked. There were a million little bottles, jars and tubes. There were more cosmetics in that drawer than my mother had all together. I asked, 'What do you do with all that stuff?'

'It's another one of my experiments. To see how I look best. So when the times comes I'll be ready.' She opened a lipstick and painted on a bright pink mouth. 'Well, what do you think?'

'Umm . . . I don't know. It's kind of bright, isn't it?'

Nancy studied herself in the heart-shaped mirror. She rubbed her lips together. 'Well, maybe you're right.' She wiped off the lipstick with a tissue. 'My mother would kill me if I came out like this anyway. I can't wait till eighth grade. That's when I'll be allowed to wear lipstick every day.'

Then she whipped out a hairbrush and started to brush her long, brown hair. She parted it in the middle and caught it at the back with a barrette. 'Do you always wear your hair like that?' she asked me.

My hand went up to the back of my neck. I felt all the bobby pins I'd used to pin my hair up so my neck wouldn't sweat. I knew it looked terrible. 'I'm letting it grow,' I said. 'It's at that in-between stage now. My mother thinks I should

wear it over my ears though. My ears stick out a little.'

'I noticed,' Nancy said.

I got the feeling that Nancy noticed *everything!*

'Ready to go?' she asked.

'Sure.'

She opened a linen closet in the hall and handed me a purple towel. I followed her down the stairs and into the kitchen, where she grabbed two peaches out of the refrigerator and handed one to me. 'Want to meet my mom?' she asked.

'Okay,' I said, taking a bite of my peach.

'She's thirty-eight, but tells us she's twenty-five. Isn't that a scream!' Nancy snorted.

Mrs Wheeler was on the porch with her legs tucked under her and a book on her lap. I couldn't tell what book it was. She was suntanned and had the same nose as Nancy.

'Mom, this is Margaret Simon who just moved in down the street.'

Mrs Wheeler took off her glasses and smiled at me.

'Hello,' I said.

'Hello, Margaret. I'm very glad to meet you. You're from New York, aren't you?'

'Yes, I am.'

'East side or West?'

'We lived on West Sixty-seventh. Near Lincoln Center.'

'How nice. Does your father still work in the city?'

'Yes.'

'And what does he do?'

'He's in insurance.' I sounded like a computer.

'How nice. Please tell your mother I'm looking forward to meeting her. We've got a Morningbird Lane bowling team on Mondays and a bridge game every Thursday afternoon and a . . .'

'Oh, I don't think my mother knows how to bowl and she wouldn't be interested in bridge. She paints most of the day,' I explained.

'She paints?' Mrs Wheeler asked.

'Yes.'

'How interesting. What does she paint?'

'Mostly pictures of fruits and vegetables. Sometimes flowers too.'

Mrs Wheeler laughed. 'Oh, you mean *pictures*! I thought you meant walls! Tell your mother we're making our car pools early this year. We'd be happy to help her arrange hers . . . especially Sunday school. That's always the biggest problem.'

'I don't go to Sunday school.'

'You don't?'

'No.'

'*Lucky!*' Nancy shouted.

'Nancy, *please!*' Mrs Wheeler said.

'Hey, Mom . . . Margaret came to go under the

sprinkler with me, not to go through the third degree.'

'All right. If you see Evan tell him I want to talk to him.'

Nancy grabbed me by the hand and pulled me outside. 'I'm sorry my mother's so nosey.'

'I didn't mind,' I said. 'Who's Evan?'

'He's my brother. He's disgusting!'

'Disgusting how?' I asked.

'Because he's fourteen. All boys of fourteen are disgusting. They're only interested in two things – pictures of naked girls and dirty books!'

Nancy really seemed to know a lot. Since I didn't know any boys of fourteen I took her word for it.

Nancy turned on the outside tap and adjusted it so that the water sprayed lightly from the sprinkler. 'Follow the leader!' she called, running through the water. I guessed Nancy was the leader.

She jumped through the spray. I followed. She turned cartwheels. I tried but didn't make it. She did leaps through the air. I did too. She stood straight under the spray. I did the same. That's when the water came on full blast. We both got drenched, including our hair.

'Evan, you stinker!' Nancy shrieked. 'I'm telling!' She ran off to the house and left me alone with two boys.

'Who're you?' Evan asked.

'I'm Margaret. We just moved in.'

'Oh. This is Moose,' he said, pointing to the other boy.

I nodded.

'Hey,' Moose said. 'If you just moved in, ask your father if he's interested in having me cut his lawn. Five bucks a week and I trim too. What'd you say your last name was?'

'I didn't. But it's Simon.' I couldn't help thinking about what Nancy said – that all they were interested in was dirty books and naked girls. I held my towel tight around me in case they were trying to sneak a look down my bathing suit.

'*Evan! Come in here this instant!*' Mrs Wheeler hollered from the porch.

'I'm coming . . . I'm coming,' Evan muttered.

After Evan went inside Moose said, 'Don't forget to tell your father. *Moose Freed*. I'm in the phone book.'

'I won't forget,' I promised.

Moose nibbled a piece of grass. Then the back door slammed and Nancy came out, red-eyed and sniffling.

'Hey, Nancy baby! Can't you take a joke?' Moose asked.

'Shut up, animal!' Nancy yelled. Then she turned to me. 'I'm sorry they had to act like that on your first day here. Come on, I'll walk you home.'

Nancy had my clothes wrapped up in a little bundle. She was still in her wet suit. She pointed out who lived in each house between mine and hers.

'We're going to the beach for Labor Day weekend,' she said. 'So call for me on the first day of school and we'll walk together. I'm absolutely dying to know who our teacher's going to be. Miss Phipps, who we were supposed to have, ran off with some guy to California last June. So we're getting somebody new.'

When we got to my house I told Nancy if she'd wait a minute I'd give her back her bathing suit.

'I don't need it in a hurry. Tell your mother to wash it and you can give it back next week. It's an old one.'

I was sorry she told me that. Even if I'd already guessed it. I mean, probably I wouldn't lend a stranger my best bathing suit either. But I wouldn't come right out and say it.

'Oh, listen, Margaret,' Nancy said. 'On the first day of school wear loafers, but no socks.'

'How come?'

'Otherwise you'll look like a baby.'

'Oh.'

'Besides, I want you to join my secret club and if you're wearing socks the other kids might not want you.'

'What kind of secret club?' I asked.

'I'll tell you about it when school starts.'

'Okay,' I said.

'And remember – no socks!'

'I'll remember.'

We went to a hamburger place for supper. I told my father about Moose Freed. 'Only five bucks a cutting and he trims too.'

'No, thanks,' my father said. 'I'm looking forward to cutting it myself. That's one of the reasons we moved out here. Gardening is good for the soul.' My mother beamed. They were really driving me crazy with all that good-for-the-soul business. I wondered when they became such nature lovers!

Later, when I was getting ready for bed, I walked into a closet, thinking it was the bathroom. Would I ever get used to living in this house? When I finally made it into bed and turned out the light, I saw shadows on my wall. I tried to shut my eyes and not think about them but I kept checking to see if they were still there. I couldn't fall asleep.

*Are you there, God? It's me, Margaret. I'm in my new bedroom but I still have the same bed. It's so quiet here at night – nothing like the city. I see shadows on my wall and hear these funny creaking sounds. It's scary, God! Even though my father says all houses make noises and the shadows are only trees. I hope he knows what*

*he's talking about! I met a girl today. Her name's Nancy. She expected me to be very grown up. I think she was disappointed. Don't you think it's time for me to start growing, God? If you could arrange it I'd be very glad. Thank you.*

My parents don't know I actually talk to God. I mean, if I told them they'd think I was some kind of religious fanatic or something. So I keep it very private. I can talk to him without moving my lips if I have to. My mother says God is a nice idea. He belongs to everybody.



## Chapter 5

The others were already there. Janie Loomis, Gretchen Potter and Nancy. That was it. We sat around on the porch and Nancy brought us cokes and cookies. When Gretchen helped herself to six Oreos at once Nancy asked her how much weight she'd gained over the summer. Gretchen put back four cookies and said, 'Not much.'

'Did you see Laura Danker come in this morning?' Janie asked.

'Which one is she?' I said.

They all giggled. Nancy spoke to me as if she were my mother. 'Margaret dear – you can't possibly miss Laura Danker. The big blonde with the big you *know whats!*'

'Oh, I noticed her right off,' I said. 'She's very pretty.'

'Pretty!' Nancy snorted. 'You be smart and stay away from her. She's got a bad reputation.'

'What do you mean?' I asked.

'My brother says she goes behind the A&P with him and Moose.'

'And,' Janie added, 'she's been wearing a bra since fourth grade and I'll bet she gets her period.'

'Did you get it yet, Margaret?' Nancy asked.

'Get what?'

'Your period,' Nancy said, like I should have known.

'Oh – no, not yet. Did you?'

Nancy swallowed some soda and shook her head. 'None of us has yet.'

I was glad to hear that. I mean, suppose they all got it already and I was the only one who didn't. I'd feel awful.

Gretchen smacked her lips, brushed the cookie crumbs off her lap and said, 'Let's get down to business.'

'Agreed,' Nancy said. 'First of all we need a good club name this year. Everybody think up a name for our club.'

It got quiet. Everybody thought. I didn't really think but I pretended to. I didn't even know anything about the club so how could I pick out a name?

Gretchen suggested the SGCT which meant the Sixth Grade Cu-Tees. Janie said that sounded really dumb. So Gretchen told Janie if she was so smart why didn't she suggest a name. Janie suggested the MJB Girls which meant the Miles J. Benedict Girls. Nancy told Janie she'd forgotten the Jr on the end of his name. Janie got mad and excused herself to go to the bathroom.

'As long as we're on the subject,' Nancy said, 'what do you think of Miles J?'

'I think he's cute!' Gretchen giggled.

'He is – but he's too skinny,' Nancy said.

Then I finally thought of something to say. 'I wonder if he's married!'

Janie joined us again. 'My guess is no. He doesn't look married.'

'Anyhow, did you see the way he looked at Laura?' Nancy asked.

'No! Did he?' Gretchen opened her eyes wide.

'Naturally! Men can't help looking at her,' Nancy said.

'But do you think she looks that way on purpose?' I asked.

The others laughed and Nancy said, 'Oh, Margaret!' Nancy had a great way of making me feel like a dope.

Then we talked about Mr Benedict's questions and Gretchen told us that she wrote male teachers are very strict – because if Mr Benedict thought we were afraid of him he'd bend over backwards to be really easy-going and nice. I thought that was pretty clever and wished I had written it myself.

'Well, the whole idea of those questions is just to find out if we're normal,' Janie said.

I hadn't thought about that. Now it was too late. 'How can he tell if we're normal?' I asked.

'That's easy,' Nancy said. 'From the way you answered. Like if you said, I hate my mother, my father and my brother, you might be weird. Get it?'

I got it.

Nancy snapped her fingers. 'I have the perfect name for our club,' she said.

'What is it?' Gretchen asked.

'Tell us,' Janie said.

'We'll be the Four PTSs.'

'What's it stand for?' Janie asked.

Nancy tossed her hair around and smiled. 'The Pre-Teen Sensations!'

'Hey, that's good,' Gretchen said.

'I love it,' Janie squealed.

We had a secret vote to pass the club name and naturally it passed. Then Nancy decided we should all have secret sensational names such as Alexandra, Veronica, Kimberly and Mavis. Nancy got to be Alexandra. I was Mavis.

Nancy reminded us that nobody in school was to know anything about our secret club and that at secret meetings such as this we were to use our secret names. We all had to solemnly swear. Then we all had to think up a rule.

Nancy's rule was, we all had to wear bras. I felt my cheeks turn red. I wondered if the others wore them already. I didn't think Janie did because she looked down at the floor after Nancy said it.

Gretchen's rule was, the first one to get her period had to tell the others all about it. Especially how it feels. Janie's rule was, we all had to keep a Boy Book, which was a notebook with a list of

boys' names in order of how we liked them. Each week we had to change our lists and pass the Boy Books around.

Finally Nancy asked me what my rule was. I couldn't think of one to equal the others so I said, 'We meet on a certain day each week.'

'Naturally!' Nancy said. 'But *what* day?'

'Well, I don't know,' I told her.

'Okay, let's think up a good day,' Gretchen said. 'Tuesday and Thursday are out. I have to go to Hebrew school.'

'Oh Gretchen!' Janie said. 'You and that Hebrew school business. Can't you get out of it?'

'I'd love to,' Gretchen explained. 'But I've got to go one more year and then I'm through.'

'What about you, Margaret? Do you go?' Janie asked me.

'You mean to Hebrew school?'

'Yes.'

'No, I don't go,' I said.

'Margaret doesn't even go to Sunday school. Isn't that right?' Nancy asked.

'Yes,' I answered.

'How'd you arrange that?' Gretchen asked.

'I'm not any religion,' I said.

'You're not!' Gretchen's mouth fell open.

'What are your parents?' Janie asked.

'Nothing,' I said.

'How positively neat!' Gretchen said.

Then they all just looked at me and nobody said anything and I felt pretty silly. So I tried to explain. 'See uh . . . my father was Jewish and uh . . . my mother was Christian and . . .'

Nancy's face lit up. 'Go on,' she said.

This was the first time they were interested in anything I had to say. 'Well, my mother's parents, who live in Ohio, told her they didn't want a Jewish son-in-law. If she wanted to ruin her life that was her business. But they would never accept my father for her husband.'

'No kidding!' Gretchen said. 'How about your father's family?'

'Well, my grandmother wasn't happy about getting a Christian daughter-in-law, but she at least accepted the situation.'

'So what happened?' Janie asked.

'They eloped.'

'How romantic!' Nancy sighed.

'So that's why they're not anything.'

'I don't blame them,' Gretchen said. 'I wouldn't be either.'

'But if you aren't any religion, how are you going to know if you should join the Y or the Jewish Community Centre?' Janie asked.

'I don't know,' I said. 'I never thought about it. Maybe we won't join either one.'

'But *everybody* belongs to one or the other,' Nancy said.

‘Well, I guess that will be up to my parents,’ I said, ready to change the subject. I never meant to tell them my story in the first place. ‘So uh . . . what day should we meet?’

Nancy announced that Friday was no good for a meeting day because she had piano lessons. Janie said she had ballet on Wednesday so I said that only left Mondays and we agreed that Monday would be our meeting day. Next week we had to bring our Boy Books and get checked to make sure we were all wearing bras.

When the meeting was over Nancy raised her arms high above her head. She closed her eyes and whispered, ‘Here’s to the Four PTSs. Hurray!’

‘Long live the PTSs,’ we chanted.

All through supper I thought about how I was going to tell my mother I wanted to wear a bra. I wondered why she hadn’t ever asked me if I wanted one, since she knew so much about being a girl.

When she came in to kiss me goodnight I said it. ‘I want to wear a bra.’ Just like that – no beating around the bush.

My mother turned the bedroom light back on. ‘Margaret . . . how come?’

‘I just do is all.’ I hid under the covers so she couldn’t see my face.

My mother took a deep breath. ‘Well, if you

really want to we'll have to go shopping on Saturday. Okay?'

'Okay.' I smiled. My mother wasn't bad.

She turned out the light and closed my door halfway. Was I glad that was over!

*Are you there, God? It's me, Margaret. I just told my mother I want a bra. Please help me grow, God. You know where. I want to be like everyone else. You know, God, my new friends all belong to the Y or the Jewish Community Centre. Which way am I supposed to go? I don't know what you want me to do about that.*



## *Chapter 6*

That night when Grandma called she told me she'd got a subscription to Lincoln Center for the two of us. We'd meet one Saturday a month, have lunch and then go to a concert. Grandma really is clever. She knew my parents would never say no to one Saturday a month at Lincoln Center. That was culture. And they thought culture was very important. And now Grandma and I would have a chance to spend some time alone. But I was glad that Lincoln Center didn't start right away because I didn't want anything to interfere with Bra Day.

First thing on Saturday morning Moose Freed arrived to cut our lawn. My father sulked behind a sports magazine. His finger was a lot better but it was still bandaged.

I sat around outside while Moose cut the grass. I liked the way he sang as he worked. I also liked his teeth. I saw them when he smiled at me. They were very clean and white and one in the front was a little crooked. I pretended to be really busy reading a book but the truth is – I was watching Moose. If he looked towards me I put my nose back in the book in a hurry. Moose would be number one in my Boy Book if only I was brave enough, but what would Nancy think? She hated him.

After lunch my mother told my father we were going shopping. We still had our same car but my mother thought we needed two now, because there weren't any buses in Farbrook and taxis were so expensive. My father said he'd see, but I knew we'd be getting another one soon. My mother can talk my father into anything.

My mother drove to a shopping centre where there was a Lord & Taylor. I had on my blue plaid dress and my loafers without socks and three Band-Aids on my blisters.

First we went to the ladies' lingerie department where my mother told the saleslady we wanted to see a bra for me. The saleslady took one look and

told my mother we'd be better off in the teen department where they had bras in very small sizes. My mother thanked the lady and I almost died! We went down on the escalator and headed for the teen shop. They had a whole display of underwear there. Bras and panties and slips to match. All I ever wore was white underpants and regular undershirts. Sometimes a slip if I was going to a party. My mother went to the counter and told the saleslady we were interested in a bra. I stood back and pretended not to know a thing. I even bent down to scratch a new mosquito bite.

'Come here, dear,' the saleslady called.

I hate people who call you dear. I walked over to the counter and raised my right eyebrow at her.

She reached over the top of the counter and said, 'Let's measure you, dear.' She put the tape measure all the way around me and smiled at my mother. 'Twenty-eight,' she said. I felt like giving her a pinch.

Then she took out a bunch of bras and put them on the counter in front of us. My mother felt them all.

'Now, dear – I suggest the Gro-Bra. It grows *with* you. You're not quite ready for a double A. Suppose you try them on and see which is most comfortable.' She led us to a dressing room with a pink door that locked. My mother sat in the dressing room on a chair. I took off my dress. I

wasn't wearing anything underneath but pants. I picked up the first bra and stuck my arms into the straps. I couldn't fasten it in back. My mother had to help me. She adjusted the straps and felt the front of me, 'How does it feel?' she asked.

'I don't know,' I said.

'Is it too tight?'

'No.'

'Too loose?'

'No.'

'Do you like it?'

'I guess . . .'

'Try on this one.'

She got me out of the first bra and into the next one. I wondered how I'd ever learn to do it by myself. Maybe my mother would have to dress me every day.

The next bra was softer than the first. My mother explained it was made of dacron. I liked the way it felt. My mother nodded. The third one was fancy. It was lace and it made me itch. My mother said it was impractical.

The saleslady knocked on the door as I was getting back into my dress. 'How did we do? Did we find something?'

My mother told her *we* did. 'We'll take three of these,' she said, holding up the soft bra.

When we got back to the counter who should be there but Janie Loomis and her mother.

'Oh, hi, Margaret,' she said. 'I'm getting some winter pyjamas.' Her cheeks were bright red and I saw the selection of bras on the counter in front of her.

'Me too,' I said. 'I'm getting some flannel pyjamas for winter.'

'Well, see you Monday,' Janie said.

'Right – Monday.' I was plenty glad that my mother was down at the other end of the counter paying for my bras.



## Chapter 7

When I got home I carried my package straight to my room. I took off my dress and put on the bra. I fastened it first around my waist, then wiggled it up to where it belonged. I threw my shoulders back and stood sideways. I didn't look any different. I took out a pair of socks and stuffed one sock into each side of the bra, to see if it really grew with me. It was too tight that way, but I liked the way it looked. Like Laura Danker. I took the socks out and put them away.

My father congratulated me at dinner. 'Well, you're really growing up, Margaret. No more little girl.'

'Oh, Daddy!' was all I could think of to say.

On Monday I studied the boys in my class. I had to have some names for my Boy Book before three o'clock. I picked Philip Leroy because he was the best-looking one. Also Jay Hassler because he had nice brown eyes and clean fingernails. I decided to leave it at that and explain I didn't know anybody else.

Right before the bell rang Mr Benedict told us that he was going to ask us each to do a year-long individual project.

Everybody groaned.

Mr Benedict held up his hands. 'Now it's not as bad as it sounds, class. For one thing, it's personal – between each of you and me. I'm not going to ask what your topic is. I expect you to choose it yourself and work it up in your own way. The only thing I insist on is that it be something . . . uh . . . meaningful.'

More groans.

Mr Benedict looked crushed. 'I had hoped you would find this interesting.'

Poor Mr Benedict. He was really disappointed. The way he talked to us I got the feeling we made him nervous. Nobody seemed scared of him at all and you should always be a little scared of your teacher. Sometimes he just sat at his desk and looked out at us like he couldn't believe we were really there. Of course Nancy pointed out that he *never ever* called on Laura Danker. I hadn't noticed.

As we were getting in line to go home he reminded us that on Thursday we'd have a test on the first two chapters in our social studies book. He asked us to please be prepared. Most teachers never say please.

After school we went straight to Nancy's. Before we started our official meeting we talked about Mr Benedict and his project. We all agreed it was crazy and none of us could think of a single idea.

Then Nancy called the roll. 'Veronica?'

'I'm here,' Gretchen said.

'Kimberly?'

'I'm here,' Janie said.

'Mavis?'

'I'm here,' I said.

'And so am I . . . Alexandra.' Nancy closed the roll book. 'Well, let's get to it. We all feel each other's backs to make sure we're wearing our bras.'

We all were.

'What size did you get, Janie?' Gretchen asked.

'I got a Gro-Bra,' Janie said.

'Me too,' I said.

'Me too!' Gretchen laughed.

'Not me,' Nancy said, proudly. 'Mine's a thirty-two double A.'

We were all impressed.

'If you ever want to get out of those baby bras you have to exercise,' she told us.

'What kind of exercise?' Gretchen asked.

'Like this,' Nancy said. She made fists, bent her arms at the elbow and moved them back and forth, sticking her chest way out. She said, 'I must – I must – I must increase my bust.' She said it over and over. We copied her movements and chanted with her. 'We must – we must – we must increase our bust!'

'Good,' Nancy told us. 'Do it thirty-five times a day and I promise you'll see the results.'

‘Now, for our Boy Books,’ Gretchen said. ‘Is everybody ready?’

We put our Boy Books on the floor and Nancy picked them up, one at a time. She read each one and passed it around for the rest of us to see. Janie’s was first. She had seven names listed. Number one was Philip Leroy. Gretchen had four names. Number one was Philip Leroy. Nancy listed eighteen boys. I didn’t even know eighteen boys! And number one was Philip Leroy. When Nancy got to my Boy Book she choked on an ice cube from her glass of coke. When she stopped choking she read, ‘Number one – Philip Leroy.’ Everybody giggled. ‘Number two – Jay Hassler. How come you picked him?’

I was getting mad. I mean, she didn’t ask the others why they liked this one or that one, so why should I have to tell? I raised my eyebrow at Nancy, then looked away. She got the message.

When we were through, Nancy opened her bedroom door. There were Evan and Moose, eavesdropping. They followed us down the stairs and outside. When Nancy said, ‘Get lost, we’re busy,’ Evan and Moose burst out laughing.

They shouted, ‘We must – we must – we must increase our bust!’ Then they fell on the grass and rolled over and over laughing so hard I hoped they would both wet their pants.

★



## Chapter 11

By the first week in December we no longer used our secret names at PTS meetings. It was too confusing, Nancy said. Also, we just about gave up on our Boy Books. For one thing the names never changed. Nancy managed to shift hers around. It was easy for her – with eighteen boys. But Janie and Gretchen and I always listed Philip Leroy number one. There was no suspense about the whole thing. And I wondered, did they list Philip Leroy because they really liked him or were they doing what I did – making him number one because he was so good-looking. Maybe they were ashamed to write who they really liked too.

The day that Gretchen finally got up the guts to sneak out her father's anatomy book we met at my house, in my bedroom, with the door closed and a chair shoved in front of it. We sat on the floor in a circle with the book opened to the male body.

'Do you suppose that's what Philip Leroy looks like without his clothes on?' Janie asked.

'Naturally, dope!' Nancy said. 'He's male, isn't he?'

'Look at all those veins and stuff,' Janie said.

'Well, we *all* have them,' Gretchen said.

'I think they're ugly,' Janie said.

'You better never be a doctor or a nurse,' Gretchen told her. 'They have to look at this stuff all the time.'

'Turn the page, Gretchen,' Nancy said.

The next page was the male reproductive system.

None of us said anything. We just looked until Nancy told us, 'My brother looks like that.'

'How do you know?' I asked.

'He walks around naked,' Nancy said.

'My father used to walk around naked,' Gretchen said. 'But lately he's stopped doing it.'

'My aunt went to a nudist colony last summer,' Janie said.

'No kidding!' Nancy looked up.

'She stayed a month,' Janie told us. 'My mother didn't talk to her for three weeks after that. She thought it was a disgrace. My aunt's divorced.'

'Because of the nudist colony?' I asked.

'No,' Janie said. 'She was divorced before she went.'

'What do you suppose they do there?' Gretchen asked.

'Just walk around naked is all. My aunt says it's very peaceful. But I'll never walk around naked in front of anybody!'

'What about when you get married?' Gretchen asked.

'Even then,' Janie insisted.

'You're a prude!' Nancy said.

'I am not! It has nothing to do with being a prude.'

'When you grow you'll change your mind,' Nancy told her. 'You'll want everybody to see you. Like those girls in *Playboy*.'

'What girls in *Playboy*?' Janie asked.

'Didn't you ever see a copy of *Playboy*?'

'Where would I see it?' Janie asked.

'My father gets it,' I said.

'Do you have it around?' Nancy asked.

'Sure.'

'Well, get it!' Nancy told me.

'Now?' I asked.

'Of course.'

'Well, I don't know,' I said.

'Listen, Margaret – Gretchen went to all the trouble of sneaking out her father's medical book. The least you could do is show us *Playboy*.'

So I opened my bedroom door and went downstairs, trying to remember where I had seen the latest issue. I didn't want to ask my mother. Not that it was so wrong to show it to my friends. I mean, if it was so wrong my father shouldn't get it at all, right? Although lately I think he's been hiding it because it's never in the magazine rack where it used to be. Finally, I found it in his night table drawer and I thought if my mother caught

me and asked me what I was doing I'd say we were making booklets and I needed some old magazines to cut up. But she didn't catch me.

Nancy opened it right up to the naked girl in the middle. On the page before there was a story about her. It said Hillary Brite is eighteen years old.

'Eighteen! That's only six more years,' Nancy squealed.

'But look at the size of her. They're huge!' Janie said.

'Do you suppose we'll look like that at eighteen?' Gretchen asked.

'If you ask me, I think there's something wrong with her,' I said. 'She looks out of proportion!'

'Do you suppose that's what Laura Danker looks like?' Janie asked.

'No. Not yet,' Nancy said. 'But she might at eighteen!'

Our meeting ended with fifty rounds of '*We must – we must – we must increase our bust!*'



## Chapter 13

On the day of the party I talked to Nancy six times, to Janie three times and to Gretchen twice. Nancy called me back every time she changed her mind about what to wear. And each time she asked me if I was still wearing my velvet, I told her I was. The rest of the time we made our arrangements. We decided that Nancy would sleep over at my house and that Gretchen would sleep over at Janie's. Mr Wheeler would drive us all to the party and Mr Loomis would drive us home.

My mother washed my hair at two o'clock. She gave me a cream rinse too, so I wouldn't get tangles. She set it in big rollers all over my head. I sat under her hair dryer. Then she *filed* my nails with an emery board instead of just cutting them like usual. My velvet dress was already laid out on my bed along with my new underwear, party shoes and tights. My new underwear was not the

ordinary cotton kind. It was nylon, trimmed with lace around the edges. It was supposed to be one of my December tradition gifts. All afternoon I kept thinking that maybe Norman Fishbein wasn't such a drip.

After my bath I was supposed to go to my room and rest so I'd be in good shape for the party. I went to my room and closed the door – only I didn't feel like resting. What I did was move my desk chair in front of my dresser mirror. Then I stood on the chair and took off my robe. I stood naked in front of the mirror. I was starting to get some hairs. I turned around and studied myself sideways. Then I got off the chair and moved it closer to the mirror. I stood back up on it and looked again. My head looked funny with all those rollers. The rest of me looked the same.

*Are you there, God? It's me, Margaret. I hate to remind you, God . . . I mean, I know you're busy. But it's already December and I'm not growing. At least I don't see any real difference. Isn't it time, God? Don't you think I've waited patiently? Please help me.*

I hopped off the chair and sat down on the edge of my bed, putting on my clean underwear and tights. Then I stood in front of the mirror again. I didn't look at myself for very long this time.

I went into the bathroom and opened the

bottom cabinet. There was a whole box of cotton balls. *Sterile until opened*, the package said. I reached in and grabbed a few. My heart was pounding, which seemed stupid because what was I so afraid of anyway? I mean, if my mother saw me grab some cotton balls she wouldn't say anything. I use them all the time – to put calamine on my summer mosquito bites – to clean off cuts and bruises – to put on my face lotion at night. But my heart kept pounding anyway, because I knew what I was going to do with the cotton balls.

I tiptoed back to my room and closed the door. I stepped into my closet and stood in one corner. I shoved three cotton balls into each side of my bra. Well, so what if it was cheating! Probably other girls did it too. I'd look a lot better, wouldn't I? So why not!

I came out of the closet and got back up on my chair. This time when I turned sideways I looked like I'd grown. I liked it!

*Are you still there, God? See how nice my bra looks now! That's all I need – just a little help. I'll really be good around the house, God. I'll clear the table every night for a month at least! Please, God . . .*



## Chapter 14

Later, my mother brushed my hair. It came out just right, except for one piece on the left that turned the wrong way. My mother said that piece made it look very natural.

My mother and father smiled at me a lot while I was waiting for Nancy's father to pick me up. I smiled back. It was like we all knew some special secret. Only I knew they didn't know *my* special secret! At least they didn't say anything dumb like doesn't she look sweet – going to her first supper party! I'd have died!

Mr Wheeler tooted his horn at quarter to five. My mother kissed me goodbye and my father waved from his chair. 'Have fun,' he called.

The Four PTSs squeezed into the back seat of the Wheeler car (not the station wagon). Nancy's father told us it was silly to sit like that and besides it made him feel like a hired chauffeur. But all we did was giggle. Janie got her hair cut without telling us she was going to. She said she didn't know it herself until that afternoon when her mother took her to the beauty parlour and had a private talk with Mr Anthony. Then Mr Anthony started clipping away and next thing she knew – she had this new haircut. She looked like an elf.

It did a lot for her. And for a minute I thought about how I would look with the same haircut. But then I remembered how long I'd been suffering to let my hair grow. I decided it would be stupid to cut it all off.

When we got to the party Norman's mother opened the door for us. She was very tall and thin with a face like Norman's. I remembered her from the PTA square dance. Tonight she wasn't dressed like a farmer. She had on black velvet pants and some kind of top that looked like it had diamonds and rubies all over it.

'Good evening, Mrs Fishbein,' Nancy said, in a voice I'd never heard. 'Please meet my friend Margaret Simon.'

Mrs Fishbein smiled at me and said, 'Glad to meet you, Margaret.' Then she took our coats away and handed them to a maid who carried them up the stairs.

'My, you all look so pretty!' Mrs Fishbein said. 'Everyone is downstairs. Nancy, you know the way.'

I followed Nancy past the living room. The furniture was all very modern. The chairs looked like carved-out boxes and the tables were all glass. Everything was beige. At Nancy's house the furniture all has lion's paws for feet and there are a million colours. At my house the living room is

carpeted but empty. My mother is trying to decide what kind of stuff she wants.

Norman's house was pretty big, because I had to follow Nancy through at least four more rooms before we got to a door leading downstairs.

It looked like most of my class was already there. Including Laura Danker, who I thought looked gorgeous in a soft pink dress with her hair all loose, kind of hanging in her face.

The boys had on sport jackets and some wore ties. Philip Leroy had on a tie the first time I saw him but a few minutes later the tie was gone and his shirt was unbuttoned around the neck. Soon after that, not one boy had his jacket on. They were all in a big heap in the corner.

Mostly, the girls stayed on one side of the room, and the boys on the other. As soon as everyone was there Mrs Fishbein brought out the food. All kinds of sandwiches and a big dish of cut-up hotdogs in beans. I took some of that and some potato salad and sat down at a table with Janie, Nancy and Gretchen. There were six little tables so practically everyone had a place to sit. As soon as we were all served Mrs Fishbein and the maid went back upstairs.

I'm not sure who started blowing the mustard through a straw up at the ceiling. I only know that I saw Philip Leroy yell, 'Watch this, Freddy!' as he

aimed his straw. I saw the mustard fly up and make a yellow splotch on the white ceiling.

Mrs Fishbein didn't come downstairs again until dessert time. At first she didn't see the ceiling. But she did see the mess on the buffet table. When she looked up she sucked in her breath and the room got very quiet. 'What is that on my ceiling?' she asked Norman.

'Mustard,' Norman answered.

'I see,' Mrs Fishbein replied.

That was all she said but she looked at every one of us with an I-don't-know-why-your-parents-never-taught-you-any-manners look. Then Mrs Fishbein stood close to our table and said, 'I'm sure these girls aren't responsible for this mess.' We smiled at her, but I saw Philip Leroy stick out his tongue at us.

'Now I'm going upstairs to get your dessert,' Mrs Fishbein said, 'and I expect you to behave like ladies and gentlemen.'

Dessert was tiny cupcakes in all different colours. I ate two chocolate ones before Freddy Barnett came over to our table. 'I'm sure these girls didn't do anything naughty!' he mimicked. 'These girls are so sweet and good.'

'Oh shut up!' Nancy told him, standing up. She was as tall as he was.

'Why don't you shut up, *know it all!*'

'Cut it out, Lobster!' Nancy hollered.

'Who's lobster?'

'You are!' Nancy gritted her teeth.

Freddy grabbed hold of Nancy and for a minute I thought he was going to hit her.

'Take your lobster claws off me!' Nancy yelled.

'Make me,' Freddy told her.

Nancy whirled around but Freddy had hold of her dress by the pocket and next thing we knew Freddy still had the pocket but Nancy was across the room.

'Oh! He ripped off my pocket!' Nancy screamed.

Freddy looked like he couldn't believe it himself. But there he was, holding Nancy's pocket. There wasn't any hole in Nancy's dress – just some loose threads where her pocket used to be. Nancy ran up the stairs and returned a few minutes later with Mrs Fishbein.

'He tore off my pocket,' Nancy said, pointing to Freddy Barnett.

'I didn't mean to,' Freddy explained. 'It just came off.'

'I am shocked at your behaviour. *Simply shocked!*' Mrs Fishbein said. 'I don't know what kind of children you are. I'm not going to send you home because your parents expect you to be here until nine and it's only seven now. But I'm telling you this – any more hanky-panky and I'll call each and

every one of your mothers and fathers and report this *abominable* behaviour to them!

Mrs Fishbein marched back up the stairs. We couldn't hold back our giggles. It was all so funny. *Hanky-panky* and *abominable*!

Even Nancy and Freddy had to laugh. Then Norman suggested that we play games to keep out of trouble. 'The first game is Guess Who,' Norman said.

'Guess Who?' Janie asked. 'How do you play that?'

Norman explained. 'See, I turn off all the lights and the boys line up on one side and the girls on the other and then when I yell *Go* the boys run to the girls' side and try to guess who's who by the way they feel.'

'No, thank you,' Gretchen said. 'That's disgusting!'

'Above the neck, Gretchen,' Norman said. 'Only above the neck.'

'Forget it,' Gretchen said and we all agreed. Especially me – I kept thinking of those six cotton balls. They weren't so far below my neck.

'Okay,' Norman said. 'We'll start with Spin the Bottle.'

'That's corny!' Philip Leroy shouted.

'Yeah,' the other boys agreed.

'We have to start with something,' Norman said. He put a green bottle on the floor.

We sat in a big circle, around the green bottle. Norman told us his rules. 'You got to kiss whoever's nearest to where the bottle points. No fair boy kissing boy or girl kissing girl.'

Norman spun first. He got Janie. He bent down and gave her a kiss on the cheek, near her ear but up higher. He ran back to his place in the circle. Everybody laughed. Then Janie had to spin. She got Jay. She put her face next to his but she kissed the air instead of him.

'No fair!' Norman called out. 'You've got to *really* kiss him.'

'Okay, okay,' Janie said. She tried again. She made it this time, but far away from his mouth.

I felt a lot safer knowing it would all be cheek kissing. I held my breath every time somebody turned the bottle, waiting to see who would get me and wondering who I would get. When Gretchen got Philip Leroy she could hardly stand up. She kept biting her lip and finally she went over to him and gave him the quickest kiss you ever saw. Then I really couldn't breathe because I thought, if he gets me I'll faint. I closed my eyes. When I opened them I saw the bottle pointing straight at Laura Danker. She looked down and when Philip bent to kiss her I think all he got was her forehead and some loose hair.

That's when Jay said, 'This is *really* stupid. Let's play Two Minutes in the Closet.'

‘What’s that?’ Norman asked.

Jay explained. ‘We all get a number and then somebody starts by calling like – number six – and those two go in the closet for two minutes and uh . . . well, you know.’

‘We don’t have a closet down here,’ Norman said. ‘But we do have a bathroom.’

Norman didn’t waste any time getting some paper and pencils. He scribbled the numbers on a big sheet of paper – odd ones for the boys, evens for the girls. Then he tore each number off and put first the evens, then the odds in his father’s hat. We all picked. I got number twelve.

I was half scared and half excited and I wished I had been experimenting like Nancy. Nancy would know what to do with a boy in the dark, but what did I know? Nothing!

Norman said he’d go first because it was his party. Nobody argued. He stood up and cleared his throat. ‘Number uh . . . number sixteen,’ he said.

Gretchen squealed and jumped up.

‘Bye bye you two,’ Nancy said. ‘Don’t be long!’ Long! They were back in three seconds.

‘Hey! I thought you said two minutes,’ Philip Leroy called.

‘Two minutes is as long as you can stay,’ Norman said. ‘But you don’t have to stay that long if you don’t want to.’

Gretchen called number three which was Freddy Barnett and I hoped I'd remember to never call number three.

Then Freddy called number fourteen and got Laura Danker. We all giggled. I wondered how he would kiss her because I didn't think he could reach her face unless he stood on something. Maybe he'll stand on the toilet seat, I thought. And then I couldn't stop laughing at all.

When they came out of the bathroom Laura's face was as red as Freddy's and I thought that was pretty funny for a girl who goes behind the A&P with boys.

Laura called her number very softly. 'Seven,' she said.

Philip Leroy stood up and smiled at the boys. He pushed his hair off his face and walked to the bathroom with his hands stuffed in his pockets. I kept thinking that if he really liked her he'd call her number back and the two of them would be in the bathroom together for the rest of the party.

When they came out Philip was still smiling but Laura wasn't. Nancy poked me and gave me her knowing look. I was so busy watching Laura that I didn't hear Philip call number twelve.

'Who's twelve?' Philip asked. 'Somebody must be twelve.'

'Did you say twelve?' I asked. 'That's me.'

'Well, come on, Margaret.'

I stood up knowing I'd never be able to make it across the recreation room to the bathroom, where Philip Leroy was waiting to kiss me. I saw Janie, Gretchen and Nancy smiling at me. But I couldn't smile back. I don't know how I got to the bathroom. All I know is I stepped in and Philip shut the door. It was hard to see anything.

'Hi, Margaret,' he said.

'Hi, Philip,' I whispered. Then I started to giggle.

'I can't kiss you if you don't stop laughing,' he said.

'Why not?'

'Because your mouth is open when you laugh.'

'You're going to kiss me on the mouth?'

'You know a better place?'

I stopped laughing. I wished I could remember what Nancy said that day she showed me how to kiss her pillow.

'Stand still, Margaret,' Philip told me.

I stood still.

He put his hands on my shoulders and leaned close. Then he kissed me. A really fast kiss! Not the kind you see in the movies where the boy and girl cling together for a long time. While I was thinking about it, Philip kissed me again. Then he opened the bathroom door and walked back to his place.

'Call a number, Margaret,' Norman said. 'Hurry up.'

I couldn't even think of a number. I wanted to call Philip Leroy's number. But I couldn't remember it. So I called number nine and got Norman Fishbein!

He was really proud. Like I'd picked him on purpose. Ha! He practically ran to the bathroom.

After he closed the door he said, 'I really like you, Margaret. How do you want me to kiss you?'

'On the cheek and fast,' I said.

He did it just that way and I quickly opened the door and walked away from the bathroom. And that was it!

Later, at my house, Nancy told me she thought I was the luckiest girl in the world and maybe it was fate that brought me and Philip Leroy together.

'Did he kiss good?' she asked.

'Pretty good,' I said.

'How many times?' she asked.

'About five. I lost count,' I told her.

'Did he *say* anything?'

'Nothing much.'

'Do you still like him?'

'Of course!'

'Me too.'

'Good night, Nancy.'

'Good night, Margaret.'



## Chapter 15

During the second week in January Mr Benedict announced that the sixth-grade girls were going to see a movie on Friday afternoon. The sixth-grade boys were not going to see the movie. At that time they would have a discussion with the boy's gym teacher from the junior high.

Nancy passed me a note. It said, *Here we go – the big deal sex movie.*

When I asked her about it she told me the PTA sponsors it and it's called *What Every Girl Should Know.*

When I went home I told my mother, 'We're going to see a movie in school on Friday.'

'I know,' my mother said. 'I got a letter in the mail. It's about menstruation.'

'I already *know* all about that.'

'I know *you* know,' my mother said. 'But it's important for *all* the girls to see it in case their mothers haven't told them the facts.'

'Oh.'

On Friday morning there was a lot of giggling. Finally, at two o'clock, the girls lined up and went to the auditorium. We took up the first three rows of seats. There was a lady on the stage, dressed in a grey suit. She had a big behind. Also, she wore a hat.

'Hello, girls,' she said. She clutched a hanky which she waved at us sometimes. 'I'm here today to tell you about *What Every Girl Should Know*, brought to you as a courtesy of the Private Lady Company. We'll talk some more after the film.' Her voice was smooth, like a radio announcer's.

Then the lights went out and we saw the movie. The narrator of the film pronounced it menstroo-ation. 'Remember,' the voice said, 'it's menstroo-action.' Gretchen, who was next to me, gave me a kick and I kicked Nancy on the other side. We held our hands over our mouths so we wouldn't laugh.

The film told us about the ovaries and explained why girls menstroo-ate. But it didn't tell us how it feels, except to say that it is not painful, which we knew anyway. Also, it didn't really show a girl getting it. It just said how wonderful nature was and how we would soon become women and all

that. After the film the lady in the grey suit asked if there were any questions.

Nancy raised her hand and when Grey Suit called on her Nancy said, 'How about Tampax?'

Grey Suit coughed into her hanky and said, 'We don't advise *internal protection* until you are considerably older.'

Then Grey Suit came down from the stage and passed out booklets called *What Every Girl Should Know*. The booklet recommended that we use Private Lady sanitary supplies. It was like one big commercial. I made a mental note never to buy Private Lady things *when* and *if* I ever needed them.

For days after that whenever I looked at Gretchen, Janie or Nancy we'd pretend to be saying menstroo-ation. We laughed a lot. Mr Benedict told us we'd have to settle down since we had a lot to learn before we'd be ready for the seventh grade.

One week later Gretchen got it. We had a special PTS meeting that afternoon.

'I got it last night. Can you tell?' she asked us.

'Oh, Gretchen! You lucky!' Nancy shrieked. 'I was sure I'd be first. I've got more than you!'

'Well, that doesn't mean much,' Gretchen said, knowingly.

'How did it happen?' I asked.

'Well, I was sitting there eating my supper when I felt like something was dripping from me.'

'Go on – go on,' Nancy said.

'Well, I ran to the bathroom, and when I saw what it was I called my mother.'

'And?' I asked.

'She yelled that she was eating.'

'And?' Janie said.

'Well, I yelled back that it was important.'

'So – so—' Nancy prompted.

'So . . . uh . . . she came and I showed her,' Gretchen said.

'Then what?' Janie asked.

'Well, she didn't have any stuff in the house. She uses Tampax herself – so she had to call the drugstore and order some pads.'

'What'd you do in the meantime?' Janie asked.

'Kept a wash cloth in my pants,' Gretchen said.

'Oh – you didn't!' Nancy said, laughing.

'Well, I had to,' Gretchen said.

'Okay – so then what?' I asked.

'Well . . . in about an hour the stuff came from the drugstore.'

'Then what?' Nancy asked.

'My mother showed me how to attach the pad to my underpants. Oh . . . you know . . .'

Nancy was mad. 'Look Gretchen, did we or did we not make a deal to tell each other absolutely everything about getting it?'

'I'm telling you, aren't I?' Gretchen asked.

'Not enough,' Nancy said. 'What's it *feel* like?'

'Mostly I don't feel anything. Sometimes it feels like it's dripping. It doesn't hurt coming out – but I had some cramps last night.'

'Bad ones?' Janie asked.

'Not bad. Just different,' Gretchen said. 'Lower down, and across my back.'

'Does it make you feel older?' I asked.

'Naturally,' Gretchen answered. 'My mother said now I'll really have to watch what I eat because I've gained too much weight this year. And she said to wash my face well from now on – with soap.'

'And that's it?' Nancy said. 'The whole story?'

'I'm sorry if I've disappointed you, Nancy. But really, that's all there is to tell. Oh, one thing I forgot. My mother said I may not get it every month yet. Sometimes it takes a while to get regular.'

'Are you using that Private Lady stuff?' I asked.

'No, the drugstore sent *Teenage Softies*.'

'Well, I guess I'll be next,' Nancy said.

Janie and I looked at each other. We guessed so too.

When I went home I told my mother, 'Gretchen Potter got her period.'

'Did she really?' my mother asked.

'Yes,' I said.

'I guess you'll begin soon too.'

'How old were you, Mom – when you got it?'

'Uh . . . I think I was fourteen.'

'*Fourteen!* That's crazy. I'm not waiting until I'm fourteen.'

'I'm afraid there's not much you can do about it, Margaret. Some girls menstruate earlier than others. I had a cousin who was sixteen before she started.'

'Do you suppose that could happen to me? I'll die if it does!'

'If you don't start by the time you're fourteen I'll take you to the doctor. Now stop worrying!'

'How can I stop worrying when I don't know if I'm going to turn out normal?'

'I promise, you'll turn out normal.'

*Are you there, God? It's me, Margaret. Gretchen, my friend, got her period. I'm so jealous, God. I hate myself for being so jealous, but I am. I wish you'd help me just a little. Nancy's sure she's going to get it soon, too. And if I'm last I don't know what I'll do. Oh please, God. I just want to be normal.*

Nancy and her family went to Washington over Lincoln's birthday weekend. I got a postcard from her before she got back which means she must

have mailed it the second she got there. It only had three words on it.

*I GOT IT!!!*

I ripped the card into tiny shreds and ran to my room. There was something wrong with me. I just knew it. And there wasn't a thing I could do about it. I flopped on to my bed and cried. Next week Nancy would want to tell me all about her period and about how grown up she was. Well, I didn't want to hear her good news!

*Are you there, God? It's me, Margaret. Life is getting worse every day. I'm going to be the only one who doesn't get it. I know it, God. Just like I'm the only one without a religion. Why can't you help me? Haven't I always done what you wanted? Please . . . let me be like everybody else.*



## Chapter 17

On the first Sunday in March Nancy invited me to spend the day in New York with her family. Evan brought Moose. It was pretty exciting riding all the way to the city with Moose Freed in the same car, except the Wheelers used their station wagon. The boys sat in the back and Nancy and I were in the middle, so if I wanted to see Moose I had to turn around and if I ride looking backwards like that I get car sick.

We went to Radio City Music Hall. Grandma used to take me there when I was little. My parents always say it's strictly for the tourists. I wanted to sit next to Moose but he and Evan found two seats off by themselves.

After the show the Wheelers took us to the Steak Place for dinner. Nancy and I ordered, then excused ourselves to go to the ladies' room. We were the only two in there, which was lucky for us because there were only two toilets and we both had to go pretty bad. Just as I was finishing up I heard Nancy moan.

'Oh no – oh no—'

'What is it, Nancy?' I asked.

'Oh please – oh no—'

'Are you okay?' I banged on the wall separating us.

'Get my mother – quick!' she whispered.

I stood in front of her booth then. 'What's wrong?' I tried the door but it was locked. 'Let me in.'

Nancy started to cry. 'Please get my mother.'

'Okay. I'm going. I'll be right back.'

I raced to our table in the dining room, hoping Nancy wouldn't faint or anything like that before I got back with her mother.

I whispered to Mrs Wheeler, 'Nancy's sick. She's in the bathroom crying and she wants you.'

Mrs Wheeler jumped up and followed me back to the ladies' room. I could hear Nancy sobbing.

'Nancy?' Mrs Wheeler called, trying the door.

'Oh Mom – I'm so scared! Help me – please.'

'The door's locked, Nancy. I can't get in,' Mrs Wheeler said. 'You've got to unlock it.'

'I can't – I can't—' Nancy cried.

'I could crawl under and open it from the other side,' I suggested. 'Should I?' I asked Mrs Wheeler.

She nodded.

I gathered my skirt around my legs so it wouldn't drag on the floor and crawled under the door. Nancy's face was buried in her hands. I unlocked the door for Mrs Wheeler, then waited outside by the sinks. I wondered if Nancy would have to

go to the hospital or what. I hoped she didn't have anything catching.

In a few minutes Mrs Wheeler opened the door a crack and handed me some change. 'Margaret,' she said, 'would you get us a sanitary napkin please?' I must have given her a strange look because she said, 'From the dispenser on the wall, dear. Nancy's menstruating.'

'Does she always act like that?'

'It's her first time,' Mrs Wheeler explained. 'She's frightened.' Nancy was still crying and there was a lot of whispering going on.

I couldn't believe it! Nancy, who knew everything! She'd lied to me about her period. She'd never had it before!

I put the change into the machine and pulled the lever. The sanitary napkin popped out in a cardboard box. I handed it to Mrs Wheeler.

'Nancy, calm down,' I heard her mother say. 'I can't help you if you don't stop crying.'

Suppose I hadn't been along that day? I'd never have found out about Nancy. I almost wished I hadn't.

Finally Nancy and her mother came out of the booth and Mrs Wheeler suggested that Nancy wash up before coming back to the table. 'I'm going to tell the others not to worry,' she said. 'Don't be too long, girls.'

I didn't know what to say. I mean, what can

you say when you've just found out your friend's a liar!

Nancy washed her hands and face. I handed her two paper towels to dry herself. 'Are you okay?' I asked. I felt kind of sorry for Nancy then. I want my period too, but not enough to lie about it.

Nancy faced me. 'Margaret, please don't tell.'

'Oh Nancy . . .'

'I mean it. I'd die if the others knew. Promise you won't tell about me,' she begged.

'I won't.'

'I thought I had it that time. You know . . . I didn't just make it all up. It was a mistake.'

'Okay,' I said.

'You won't tell?'

'I said I wouldn't.'

We walked back to the table and joined the others for dinner. Our steaks were just being served. I sat next to Moose. He smelled very nice. I wondered if he shaved because the nice smell reminded me of my father's aftershave lotion. I got to touch his hand a couple of times because he was a lefty and I'm a righty so now and then we'd bump. He said he always has that trouble at round tables. He was definitely number one in my Boy Book, even if nobody knew it but me.

I could only finish half of my steak. The Wheelers took the other half home in a doggie

bag. I knew they didn't have a dog but naturally I didn't tell the waitress.

*Are you there, God? It's me, Margaret. Nancy Wheeler is a big fake. She makes up stories! I'll never be able to trust her again. I will wait to find out from you if I am normal or not. If you would like to give me a sign, fine. If not, I'll try to be patient. All I ask is that I don't get it in school because if I had to tell Mr Benedict I know I would die. Thank you, God.*



## Chapter 18

On March eighth I was twelve years old. The first thing I did was sniff under my arms, the way my mother does. Nothing! I didn't smell a thing. Still, now that I was twelve, I decided I'd better use deodorant, just in case. I went into my parents' bathroom and reached for my mother's roll-on. When I got dressed I went down to the kitchen for breakfast.

'Happy Birthday, Margaret!' my mother sang, bending over to kiss me while I was drinking my orange juice.

'Thank you, Mom,' I said. 'I used your deodorant.'

My mother laughed. 'You don't have to use mine. I'll get you your own.'

'You will?' I asked.

'Sure, if you want to use it regularly.'

'Well, I think I'd better. I'm twelve now, you know.'

'I know – I know.' My mother smiled at me while she cut some banana on to my cereal.

Grandma sent me a hundred-dollar savings bond as she does every year – plus three new sweaters with MADE EXPRESSLY FOR YOU . . . BY GRANDMA labels in them, a new bathing suit and an airline

ticket to Florida! Round trip, leaving from Newark Airport at noon on April fourth. Was I excited!

In school Mr Benedict shook my hand and wished me a lot of good luck in the coming year. He led the class in singing 'Happy Birthday' to me. Nancy, Janie and Gretchen chipped in and bought me the new Mice Men record album. They gave it to me at lunch. Nancy mailed me a separate birthday card signed, *A million thanks to the best friend a girl could ever have*. I guess she was still scared I'd give away her secret.

That afternoon Mr Benedict announced that for the next three weeks a part of each school day would be devoted to committee work. We were going to do projects on different countries. Janie, Nancy, Gretchen and I gave each other looks saying we'd work together, of course.

But that sneaky Miles J. Benedict! He said that since he wanted us to work with people we hadn't worked with before he had made up the committees already. Well, that's a first-year teacher for you! Didn't he know that was a bad idea? Didn't he know he was supposed to let us form our own committees? Teachers never come right out and say they've picked who you should work with. It's bad enough that they fool you a lot by pretending to let you choose a subject when they know all along what you're going to do. But this was ridiculous!

I guess Mr Benedict didn't think it was ridiculous because he was already reading out names of committees. Each group had four kids in it. Two boys and two girls, with one group left over that had three girls. I really couldn't believe it when he read my group. Norman Fishbein, Philip Leroy, Laura Danker and me! I glanced sideways at Janie. She rolled her eyes at me. I raised my eyebrow back at her.

Mr Benedict asked us to rearrange our desks into our groups. I was going to have to talk to Laura Danker! There would be no way of getting out of it. I was also going to be spending a lot of time with Philip Leroy, which was pretty exciting to think about.

The first thing Philip did after we moved our desks together was to sing to me.

'Happy Birthday to you,  
You live in a zoo,  
You look like a monkey,  
And you smell like one too!'

Then he pinched me on the arm – really hard! Enough to make tears come to my eyes. He said, 'That's a pinch to grow an inch. And you know where you need that inch!'

I knew it was just a joke. I knew I shouldn't take it seriously. For one thing, I did not smell

like a monkey. I was wearing deodorant! And for another thing, it was none of Philip Leroy's business whether or not I needed to grow an inch *anywhere*! As far as I was concerned, Nancy could have him. They deserved each other.

To make matters worse I had to sit facing Laura Danker. I hated her. I hated her for being so big and beautiful and having all the boys stare at her, including Mr Benedict. Also, I hated her because she knew she was normal and I didn't know a thing about me! I hated Mr Benedict too – for sticking me with Norman Fishbein. Norman was such a drip!

So all in all my birthday, which started out to be the most perfect day of my life, ended up being pretty rotten. I couldn't wait for spring vacation to come. The only good thing I had to look forward to was my trip to Florida. I was sick of school.



## Chapter 19

At home my mother said she'd never seen me in such a bad mood. The mood lasted the whole three weeks of that dumb committee project. To top off everything else our group voted three to one to report on Belgium. I wanted a more exciting country, like France or Spain. But I lost.

So I ate, breathed and slept Belgium for three weeks. Philip Leroy was a lousy worker. I found that out right away. All he did was fool around. During project time, while Laura, Norman and I were busy looking things up in reference books, Philip was busy drawing funny faces in his notebook. On two days he sneaked comic books inside his notebook and read them instead. Norman Fishbein tried hard but he was so slow! And I couldn't stand the way he read with his lips moving. Laura was a good worker. But of course, I never told her that *I* thought so.

During the third week of Project Belgium Laura and I got permission to stay after school and work in the library. We needed more time with the encyclopedias. My mother was going to pick me up in front of the school at four-thirty. Laura was going to walk from school to church because she had to go to Confession.

Now that really started me thinking. For one thing, I never knew she was Catholic. For another, I wondered what she said in Confession. I mean, did she talk about what she did with boys? And if she did, what did the priest say to her? Did she go to Confession every time she did something bad? Or did she save it all up and go once a month?

I was so busy thinking about Laura and the Confessional that I nearly forgot about Belgium. And probably I never would have said anything at all if it hadn't been for Laura. She picked on me first. So she was really to blame for the whole thing.

'You're copying that straight out of the *World Book* word for word,' she whispered to me.

'So?'

'Well, you can't do that,' she explained. 'You're supposed to read it and then write about it in your own words. Mr Benedict will *know* if you've copied.'

Normally I don't copy word for word. I know the rules as well as Laura. But I was busy thinking about other things and anyway, who did Laura think she was giving orders like that? Big shot!

So I said: 'Oh, you think you're so great, don't you!'

And she said: 'This has nothing to do with being great.'

And I said: 'I know all about you anyway!'

And she said: 'What's *that* supposed to mean?'

And the librarian said: 'Girls – let's be more quiet.'

And then Laura went back to work. But I didn't.

'I heard all about you and Moose Freed,' I whispered.

Laura put down her pencil and looked at me.

'You heard *what* about me and Moose Freed?'

'Oh – about how you and Evan and Moose go behind the A&P,' I said.

'What would I do *that* for?' Laura asked.

She was really thick! 'I don't know what *you* do it for. But I know why *they* do it . . . they do it so they can *feel* you or something and *you* let them!'

She shut the encyclopedia hard and stood up. Her face was burning red and I saw a blue vein stick out in her neck. 'You filthy liar! You *little pig!*' Nobody ever called me such names in my whole life.

Laura scooped up her books and her coat and ran out of the library. I grabbed my things and followed her.

I was really being awful. And I hadn't even planned it. I sounded like Nancy. That's when it hit me that for all I knew Nancy made up that story about Laura. Or maybe Moose and Evan made it up just to brag. Yes, I bet they did! Moose was a big liar too!

'Hey Laura! Wait up,' I called.

She walked fast – probably because her legs were so long. I chased her. When I finally caught up to her I could hardly breathe. Laura kept walking and wouldn't look at me. I didn't blame her. I walked alongside her. I took four steps to every two of hers.

'Look,' I told her. 'I'm not saying it's wrong to do those things.'

'I think it's disgusting that you pick on me because I'm big!' Laura said, sniffing.

I wanted to tell her to blow her nose. 'I didn't mean to insult you,' I said. 'You're the one who started it.'

'Me? That's a good one! You think it's such a great game to make fun of me, don't you?'

'No,' I said.

'Don't you think I know all about *you* and your friends? Do you think it's any fun to be the biggest kid in the class?'

'I don't know,' I said. 'I never thought about it.'

'Well, try thinking about it. Think about how you'd feel if you had to wear a bra in fourth grade and how everybody laughed and how you always had to cross your arms in front of you. And about how the boys called you dirty names just because of how you looked.'

I thought about it. 'I'm sorry, Laura,' I said.

'I'll bet!'

‘I really am. If you want to know the truth . . . well, I wish I looked more like you than like me.’

‘I’d gladly trade places with you. Now, I’m going to Confession.’ She walked on mumbling something about how the wrong ones always confessed.

And I thought, maybe she’s right. Maybe I was the one who should confess.

*Are you there, God? It's me, Margaret. I did an awful thing today. Just awful! I'm definitely the most horrible person who ever lived and I really don't deserve anything good to happen to me. I picked on Laura Danker. Just because I felt mean I took it all out on her. I really hurt Laura's feelings. Why did you let me do that? I've been looking for you, God. I looked in temple. I looked in church. And today, I looked for you when I wanted to confess. But you weren't there. I didn't feel you at all. Not the way I do when I talk to you at night. Why, God? Why do I only feel you when I'm alone?*



## Chapter 22

The next morning I stayed in my room. I wouldn't even go down for breakfast. I caught myself starting to say, *Are you there, God*, but then I remembered that I wasn't talking to him anymore. I wondered if he would strike me down. Well, if he wanted to, that was his business!

By afternoon I couldn't stand being in the house, so I asked my mother to drive me downtown to meet Janie for a movie. My mother agreed that I needed to get away for a few hours. Janie and I met at the drugstore on the corner, across the street from the movie theatre. We were twenty minutes early so we went into the drugstore to look around. Mostly we liked to inspect the sanitary napkin display.

After a few minutes of looking, I whispered to Janie, 'Let's buy a box.' It was something I'd thought about for a while, but wasn't ever brave enough to do. Today I was feeling brave. I thought, so what if God's mad at me. Who cares? I even tested him by crossing the street in the middle *and* against the light. Nothing happened.

'Buy it for what?' Janie asked.

'Just in case,' I told her.

'You mean to keep at home?'

'Sure. Why not?'

'I don't know. My mother might not like it,' Janie said.

'So don't tell her.'

'But what if she sees it?'

'It'll be in a bag. You can say it's school supplies,' I said. 'Do you have enough money?'

'Yes.'

'Okay. Now, what kind should we buy?' I asked.

'How about *Teenage Softies*?' Janie said. 'That's the kind Gretchen uses.'

'Okay.' I took a box of *Teenage Softies* off the shelf. 'Well, go ahead,' I said to Janie. 'Take yours.'

'Okay, okay.' Janie took a box too.

I also grabbed a blue pocket comb to make it look like we were really shopping.

We walked to the check-out counter with our stuff and walked away just as fast when we saw that there was a boy behind the cash register.

'I can't go through with it,' Janie whispered. She put her box back on the shelf. 'I'm scared.'

'Don't be a dope. What's to be...?' I was interrupted by a saleslady in a blue doctor's coat.

'Can I help you, girls?' she asked.

Janie shook her head but I said, 'We'd like these

please.' I took Janie's box back off the shelf and showed the saleslady what we'd selected.

'Fine, girls. Take them up to the cash register and Max will wrap them for you.'

Janie didn't move. She looked like she was cemented to the floor. She had this dumb expression on her face – between crying and smiling. So I grabbed her box and headed for Max and the cash register. I plopped everything down in front of him and just stood there not looking at his face and not saying anything either. He added it all up and I motioned to Janie to give me her money. Then I said, 'Two bags, please.' Max took my money, gave me some change, which I didn't bother to count, and presented me with two brown bags. That was all there was to it! You'd think he sold that kind of stuff every day of the week.

When I got home from the movies my mother asked, 'What's that package?'

I said, 'School supplies.'

I went to my room with my purchases. I sat down on my bed staring at the box of *Teenage Softies*. I hoped God was watching. Let him see I could get along fine without him! I opened the box and took out one pad. I held it for a long time.

Finally I got up and went to my closet. It was dark in there. Especially with the door closed.

I wished I had a huge walk-in closet with a light and a lock. But I managed anyway. I stuck the pad between my legs, then pulled up my underpants. I wanted to find out how it would feel. Now I knew. I liked it. I thought about sleeping with my pad that night, but decided against it. If there was a fire my secret might be discovered. So I took it out, put it back in its box and hid it in my bottom desk drawer. My mother never checks there because the mess makes her positively sick!



## Chapter 25

On June seventeenth the PTA gave us a farewell party in the gym and none of the sixth grade wore socks. I wore my first pair of sheer stockings and got my first run in them one hour later. All I could think of was I'd be in seventh grade in September and I was growing up. My mind knew it – even if my body didn't.

The party in the gym was a lot like the Thanksgiving square dance. Mrs Wheeler and Mrs Fishbein were chaperones but this time they were dressed in regular clothes.

Our class presented Mr Benedict with a pair of silver cufflinks that Gretchen's mother had got wholesale. He seemed very pleased, because he cleared his throat a lot and sounded like he didn't know what to say except thank you – and that although we hadn't started out to be the greatest sixth grade in the world, we'd come a long way. And thanks to us, next year, he'd be an experienced teacher – *very experienced!* Then we all laughed and some of the girls cried but I didn't.

Nancy, Gretchen, Janie and I had lunch downtown by ourselves and talked about how it would feel to go to Junior High. Janie was afraid she wouldn't be able to find her way around and she'd

get lost. Gretchen said probably the teachers would be all mean and Nancy said suppose we weren't in any classes together and then we all went home and cried.

Later that day my mother started packing my camp trunk. I watched her put the stacks of shorts and polos into it. Then I heard the lawn mower. Moose was back. First I got excited about seeing him and then I got mad, thinking about Laura and those stories he helped spread around.

I ran downstairs and outside and yelled, 'Hey, Moose!' He didn't hear me because the mower made too much noise. So I ran over to where he was cutting and I stood right in his way so he'd have to notice me and I shouted again. 'Hey, Moose!'

He shut off the mower. 'You're in my way,' he said.

'I want to tell you something,' I said.

'Go ahead.'

I put my hands on my hips. 'You know what, Moose! You're a liar! I don't believe you ever took Laura Danker behind the A&P'

'Who said I did?'

'What do you mean who said it!'

'Well, who?'

'Nancy told me that Evan told her that you and Evan—' I stopped. I sounded like an idiot.

Moose shook his head at me. 'You always believe everything you hear about other people?' he asked.

I didn't know what to say.

Moose kept talking. 'Well, next time, don't believe it unless you see it! Now if you'll move out of my way, I've got things to do!'

I didn't move. 'You know what, Moose?' I asked.

'What now?'

'I'm sorry I thought you were a liar.'

'You know what, Margaret?' Moose asked me.

'No, what?'

'You're still in my way!'

I jumped away and Moose turned the mower on again. I heard him singing his favourite song – about the Erie Canal.

I went back into the house. I had to go to the bathroom. I was thinking about Moose and about how I liked to stand close to him. I was thinking that I was glad he wasn't a liar and I was happy that he cut our grass. Then I looked down at my underpants and I couldn't believe it. There was blood on them. Not a lot – but enough. I really hollered, '*Mom – hey Mom – come quick!*'

When my mother got to the bathroom she said, 'What is it? What's the matter?'

'I got it,' I told her.

'Got what?'

I started to laugh and cry at the same time.

'My period. I've got my period!' My nose started running and I reached for a tissue.

'Are you sure, Margaret?' my mother asked.

'Look – look at this,' I said, showing her my underpants.

'My God! You've really got it. My little girl!' Then her eyes filled up and she started sniffing too. 'Wait a minute – I've got the equipment in the other room. I was going to put it in your camp trunk, just in case.'

'You were?'

'Yes. Just in case.' She left the bathroom.

When she came back I asked her, 'Is it that Private Lady stuff?'

'No, I got you *Teenage Softies*.'

'Good,' I said.

'Now look, Margaret – here's how you do it. The pad fits inside your panties and—'

'Mom,' I said. 'I've been practising in my room for two months!'

Then my mother and I laughed together and she said, 'In that case, I guess I'll wait in the other room.'

I locked the bathroom door and peeled the paper off the bottom of the pad. I pressed the sticky strip against my underpants. Then I got dressed and looked at myself in the mirror. Would anyone know my secret? Would it show? Would Moose, for instance, know if I went back outside to talk

to him? Would my father know it right away when he came home for dinner? I had to call Nancy and Gretchen and Janie right away. Poor Janie! She'd be the last of the PTSs to get it. And I'd been so sure it would be me! How about that! Now I am growing for sure. Now I am almost a woman!

*Are you still there, God? It's me, Margaret. I know you're there, God. I know you wouldn't have missed this for anything! Thank you, God. Thanks an awful lot . . .*